

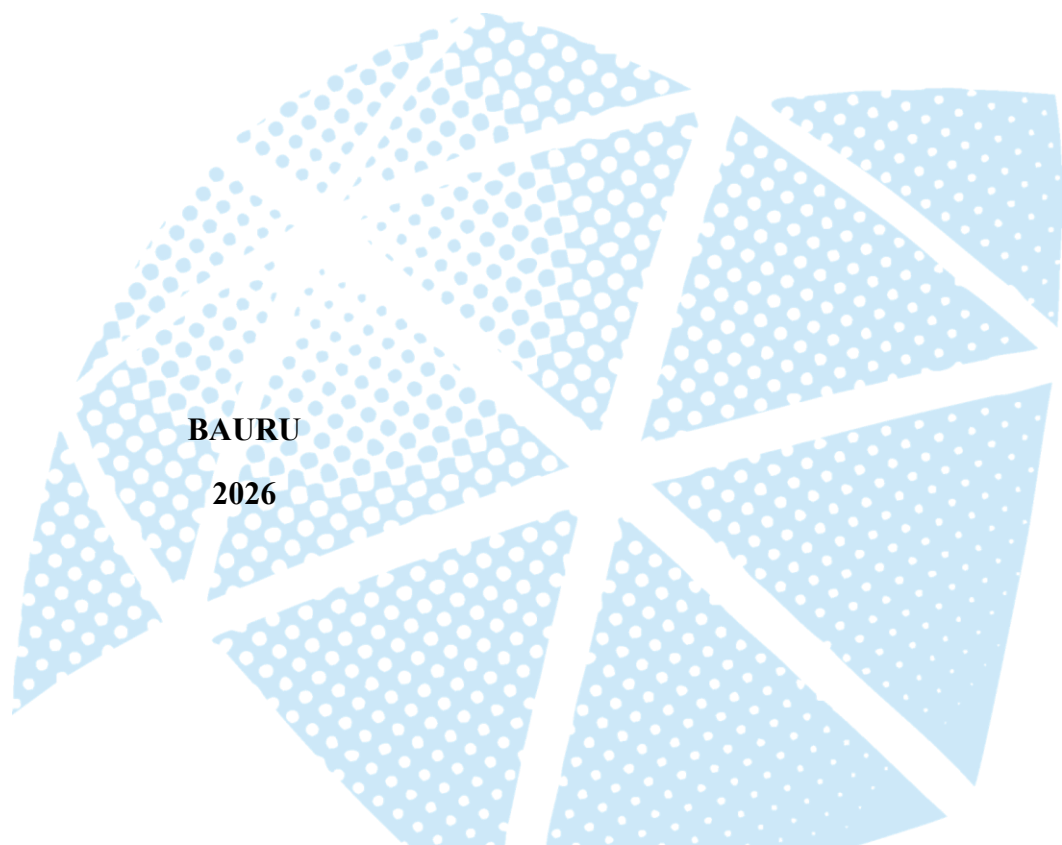
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” -
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

ISIS DA SILVA BIANCO

**O REPÓRTER COMO PROTAGONISTA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
JORNALISMO GONZO NA SÉRIE “VIVER NAS RUAS”**

BAURU

2026



ISIS DA SILVA BIANCO

**O REPÓRTER COMO PROTAGONISTA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
JORNALISMO GONZO NA SÉRIE “VIVER NAS RUAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Bauru, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Cristina Camargo

BAURU

2026

B578r Bianco, Isis da Silva
O repórter como protagonista : um estudo de caso sobre o jornalismo gonzo na série "Viver nas Ruas" / Isis da Silva Bianco. -- Bauru, 2026
111 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Aline Cristina Camargo

1. Jornalismo Gonzo. 2. Jornalismo Literário. 3. Reportagem em Primeira Pessoa. 4. Viver nas Ruas. 5. Imersão. I. Título.

ISIS DA SILVA BIANCO

**O REPÓRTER COMO PROTAGONISTA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
JORNALISMO GONZO NA SÉRIE “VIVER NAS RUAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Bauru, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo sob orientação da Profa. Dra. Aline Cristina Camargo.

Bauru, 29 de julho de 2026.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Aline Cristina Camargo.

UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Câmpus de Bauru.

Professora Dra. Alana Nogueira Volpato.

UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Câmpus de Bauru.

Professora Dra. Patrícia Veronica Moreira

UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Câmpus de Bauru.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho, muitas pessoas foram fundamentais ao longo do caminho. Acredito que devo começar agradecendo àqueles que já não estão mais entre nós, começando pela minha avó, Giuseppina Carnevale Bianco, que sempre apoiou minhas escolhas, mesmo quando elas me levavam para longe, e que me amou incondicionalmente até o último dia. Agradeço também ao meu pai, Luiz Bianco, cujo maior sonho era ver a filha formada e que nunca deixou de tentar me proporcionar uma vida melhor.

Agradeço à minha mãe, que apoiou meu sonho e tornou possível minha permanência na universidade, mesmo nos momentos mais difíceis.

Também preciso agradecer aos meus amigos Gabi, Emily, Vitória e Davi, que seguraram minha mão durante todos esses anos de curso e não me deixaram desistir, apesar da saudade de casa. Quero agradecer ainda ao meu namorado, Vinícius Mendes Kohl, que, desde o início do nosso relacionamento, se mostrou meu maior admirador e parceiro.

Agradeço especialmente à minha orientadora, professora Aline Cristina Camargo, que abraçou este projeto e me ajudou a desenvolver algo que jamais imaginei ser capaz de realizar. Agradeço também às professoras que compõem a banca examinadora, Alana Nogueira Volpato e Patricia Veronica Moreira, pelo olhar acolhedor dedicado aos seus alunos ao longo do curso. Gostaria também de agradecer à professora Vivianne Lindsay Cardoso por ter sido um grande apoio durante a graduação, sempre disposta a escutar e ajudar nas dificuldades.

Por fim, agradeço à Universidade Estadual Paulista pelos anos de aprendizado, não apenas acadêmico, mas também por tudo o que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e humano.

RESUMO

Este trabalho analisa a reportagem especial *Viver nas Ruas* publicada pela jornalista Rebeca Kritsch dentro da perspectiva do jornalismo gonzo, estilo narrativo de não-ficção que aborda práticas que valorizam a presença do repórter na construção da narrativa e a aproximação com a experiência vivida. Publicada em setembro de 1995 pelo jornal Estado de São Paulo e relançada como livro em 2025, a reportagem narra a vivência da repórter durante o período em que viveu como uma moradora de rua na cidade de São Paulo utilizando-se da narrativa em primeira pessoa e da experiência imersiva para viabilizar um enquadramento referente a questões de vulnerabilidade social vividas por essa população muitas vezes ignoradas pelos grandes veículos de mídia. Como justificativa para este trabalho, busca-se compreender como a experiência do repórter e a forma como a notícia é construída podem alterar a percepção do público a respeito de temas de caráter social, além de despertar interesse por narrativas que se afastam do modelo tradicional do *hard news*. Segundo Mauro Porto (2004), a mídia exerce poder simbólico ao selecionar, enfatizar e excluir determinados pontos de vista dentro da produção jornalística. Dessa forma, a percepção do público acerca de assuntos pouco debatidos ou frequentemente estigmatizados pode ser prejudicada pela maneira como essas narrativas são construídas e apresentadas. Portanto, o objetivo deste trabalho é investigar de que modo a imersão e a centralidade da voz da jornalista produzem sentidos, moldam enquadramentos e influenciam a representação da realidade social retratada. A metodologia baseia-se em um estudo de caso, articulando a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), a análise de enquadramento desenvolvida por Mauro Porto (2004) e duas entrevistas semiestruturadas realizadas com Rebeca Kritsch sobre o processo de produção da reportagem. Os resultados indicam que a narrativa em primeira pessoa fortalece a humanização da cobertura, amplia o valor-serviço da reportagem e favorece enquadramentos que conferem maior visibilidade e complexidade à realidade da população em situação de rua.

Palavras-chave: jornalismo gonzo; jornalismo literário; primeira pessoa; reportagem; *Viver nas Ruas*.

ABSTRACT

This study analyzes the special report *Viver nas Ruas* ("Living on the Streets"), published by journalist Rebeca Kritsch, from the perspective of gonzo journalism, a non-fiction narrative style that emphasizes the reporter's presence in the construction of the narrative and close engagement with lived experience. Originally published in September 1995 by *O Estado de S. Paulo* and republished as a book in 2025, the report recounts the journalist's experience of living as a homeless person in the city of São Paulo. Through first-person narration and immersive reporting, it frames issues of social vulnerability experienced by the homeless population, which are often overlooked by mainstream media outlets. This research seeks to understand how the reporter's experience and the way news is constructed can influence public perceptions of social issues, while also drawing attention to narrative forms that depart from the traditional *hard news* model. According to Mauro Porto (2004), the media exercises symbolic power by selecting, emphasizing, and excluding certain perspectives in journalistic production. Consequently, public understanding of subjects that are rarely discussed or frequently stigmatized may be shaped by the ways in which these narratives are constructed and presented. The objective of this study is to investigate how immersion and the centrality of the journalist's voice produce meaning, shape media frames, and influence the representation of the social reality portrayed in the report. The methodology is based on a case study that combines content analysis, as proposed by Laurence Bardin (2016), framing analysis developed by Mauro Porto (2004), and two semi-structured interviews conducted with Rebeca Kritsch about the report's production process. The findings indicate that first-person narration strengthens the humanization of news coverage, enhances the report's public service value, and promotes frames that provide greater visibility and complexity to the reality of people experiencing homelessness.

Keywords: gonzo journalism; literary journalism; first person, reporting; *Viver nas Ruas*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 JORNALISMO E DEMOCRACIA	12
2 JORNALISMO GONZO	18
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
3.1 Categorias	31
3.1.1 Personagens	31
3.1.2 Instituições	36
3.1.3 Espaços	37
3.1.4 Elementos gráficos	40
3.1.5 Dados	41
3.1.6 Uso da Primeira Pessoa no Discurso e Imersão	43
3.2 Entrevistas	46
3.2.1 Trajetória e identidade profissional	46
3.2.2 Compromisso do Jornalismo com as pautas sociais	47
3.2.3 Experimentações no Jornalismo Gonzo	48
3.2.4 Ética no Jornalismo Gonzo	49
3.2.5 Processos produtivos e rotinas jornalísticas	50
3.2.6 Narrativa jornalística e inovação de formato	51
3.2.7 Representação da população em situação de rua	53
3.2.8 Impactos da reportagem	54
3.2.9 Riscos, limites e fronteiras da prática jornalística	56
3.2.10 Classificação e identidade da prática jornalística	57
3.2.11 Retomada da reportagem 30 anos depois	59
3.2.12 Gênero e vulnerabilidade social	60
3.2.13 Referências de jornalismo social no Brasil e no exterior	61
3.2.14 Possibilidade e limites da reportagem atualmente	62
3.2.15 Experiência de produção na série Redescobrimdo o Brasil	63
3.2.16 Dilemas éticos ontem e hoje	65
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
APÊNDICE A – Entrevista com Rebeca Kritsch em 22/12/2025	72
APÊNDICE B - Entrevista com Rebeca Kritsch em 18/05/2026	93

INTRODUÇÃO

O jornalismo contemporâneo atravessa um período de transformações profundas, marcado por mudanças nas formas de narrar, de experienciar e de mediar a realidade social. Nesse cenário, cresce o interesse por modelos narrativos que rompem com a rigidez da objetividade tradicional e valorizam a presença do repórter como sujeito partícipe dos acontecimentos. Entre essas abordagens, destaca-se a narrativa em primeira pessoa, que busca aproximar o leitor da experiência vivida, oferecendo relatos mais sensíveis, contextualizados e imersivos. Esse movimento ganha relevância diante da crise de credibilidade que atinge os meios de comunicação e da necessidade de reconstruir vínculos de confiança entre jornalismo e público.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é investigar de que modo a imersão e a centralidade da voz da jornalista produzem sentidos, moldam enquadramentos e influenciam a representação da realidade social retratada. Ao examinar esses elementos discursivos e suas implicações éticas, estéticas e profissionais, busca-se compreender como esse modelo narrativo contribui para aproximar o leitor da experiência vivida e para reforçar o valor social do jornalismo.

Para alcançar esse objetivo geral, o estudo se desdobra em três objetivos específicos complementares. Em primeiro lugar, busca-se verificar como a subjetividade do repórter, expressa por meio da narrativa em primeira pessoa, aparece e interage com práticas jornalísticas associadas ao serviço público e ao compromisso social da profissão. Em seguida, pretende-se avaliar em que medida a série oferece valor para o público, compreendendo esse valor como o fornecimento de informações relevantes, a oferta de contexto interpretativo e a presença de utilidade social no conteúdo produzido. Por fim, procura-se identificar, nos textos que compõem a série, os processos de seleção, ênfase e exclusão de aspectos da realidade narrada, tomando como referência a concepção de enquadramento proposta por Mauro Porto (2004), a fim de compreender como essas escolhas discursivas contribuem para a construção dos sentidos apresentados ao leitor.

A série especial *Viver nas Ruas* (1995), de Rebeca Kritsch, constitui um marco desse estilo narrativo ao inserir a repórter como protagonista na investigação da realidade urbana. Ao vivenciar por uma semana a rotina de pessoas em situação de rua, a jornalista não apenas observa, mas experimenta o espaço social que retrata, mobilizando códigos culturais como empatia, dor, solidariedade e choque. Com isso, compreender como a presença da repórter molda tais sentidos

torna-se fundamental para analisar os efeitos éticos, discursivos e sociais desse modelo narrativo no jornalismo contemporâneo.

A escolha do tema “o repórter como protagonista: um estudo de caso sobre o jornalismo gonzo na série viver nas ruas” justifica-se pela importância de compreender formas específicas de discurso jornalístico, particularmente no que diz respeito à voz do repórter e ao seu papel na construção narrativa. O estudo da narrativa em primeira pessoa permite analisar como se configuram escolhas de enquadramento que interferem diretamente na relação entre jornalista, leitor e realidade social representada.

O objeto de pesquisa, a série de reportagens *Viver nas Ruas* veiculada pelo jornal O Estado de S. Paulo em 1995, é estratégico por representar um exemplo claro da presença da voz do repórter como protagonista no jornalismo impresso brasileiro. Ao centralizar essa voz, a série possibilita examinar as marcas discursivas e os efeitos de sentido que emergem dessa opção, além de permitir refletir sobre as implicações éticas, narrativas e profissionais dessa estratégia. Embora publicada há três décadas, a reportagem permanece pertinente para compreender desafios do jornalismo contemporâneo, uma vez que antecipa discussões hoje centrais sobre a presença do repórter na narrativa, a busca por maior credibilidade, a valorização de experiências imersivas e a representação de grupos socialmente vulnerabilizados. Nesse sentido, sua análise permite refletir sobre questões que permanecem atuais, apesar das profundas transformações tecnológicas e das mudanças no ecossistema midiático.

O jornalismo, por ser uma Ciência Social Aplicada, está intrinsecamente ligado à mediação das relações sociais e à interpretação dos problemas coletivos, configurando-se como uma prática que ultrapassa a simples transmissão de fatos para atuar na construção compartilhada do conhecimento público. Essa dimensão social e epistemológica torna imprescindível a análise das escolhas discursivas e estéticas adotadas, sobretudo quando estas aproximam o relato jornalístico da experiência vivida.

Além disso, o estudo da série *Viver nas Ruas* (1995) incorpora um olhar sobre a crise contemporânea de credibilidade do jornalismo no Brasil. Segundo o relatório Digital News Report¹, do Reuters Institute, menos de 50% da população confia nas notícias tradicionais, fato que exige reflexões sobre as estratégias narrativas capazes de restabelecer vínculos de confiança com

¹ Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/brazil?ref=nucleo.jor.br>. Acesso em: 14/05/2026.

o público. A narrativa em primeira pessoa, ao destacar o envolvimento do repórter, pode constituir uma dessas estratégias ao conferir autenticidade e empatia à reportagem.

Outro aspecto que reforça a relevância deste estudo é a relação entre a narrativa imersiva utilizada por Rebeca Kritsch na série *Viver nas Ruas* (1995) e o contexto contemporâneo de infodemia², caracterizado pelo excesso incessante de informações que circulam diariamente e que frequentemente gera confusão, dispersão e fadiga no público. Em contraste com esse fluxo informacional, a proposta de um jornalismo estruturado a partir da presença direta do repórter, de sua experiência situada e de uma narrativa que organiza a realidade de forma mais profunda e contextualizada apresenta-se como uma alternativa capaz de recuperar a densidade do relato jornalístico.

Nesse sentido, a imersão não busca competir em volume, mas em significado. Ao acompanhar a vivência da repórter e suas interações com o espaço social retratado, o leitor acessa um percurso interpretativo que reduz ruídos, reordena prioridades e devolve ao jornalismo o papel de mediador qualificado, oferecendo maior clareza em meio ao excesso informacional. Assim, o estudo torna-se relevante não apenas para compreender transformações narrativas no jornalismo, mas também para analisar como essas transformações dialogam com desafios contemporâneos de visibilidade, atenção e eficácia comunicativa.

A metodologia deste trabalho adota uma abordagem qualitativa, estruturada a partir do estudo de caso da série especial *Viver nas Ruas* (1995), publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo. Além da análise da obra, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com a jornalista Rebeca Kritsch, com o objetivo de compreender aspectos do processo de produção da reportagem e de suas escolhas narrativas. Para atingir esse propósito, serão aplicadas análise de conteúdo, de Bardin (2016) e análise de enquadramento, baseada nos princípios de seleção, ênfase e exclusão descritos por Mauro Porto (2004), com o objetivo de examinar como determinados aspectos da realidade são organizados e destacados na narrativa jornalística, influenciando a construção de sentidos sobre a experiência retratada na série.

O jornal O Estado de S. Paulo, conhecido como Estadão, foi fundado em 1875 sob o nome A Província de São Paulo por um grupo de republicanos. Desde então, consolidou-se como referência no jornalismo brasileiro, acompanhando e influenciando o cenário político e social nacional. Com a evolução tecnológica, o veículo passou a atuar no formato digital ainda na década

² Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 14/05/2026.

de 1990, ampliando sua atuação para além do impresso. Atualmente, o Estadão está presente em múltiplas plataformas, como portal digital, rádio, *podcasts* e *newsletters*. Conforme dados do Mídia Kit de 2025³ do Grupo Estado, o veículo alcança cerca de 73,5 milhões de impactos mensais multiplataforma, mantém 1,8 milhão de leitores na versão impressa e possui 17,3 milhões de seguidores nas redes sociais, reafirmando sua importância no ambiente midiático contemporâneo.

Rebeca Kritsch é jornalista com atuação voltada ao jornalismo investigativo e narrativo. Iniciou sua carreira aos 19 anos na Folha de S. Paulo e posteriormente trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, onde se destacou como repórter e editora do caderno Zap!, criado por ela em 1993. Em 1995, recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo com a série *Viver nas Ruas* (1995), objeto de estudo deste projeto, na qual viveu por uma semana como moradora de rua em São Paulo com o objetivo de retratar a realidade dessa população com profundidade e sensibilidade. Além dessa série, realizou coberturas especiais em diversas regiões do Brasil, trabalho que resultou no livro *Redescobrimo o Brasil*. Seu trabalho no Estadão também inclui reportagens internacionais nos Estados Unidos, Europa e Ásia, consolidando uma trajetória marcada pela busca por narrativas humanas e pela investigação de contextos sociais complexos.

A análise de conteúdo, conforme apresentada por Bardin (2016), é uma metodologia essencial nas ciências humanas para examinar sistematicamente o conteúdo manifesto das comunicações. No presente projeto, a análise de conteúdo será utilizada para examinar a reportagem *Viver nas Ruas* (1995), permitindo categorizar temas recorrentes, estruturas narrativas e as escolhas discursivas do jornalista. Essa técnica possibilitará a identificação de padrões que evidenciam a intencionalidade comunicativa por trás do texto, além de permitir compreender a relação entre a experiência subjetiva da repórter e a construção jornalística da realidade abordada. A análise seguirá as etapas delineadas por Bardin (2016), que envolvem a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Já a análise de enquadramento, proposta por Mauro Porto (2004), constitui uma metodologia relevante nos estudos sobre o jornalismo ao buscar compreender como os meios de comunicação selecionam, enfatizam e excluem determinados aspectos da realidade, organizando a forma como os acontecimentos são interpretados e lembrados pelo público. O enquadramento

³ Disponível em: https://bluestudio.estadao.com.br/wp-content/uploads/MIDIA-KIT-ESTADAO-2025-V1_Tabela_precosptx.pdf. Acesso em: 14/05/2026.

constitui, portanto, um processo de construção simbólica que envolve tanto escolhas editoriais quanto práticas discursivas.

No processo de seleção, o jornalista e a equipe editorial determinam quais elementos da realidade serão incluídos na narrativa, estabelecendo aquilo que é considerado relevante ou digno de notícia. A ênfase refere-se à maneira como esses elementos são destacados, seja pela repetição, pela escolha de palavras, pelo posicionamento no texto ou pelo uso de recursos narrativos capazes de orientar a interpretação do leitor. Já a exclusão diz respeito àquilo que é deixado de fora da narrativa, como perspectivas, personagens ou informações que poderiam modificar o sentido predominante do relato.

A análise de enquadramento neste trabalho buscará identificar como essas três dimensões se manifestam na série *Viver nas Ruas* (1995) e de que forma contribuem para construir uma determinada visão sobre a vida nas ruas e sobre o papel do repórter imerso nesse contexto. Além disso, o projeto pretende avaliar como determinados conceitos jornalísticos são mobilizados na obra, com destaque para o valor-serviço, entendido como a capacidade da reportagem de oferecer informações relevantes e socialmente úteis ao público. Dessa forma, a pesquisa busca identificar e discutir, a partir desses referenciais teóricos e metodológicos, de que modo a narrativa em primeira pessoa transforma a função do repórter e influencia a construção da realidade apresentada na série *Viver nas Ruas* (1995), estabelecendo conexões entre subjetividade, serviço público e enquadramento jornalístico.

No plano teórico, a pesquisa está organizada em dois capítulos. O primeiro aborda a relação entre jornalismo e democracia, discutindo o papel da imprensa na construção da agenda pública, na mediação dos conflitos sociais e na formação do debate público. Para isso, são mobilizadas contribuições da teoria do *Agenda Setting* (McCombs; Shaw, 1972), bem como reflexões de autores como Luiz Martins da Silva (2010), Mauro Porto (2004) e Danilo Rothberg (2010), que discutem a qualidade do jornalismo, os enquadramentos midiáticos e suas implicações para o funcionamento da esfera democrática.

O segundo capítulo teórico dedica-se ao jornalismo gonzo, abordando práticas que valorizam a presença do repórter na construção da narrativa e a aproximação com a experiência vivida. Nesse campo, são discutidas influências do *New Journalism*, como as contribuições de jornalistas como Tom Wolfe (2005) e Truman Capote (2003), do jornalismo gonzo e das contribuições da antropologia para o jornalismo, com destaque para reflexões sobre subjetividade,

imersão e representação social presentes nos trabalhos de Cláudia Lago (2010) e Mariana Pitasse Fragoso (2024). Esses referenciais permitem compreender como formas narrativas que enfatizam a experiência do repórter podem ampliar a capacidade interpretativa do jornalismo e oferecer novas formas de mediação da realidade social.

O terceiro capítulo apresenta e discute os resultados da pesquisa, articulando a análise de conteúdo de Bardin (2016) à análise de enquadramento de Mauro Porto (2004). A partir da investigação da série *Viver nas Ruas* e das entrevistas realizadas com a jornalista Rebeca Kritsch, são examinadas categorias como personagens, instituições, espaços, elementos gráficos, dados e o uso da primeira pessoa e da imersão, buscando compreender como a narrativa organiza a realidade retratada e produz sentidos sobre a população em situação de rua. Também são discutidos aspectos relacionados aos processos de produção da reportagem, aos dilemas éticos da imersão, ao compromisso social do jornalismo e às possibilidades contemporâneas do jornalismo gonzo.

Por fim, o quarto capítulo reúne as considerações finais da pesquisa, retomando os objetivos propostos e sintetizando os principais resultados obtidos. São discutidas as contribuições da narrativa em primeira pessoa e imersão para a construção de enquadramentos mais humanizados, para a ampliação do valor social da reportagem e para a compreensão do papel do repórter como protagonista na mediação da realidade, além de serem apontadas as limitações do estudo e possibilidades para pesquisas futuras.

1 JORNALISMO E DEMOCRACIA

O jornalismo constitui um dos pilares fundamentais para o funcionamento das democracias modernas, atuando como intermediário entre o Estado e a sociedade civil, responsável por informar, fiscalizar e promover o debate público. Muito mais do que um simples repassador de fatos, o jornalismo desempenha a função estratégica de construir a agenda pública, processo pelo qual determinados temas ganham destaque na esfera social e política. Essa centralidade do jornalismo se dá especialmente no que se denomina teoria da *Agenda Setting* (McCombs e Shaw, 1972), que demonstra como a mídia molda a percepção pública ao destacar determinados assuntos e, conseqüentemente, influenciar as prioridades políticas e sociais.

A partir dos estudos pioneiros de McCombs e Shaw (1972) na década de 1970, a teoria do *Agenda Setting* solidificou-se como uma das principais lentes para entender a relação entre mídia, política e sociedade, mostrando que o que os meios escolhem enfatizar impacta diretamente as discussões no âmbito público e as políticas adotadas pelos governantes. Essa teoria evidencia que o jornalismo não apenas transmite notícias, mas participa ativamente da construção do significado do que é relevante para a sociedade. Essa discussão torna-se especialmente pertinente quando se consideram grupos socialmente vulnerabilizados, como a população em situação de rua. A visibilidade, ou invisibilidade, conferida a essas questões pela cobertura jornalística influencia sua inserção no debate público e pode contribuir para ampliar ou restringir a compreensão social sobre as condições que produzem essa realidade.

No contexto brasileiro recente, um exemplo evidente da influência da agenda midiática sobre políticas públicas e debates institucionais é a criação do Observatório da Violência Contra Jornalistas e Comunicadores Sociais, formalizado por meio da Portaria nº 116/2025 do Ministério da Justiça e Segurança Pública⁴. O Observatório, resultado de reivindicação histórica da sociedade civil e de entidades representativas do jornalismo, foi implementado em resposta ao aumento das agressões, ameaças e tentativas de intimidação judicial e econômica contra profissionais da imprensa, especialmente após episódios de extrema gravidade como os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. O papel do jornalismo, portanto, ultrapassa o plano informativo e ingressa no campo político, moldando debates e demandas sociais.

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/secretaria-nacional-de-justica-senajus/portaria-observatorio-dos-jornalistas.pdf>. Acesso em: 14/05/2026.

Luiz Martins da Silva (2010) oferece uma análise que enfatiza a natureza contraditória do jornalismo dentro das democracias contemporâneas. “O jornalismo, como qualquer atividade humana e social concebida no contexto de um embate entre forças emancipatórias e forças conservadoras, acaba sendo tangido pelas contradições históricas, atendendo a dois senhores ao mesmo tempo” (Silva, 2010, p. 8).

Para ele, o jornalismo atravessa uma constante tensão entre interesses mercadológicos e a missão pública de fortalecer a cidadania. O autor argumenta que o jornalismo só cumpre plenamente seu papel democrático quando transcende a simples veiculação de informações e contribui ativamente para o desenvolvimento do senso crítico, estimulando a reflexão coletiva, o diálogo social e a responsabilização dos gestores públicos diante da sociedade.

Além disso, Silva (2010) propõe que a qualidade jornalística pode ser compreendida de acordo com os diferentes níveis de apropriação da notícia. Inicialmente, o jornalismo oferece a objetivação, apresentando os fatos de maneira acessível ao público. Em um segundo estágio, há a subjetivação, que explora interpretações e sentidos possíveis sobre os mesmos fatos, valorizando perspectivas distintas. Finalmente, destaca-se a intersubjetivação, em que a notícia passa a ser elemento de diálogo coletivo, estimulando debates, questionamentos e disputas simbólicas entre diversos agentes sociais.

A notícia encontraria, então, seu sentido e seu valor muito mais na apropriação coletiva dos ‘fatos’ narrados (na gênese narrativa) e re-narrados na confluência do caudal das versões contributos [discursividade]. E essa apropriação coletiva se daria em dois patamares básicos, o primeiro, da utilidade-interesse-serviço; o segundo, do uso denotativo-conotativo-pragmático, a notícia como uma práxis e, portanto, como uma ação transformadora socialmente autônoma - e não dirigida (manipulada ou seduzida) por parte deste ou daquele segmento (em detrimento de outros) (Silva, 2010, p. 14).

Esse processo, como reforça o autor, é indispensável para a construção de uma opinião pública ativa e capaz de intervir sobre os rumos das políticas públicas.

Por fim, o autor enfatiza que o jornalismo, quando se orienta pelo interesse público, atua como mediador legítimo dos conflitos democráticos e espaço privilegiado para a circulação de ideias, reivindicações e demandas sociais. Dessa forma, cabe ao jornalismo investir em posturas éticas e deliberativas pois é nesse espaço que o jornalismo reforça sua legitimidade na sociedade democrática. Assim, a imprensa deve comprometer-se não só com a veracidade dos fatos, mas

também com a responsabilidade de promover debates substanciais que possam resultar em avanços concretos para a coletividade. Nesse sentido, temas relacionados à população em situação de rua evidenciam a importância de um jornalismo orientado pelo interesse público, capaz de ultrapassar abordagens circunstanciais e favorecer uma compreensão mais ampla dos problemas sociais e das respostas formuladas pelo Estado.

Já Mauro Porto (2004), em seu texto sobre os enquadramentos da mídia e política, propõe uma revisão crítica do conceito clássico de objetividade jornalística. Para Porto (2004), a mídia exerce poder simbólico não apenas quando é explicitamente parcial, mas sobretudo quando estrutura a realidade política a partir de matrizes ideológicas e institucionais profundas, muitas vezes presentes de forma inconsciente nos processos de seleção e produção de notícias.

Inspirado na definição de *framing* de Robert Entman (1993), Porto (2004) destaca que todo texto jornalístico inevitavelmente faz escolhas: ele seleciona certos aspectos da realidade e os torna mais salientes, definindo problemas, responsáveis, julgamentos e possíveis soluções. Com isso, o enquadramento se torna um instrumento fundamental para revelar como o jornalismo constrói hegemonias e disputas simbólicas, sendo a mídia entendida não mais como simples mediadora neutra dos fatos, mas como um ator político central na produção dos sentidos sociais. Ao adotar o conceito de enquadramento como paradigma de análise, Porto (2004) reforça que compreender como a mídia enquadra os fatos é também compreender como a sociedade define seus principais debates e constrói sua própria realidade política.

Danilo Rothberg (2010) aprofunda o debate ao relacionar qualidade jornalística e democracia com o conceito de enquadramento (*framing*). Para o autor, os enquadramentos funcionam como marcos interpretativos que dão forma e significado àquilo que será noticiado, ativando esquemas cognitivos nos públicos e orientando modos de pensar, sentir e agir em relação à esfera pública.

Rothberg (2010) destaca que o enquadramento temático é essencial para o jornalismo ocupar função verdadeiramente democrática. Esse tipo de abordagem requer que jornalistas considerem as expectativas das pessoas diretamente afetadas por decisões políticas, examinem tendências históricas, obstáculos, exemplos de experiências similares em outros contextos e promovam a expressão equilibrada das diferentes perspectivas sociais envolvidas no debate.

Ao propor esse padrão de cobertura, Rothberg (2010) evidencia que o pluralismo, o equilíbrio e o aprofundamento analítico trazidos pelo enquadramento temático são instrumentos

que ajudam o jornalismo a superar a fragmentação, o superficialismo e a busca excessiva por entretenimento, fatores que podem ser nocivos para o debate democrático. Do seu ponto de vista, ao falhar em oferecer abordagens temáticas, o jornalismo dificulta que cidadãos compreendam as políticas públicas como instrumentos de transformação coletiva, erodindo a confiança nas instituições e nos próprios processos democráticos.

Assim, será avaliada, precisamente, a qualidade do enquadramento: deve-se verificar se ele contém pluralismo e equilíbrio, oferecendo um tratamento temático, ou se é meramente fragmentado e superficial, nos formatos de jogo, conflito, episódico e estratégico, que pouco contribuem para a formação do sujeito político desejado pelas democracias contemporâneas maduras (Rothberg, 2010, p. 63).

Por isso, para Rothberg (2010), a análise crítica do enquadramento é um caminho necessário para fortalecer a função social do jornalismo, potencializando sua contribuição à cidadania e ao pluralismo democrático. Essa perspectiva mostra-se particularmente relevante na cobertura de fenômenos complexos, como a situação de rua, cuja compreensão exige contextualização histórica, social e institucional, em vez de abordagens limitadas a acontecimentos isolados.

A reflexão sobre o papel do jornalismo na democracia também pode ser aprofundada a partir das contribuições de Murilo César Soares (2009), que propõe superar interpretações simplificadoras acerca da relação entre mídia e esfera pública. Para o autor, o debate sobre jornalismo e democracia frequentemente se estrutura em torno de posições antagônicas que tendem a reduzir a complexidade do fenômeno comunicacional. De um lado, há perspectivas que atribuem à imprensa um papel essencialmente positivo, entendendo-a como instrumento indispensável para a transparência institucional, para o controle social do poder e para a circulação de informações necessárias ao exercício da cidadania. De outro, encontram-se abordagens que enfatizam os vínculos entre os meios de comunicação e estruturas de poder econômico e político, destacando a possibilidade de manipulação simbólica ou de reprodução de interesses dominantes no interior do sistema midiático (Soares, 2009).

Essa dicotomia, que o autor denomina como antinomias do debate entre jornalismo e democracia, revela a necessidade de compreender os meios informativos a partir de uma perspectiva mais complexa, capaz de reconhecer simultaneamente suas potencialidades e limitações. “A democracia complexa demanda tanto uma imprensa socialmente abrangente

desejada pela teoria republicana quanto uma imprensa militante, segmentada, exigida pela teoria pluralista, apta a representar a pluralidade da sociedade” (Soares, 2009, p. 108).

Nesse sentido, a análise proposta por Soares (2009) dialoga diretamente com as reflexões de Mauro Porto (2004) sobre enquadramento midiático, uma vez que ambos reconhecem que a produção jornalística envolve processos de seleção e interpretação que estruturam simbolicamente a realidade social. Assim como Porto (2004) demonstra que todo texto jornalístico seleciona determinados aspectos da realidade e os torna mais salientes, Soares (2009) destaca que a imprensa participa ativamente da construção das representações sociais que orientam o debate público.

De maneira semelhante, a teoria da *Agenda Setting* formulada por McCombs e Shaw (1972) demonstra que os meios de comunicação exercem influência significativa na definição dos temas que passam a ocupar posição central no debate público. A contribuição de Soares (2009) amplia essa discussão ao enfatizar que a atuação dos meios informativos não se restringe à visibilidade dos temas, mas envolve também a produção de representações sociais que orientam as formas pelas quais esses temas são interpretados na esfera pública. “Ou seja, não é razoável supor que o jornalismo possa substituir os cidadãos, que são os detentores do poder, mas ele pode contribuir com sua atuação específica: agendar temas para o debate público racional” (Soares, 2009, p. 147). Nesse contexto, o jornalismo deve ser compreendido como uma prática inserida nas dinâmicas da esfera pública democrática, participando da construção simbólica das questões sociais e políticas que estruturam o debate coletivo.

Soares (2009) também dedica atenção específica ao papel dos meios informativos nas lutas pela cidadania. Segundo o autor, a consolidação histórica dos direitos civis e políticos nas sociedades modernas esteve profundamente associada à ampliação da liberdade de expressão e do direito à informação. Nesse contexto, o jornalismo pode desempenhar papel relevante ao conferir visibilidade a conflitos sociais, reivindicações coletivas e violações de direitos que, de outro modo, permaneceriam à margem do debate público. Entretanto, o autor ressalta que essa contribuição não ocorre de maneira automática ou permanente. A presença de determinados temas na cobertura jornalística depende de processos editoriais, rotinas produtivas e condicionantes institucionais que influenciam as práticas informativas.

Assim, questões relacionadas à cidadania, como desigualdade social ou condições de vida de grupos marginalizados, muitas vezes aparecem de forma episódica ou fragmentada no noticiário, o que evidencia as limitações estruturais do sistema midiático decorreria também da natureza do jornalismo praticado num contexto de mercado, focalizado em critérios de noticiabilidade que privilegiam os

acontecimentos pontuais, as pessoas importantes, o número, o impacto imediato e não os processos de longa duração (Soares, 2009, p. 141).

Diante desse quadro, torna-se possível compreender que o potencial democrático do jornalismo não reside apenas na sua capacidade de informar, mas na forma como escolhe enquadrar determinados temas como feito no objeto deste trabalho. Ainda assim, permanece o desafio de transformar essa visibilidade pontual em presença contínua no debate público, condição fundamental para que o jornalismo contribua, de maneira mais consistente, para o fortalecimento da cidadania e para a construção de uma esfera pública mais inclusiva. Essa reflexão fornece o referencial teórico para compreender como diferentes formas de enquadramento podem influenciar a percepção pública sobre grupos historicamente marginalizados, como a população em situação de rua, bem como sobre as responsabilidades do poder público diante dessas realidades.

2 JORNALISMO GONZO

No campo do jornalismo contemporâneo, o jornalismo gonzo têm ganhado destaque por oferecer perspectivas mais próximas das experiências humanas e das dinâmicas sociais, rompendo com modelos clássicos de neutralidade e distanciamento. Entre essas abordagens, destacam-se o jornalismo gonzo, ou jornalismo etnográfico, que compartilham a valorização da subjetividade, da imersão do jornalista no cenário e da construção narrativa que prioriza a experiência sensorial e emocional.

Antes do desenvolvimento do jornalismo gonzo, o *New Journalism* surgiu nos Estados Unidos nos anos 1960 como um movimento que incorporou técnicas literárias à reportagem factual. Autores como Tom Wolfe (2005), Truman Capote (2003), Gay Talese (2016) e Joan Didion (2021) passaram a utilizar cenas detalhadas, diálogos e construção narrativa mais densa para tornar a reportagem mais envolvente. Esse estilo ampliou os limites da prática jornalística tradicional e abriu caminho para abordagens ainda mais subjetivas.

Já o jornalismo gonzo, fundado por Hunter S. Thompson (2018) nos anos 1970, propõe a inserção do repórter como personagem ativo da história, eliminando a pretensão de objetividade e trazendo à tona questões vividas diretamente na reportagem. No Brasil, esse estilo é representado por produções como a série especial *Viver nas Ruas* (1995) e o livro *Redescobrimo o Brasil* (2002), ambos da jornalista Rebeca Kritsch. No audiovisual, o mesmo formato é adotado por programas de grande prestígio como o *Profissão Repórter*, transmitido pela Rede Globo.

A partir da antropologia, o jornalismo etnográfico amplia a abordagem sensível às experiências culturais de sujeitos socialmente marginalizados ou distantes das experiências majoritárias da audiência. Cláudia Lago (2010) propõe que o jornalismo, ao incorporar os ensinamentos antropológicos, possa superar as limitações da objetividade tradicional e desenvolver um olhar mais próximo, atento e respeitoso, capaz de apreender o Outro em sua pluralidade e complexidade. “Construir um Jornalismo capaz de incorporar o Outro em sua plenitude é um desafio que esbarra não só na estrutura do campo, mas também na formação dos próprios jornalistas para perceberem e serem contaminados por esta necessidade” (Lago, 2010, p. 168-169).

Essa aproximação exige empatia, observação participante e abertura para múltiplas perspectivas, o que contribui para a construção de narrativas mais éticas e democráticas, que valorizam a alteridade e combatem estereótipos. Lago destaca que o jornalismo tradicional muitas

vezes reduz o Outro ao Mesmo, invisibilizando ou exotizando minorias e coletivos periféricos, reproduzindo, assim, hierarquias simbólicas prejudiciais à democracia.

As reflexões de Mariana Pitasse Fragoso (2024) ampliam esse debate ao revelar que as práticas jornalísticas e antropológicas, embora frequentemente percebidas como semelhantes pelos interlocutores, diferenciam-se profundamente em seus objetivos, temporalidades e formas de construção textual. A autora mostra que tanto jornalistas quanto antropólogos lidam com expectativas e desconfianças das pessoas com quem interagem, o que evidencia que a relação entre pesquisador/repórter e fonte/interlocutor é sempre tensionada por assimetrias de poder e por disputas sobre a produção de conhecimento.

Ao tratar das práticas de escrita, Fragoso (2024) argumenta que o jornalismo opera por esquemas pré-moldados, como o lide e os critérios de noticiabilidade, que organizam o acontecimento segundo uma lógica de agilidade e síntese. Essa estrutura, ao mesmo tempo que garante eficiência narrativa, também delimita o que pode ser dito e como pode ser dito.

Já a etnografia se constitui como um processo contínuo, em que a escrita é resultado de uma longa elaboração reflexiva e de um constante exercício de estranhamento, afetando e sendo afetada pelas interações em campo. “Um texto etnográfico não é finalizado com a rapidez de um texto jornalístico, portanto, tem outro tempo e forma de escrita. Ele vai sendo esculpido, alterado, ampliado com as próprias reflexões dos autores, orientadores, colegas e/ou com as sugestões que recebe dos interlocutores” (Fragoso, 2024, p. 20). Essa diferença revela que a imersão, embora presente nas duas áreas, assume formatos distintos no jornalismo e na antropologia.

Essa contribuição é particularmente relevante para pensar a imersão no jornalismo, pois Fragoso (2024) demonstra que a subjetividade, frequentemente ocultada pelo mito da objetividade jornalística, é parte inescapável do processo de produção. Ao explicitar o papel da subjetividade e das negociações em campo, a autora aproxima o jornalismo de uma ética reflexiva semelhante à antropológica, reforçando que o jornalismo gonzo não se refere apenas às técnicas estilísticas, mas implicam responsabilidades e modos de se relacionar com o Outro.

Essa combinação de métodos e estilos narrativos enriquecidos pela imersão subjetiva contribui para a democratização da informação e da representação, oferecendo ao público relatos que dialogam com as complexidades sociais reais e promovem uma maior compreensão social. Além de ampliar o repertório expressivo do jornalismo, o jornalismo gonzo desafia os conceitos tradicionais de credibilidade e neutralidade, propondo um jornalismo comprometido com a

diversidade e a pluralidade de vozes, essencial para as dinâmicas contemporâneas de comunicação e engajamento público.

A imersão do repórter no jornalismo pode ser compreendida também como uma resposta crítica aos processos históricos de racionalização que estruturaram a prática jornalística moderna. Conforme aponta Ijuim (2011), a constituição da imprensa como instituição social ocorreu em diálogo estreito com o pensamento iluminista e com a consolidação do positivismo no século XIX, contexto em que a razão científica passou a ocupar um lugar central na legitimação dos saberes sociais. Esse processo histórico contribuiu para a incorporação de valores como objetividade, neutralidade, mensuração e observação empírica como critérios fundamentais do fazer jornalístico pelas redações.

Ao analisar essa herança, Ijuim (2011) não atribui a desumanização do jornalismo a um único autor ou corrente, mas destaca como determinados pressupostos da racionalidade moderna foram assimilados de forma acrítica pelo fazer jornalístico. Nesse sentido, o autor dialoga diretamente com a crítica desenvolvida por Cremilda Medina, especialmente no que diz respeito à transposição do positivismo comteano para o campo do jornalismo. Medina (2008) observa que o modelo de observação científica formulado por Auguste Comte, que defendia a ideia de que conhecimento válido é aquele que repousa sobre o observável, concreto e experimentável, foi incorporado às rotinas jornalísticas como se os fenômenos humanos pudessem ser tratados da mesma forma que os fenômenos naturais.

A partir dessa incorporação, consolidou-se um jornalismo orientado pela fragmentação dos fatos, pela valorização excessiva de dados quantitativos e pela centralidade das fontes oficiais, frequentemente entendidas como portadoras de autoridade e verdade. Como alerta Medina (2008), esse modelo tende a reduzir a complexidade dos acontecimentos ao privilegiar o imediato, o mensurável e o factual em detrimento dos contextos históricos, culturais e simbólicos. Ijuim (2011) retoma essa crítica para demonstrar que tais práticas podem operar processos de desumanização, na medida em que transformam sujeitos sociais em objetos de observação, classificação ou julgamento. “A carga de preconceitos e o reforço de estereótipos, entre outras mazelas, são insistentemente inculcados na audiência de modo a intensificar a intolerância e o desrespeito ao diferente” (Ijuim, 2011, p. 10).

Nesse ponto, a discussão proposta por Ijuim (2011) converge com reflexões mais amplas sobre os limites do paradigma racional-instrumental. A incorporação acrítica da racionalidade não implica, necessariamente, um jornalismo mais esclarecedor; ao contrário, pode resultar em narrativas que reforçam estereótipos, naturalizam desigualdades e silenciam vozes dissidentes. Esses efeitos não derivam da razão em si, mas de seu uso descontextualizado e desvinculado de uma reflexão ética sobre a complexidade das relações humanas. “Esta visão fragmentada e desconectada não se dá só no texto, mas manifesta-se antes, na concepção de mundo de quem elaborou a pauta e do repórter que fez a leitura dessa pauta” (Ijuim, 2011, p. 14).

O jornalismo gonzo influencia diretamente esse modelo ao reconhecer que o jornalismo não lida com objetos neutros, mas com sujeitos historicamente situados. Ao valorizar a presença do repórter, a observação participante e a construção narrativa sensível, Kritsch (1995) se afasta da lógica positivista estrita e aproxima-se de uma compreensão mais relacional do acontecimento jornalístico. Tal perspectiva dialoga com a noção de jornalismo humanizado formulada por Ijuim (2011), entendida não como abandono da razão, mas como sua articulação com empatia, alteridade e responsabilidade social. Dessa forma, a imersão não se configura apenas como um recurso narrativo, mas como uma postura epistemológica que reconhece os limites da objetividade tradicional.

Nesse contexto, torna-se relevante considerar as reflexões de Fernando Resende (2003) acerca das ausências produzidas pelo próprio campo da comunicação social e do jornalismo. Ao discutir a chamada “lógica da rua”, o autor chama atenção para o fato de que determinados sujeitos, experiências e formas de narrar permanecem historicamente marginalizados nas práticas e nas teorizações do jornalismo. Para Resende (2003), a predominância de modelos narrativos associados a uma racionalidade moderna e a um paradigma informacional contribuiu para a consolidação de um conjunto limitado de formas legítimas de narrar o mundo, o que acaba por invisibilizar outras experiências sociais e discursivas.

Essa perspectiva aproxima-se das críticas já apresentadas por autores que questionam a centralidade da objetividade como princípio absoluto da prática jornalística. No entendimento de Resende (2003), as narrativas que dominam o campo dos media estão inseridas no que ele denomina de “texto das lógicas”, um modelo de compreensão que privilegia abordagens centradas nos efeitos das mensagens ou na análise de suas influências sobre o público, característica comum tanto às tradições funcionalistas quanto a determinadas leituras críticas da comunicação. Nessa

lógica, a atenção se volta predominantemente para os mecanismos de produção e para a eficácia da informação, enquanto as dimensões narrativas, subjetivas e culturais da comunicação tendem a ser secundarizadas.

Como consequência desse processo, a produção jornalística tende a reproduzir formatos narrativos relativamente padronizados, que privilegiam a objetividade formal, a neutralidade discursiva e a ocultação do sujeito que enuncia. Esse apagamento do lugar de fala do jornalista, segundo Resende (2003), funciona como um mecanismo que naturaliza o discurso jornalístico e reforça sua credibilidade simbólica, ao mesmo tempo em que obscurece as condições sociais, culturais e interpretativas que atravessam a produção da notícia.

Em particular, a lógica funcionalista, por sugerir um ordenamento que visa ao aperfeiçoamento e à eficácia comunicativa, adequa-se perfeitamente a um modus operandi industrial cujo propósito é uma produção reconhecidamente formatada. As narrativas jornalísticas, se vistas como produtos desse projeto, não poderiam ser outras além das que se denominam ‘tradicionais’. Além disso, as lógicas que operam tais narrativas simplificam o trabalho do jornalista caem como uma luva na problemática da falta de tempo que esse profissional enfrenta reconhecendo-as e legitimando-as como narrativas próprias do jornalismo (Resende, 2003, p. 8).

Inspirado na proposta de uma “sociologia das ausências”, desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos (2002), Resende (2003) argumenta que muitos saberes, experiências e narrativas são sistematicamente relegados a posições periféricas no interior do campo comunicacional. A chamada “rua”, nesse sentido, não deve ser compreendida apenas como um espaço físico, mas como uma metáfora para experiências sociais que permanecem à margem das narrativas legitimadas pela ordem dominante.

Sob essa perspectiva, a rua passa a representar um espaço simbólico de emergência de outras vozes e de outras formas de narrar o cotidiano. Trata-se de um lugar onde diferentes experiências sociais se entrelaçam e produzem sentidos que muitas vezes escapam às estruturas narrativas tradicionais do jornalismo. Ao ignorar ou simplificar essas experiências, o campo dos media corre o risco de produzir narrativas “atrofiadas”, incapazes de captar a complexidade da vida social e das múltiplas perspectivas que compõem o tecido da realidade contemporânea.

A crítica proposta por Resende (2003), portanto, não se dirige apenas às práticas profissionais do jornalismo, mas também às formas como o próprio campo acadêmico construiu historicamente seus objetos de estudo. Durante grande parte do século XX, as pesquisas em

comunicação concentraram-se sobretudo no polo da produção das mensagens, deixando em segundo plano as dimensões da circulação e da recepção. Esse desequilíbrio teórico contribuiu para a construção de um entendimento parcial do fenômeno comunicacional, no qual determinadas experiências sociais permanecem invisíveis ou sub-representadas.

Diante desse cenário, Resende (2003) propõe a necessidade de reconhecer a existência de múltiplas narrativas que coexistem na sociedade contemporânea. Para além das narrativas oficiais e institucionalizadas, existem também narrativas de resistência, que emergem de contextos sociais diversos e expressam modos alternativos de interpretar e narrar o mundo. O reconhecimento dessas narrativas não implica abandonar o caráter informativo do jornalismo, mas ampliar suas possibilidades expressivas e interpretativas, incorporando dimensões éticas, estéticas e culturais que tradicionalmente permaneceram marginalizadas no campo.

As experiências de resistência, é preciso ressaltar, primam pela aplicação do conceito de comunicação como signo de troca e relação.²⁴ Não há, por princípio, uma preocupação com o caráter informativo que define a narrativa jornalística dita 'oficial', há uma necessidade de narrar, o que em sua concepção clássica significaria repassar experiências. (Benjamin, 1985) No entanto, e é aí que o paradoxo se estabelece, elas não deixam de ser informativas, do ponto de vista mesmo da comunicação social e do jornalismo (Resende, 2003, p. 25).

Nesse sentido, pensar o jornalismo a partir da perspectiva da narrativa permite deslocar o olhar exclusivamente centrado na informação para uma compreensão mais ampla do processo comunicacional. A narrativa passa a ser entendida não apenas como forma de transmissão de conteúdos, mas como prática social que participa da construção de sentidos, da produção de sociabilidades e da ampliação dos horizontes de experiência no interior da sociedade mediatizada.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos a partir da análise do corpus selecionado, composto pela série de reportagens *Viver nas Ruas* (1995), publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, e pelo livro decorrente dessa experiência, que reúne a reportagem original, seus bastidores da produção e a atualização de dados realizada em 2025.

Do ponto de vista metodológico, este estudo de caso articula dois procedimentos complementares: a análise de enquadramento, conforme proposta por Mauro Porto (2004), e a análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin (2016). A análise de enquadramento é mobilizada com o objetivo de compreender como os textos selecionam, enfatizam e excluem determinados aspectos da realidade, contribuindo para a construção de sentidos, neste caso, sobre a vida nas ruas. Parte-se do entendimento de que todo relato jornalístico implica escolhas, que orientam a interpretação do leitor ao destacar certos elementos em detrimento de outros.

Da mesma forma, a análise de conteúdo é utilizada como ferramenta sistemática para examinar o material empírico, permitindo identificar padrões, recorrências temáticas e estruturas narrativas presentes nos textos. A partir das etapas propostas por Bardin (2016), pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, busca-se organizar o corpus de modo a evidenciar categorias relevantes para a investigação. A articulação entre essas duas abordagens metodológicas possibilita uma leitura mais abrangente do objeto, uma vez que a análise de conteúdo contribui para a sistematização dos dados, enquanto a análise de enquadramento permite interpretar criticamente os sentidos produzidos a partir dessas estruturas.

A articulação entre essas duas abordagens metodológicas possibilita uma leitura mais abrangente do objeto, uma vez que a análise de conteúdo contribui para a sistematização dos dados, enquanto a análise de enquadramento permite interpretar criticamente os sentidos produzidos a partir dessas estruturas.

A reportagem original, publicada em 1995, insere-se em um contexto pré-digital, no qual a experiência de leitura e a construção narrativa estavam fortemente vinculadas ao suporte impresso. Nesse cenário, a adoção da narrativa em primeira pessoa, fundamentada na imersão da repórter na realidade das pessoas em situação de rua, já representava uma inflexão em relação aos padrões mais tradicionais do jornalismo informativo. Publicada em 3 de setembro de 1995, a série ocupou seis páginas do jornal e foi desdobrada, nos dias subsequentes, em três reportagens complementares

Imagem I: Reportagem original publicada em 3 de setembro de 1995.



Imagem II: Segunda parte da reportagem original publicada em 3 de setembro de 1995.

CIDADES

Mendigos percorrem entidades e praças atrás de um prato de comida

*— Cerveja de comida e —
— e que Julia Mendes é —
— e que Julia Mendes é —*

A fome não tem hora nem lugar. É uma realidade que se vive em todas as partes do Brasil. No entanto, em algumas regiões, a situação é ainda mais crítica. Em São Paulo, a cidade dos mendigos, a situação é ainda mais crítica. Em São Paulo, a cidade dos mendigos, a situação é ainda mais crítica.

CIDADES

VIVER NAS RUAS

Aposentadoria garante "boa vida" sob elevado

— Desapoiado de casa na Vila Nova Caribé, mulher de 50 anos vive no elevador sob o Miradouro

Desapoiado de casa na Vila Nova Caribé, mulher de 50 anos vive no elevador sob o Miradouro. Desapoiado de casa na Vila Nova Caribé, mulher de 50 anos vive no elevador sob o Miradouro.

CIDADES

Seguranças tiram até mesmo as ruas dos mendigos

— Desapoiado de casa na Vila Nova Caribé, mulher de 50 anos vive no elevador sob o Miradouro

Desapoiado de casa na Vila Nova Caribé, mulher de 50 anos vive no elevador sob o Miradouro. Desapoiado de casa na Vila Nova Caribé, mulher de 50 anos vive no elevador sob o Miradouro.

CIDADES

Prostitutas se oferecem para "iniciar" repórter

— Uma mulher de 23 anos oferece para "iniciar" repórter

Uma mulher de 23 anos oferece para "iniciar" repórter. Uma mulher de 23 anos oferece para "iniciar" repórter.

CIDADES

Quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias?

— No final de maio, quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias?

No final de maio, quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias? No final de maio, quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias?

Veja as próximas visitas do SeuBairro:

Data	Bairro	Local	Horário
4 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
5 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
6 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
7 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
8 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h

SeuBairro
O Estado mais perto de você.

COMUNICADO

Informamos ao mercado publicitário que os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde possuem agora dois novos representantes comerciais:

Góias:
Augusto A. Teixeira Ltda
Rua 1127, nº220 - Setor Marista
CEP: 74175-060 - Goiânia - Goiás
Tel: (062) 261.3756
Fax: (062) 261.0148

Espirito Santo:
Duarte Proença & Menezes Ltda
Rua Eng. Fábio Ruff, 424 - Bento Ferreira
CEP: 28060-700 - Vitória - Espírito Santo
Tel: (027) 326.3325
Fax: (027) 324.1174

O ESTADO DE S. PAULO **jornal da tarde**

CIDADES

Quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias?

— No final de maio, quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias?

No final de maio, quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias? No final de maio, quando foi a última vez que as reclamações do seu bairro foram encaminhadas em 15 dias?

Veja as próximas visitas do SeuBairro:

Data	Bairro	Local	Horário
4 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
5 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
6 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
7 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h
8 de Setembro	Vila Nova Caribé	Rua Nova Caribé, esquina com a Rua Nova Caribé	19h

SeuBairro
O Estado mais perto de você.

COMUNICADO

Informamos ao mercado publicitário que os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde possuem agora dois novos representantes comerciais:

Góias:
Augusto A. Teixeira Ltda
Rua 1127, nº220 - Setor Marista
CEP: 74175-060 - Goiânia - Goiás
Tel: (062) 261.3756
Fax: (062) 261.0148

Espirito Santo:
Duarte Proença & Menezes Ltda
Rua Eng. Fábio Ruff, 424 - Bento Ferreira
CEP: 28060-700 - Vitória - Espírito Santo
Tel: (027) 326.3325
Fax: (027) 324.1174

O ESTADO DE S. PAULO **jornal da tarde**

Fonte: Acervo Estadão.

Por outro lado, o livro retoma essa experiência em uma nova diagramação, incorporando bastidores da produção e atualizações de dados realizadas em 2025 pela jornalista. A obra organiza-se em duas partes: a primeira reúne o material original da reportagem, enquanto a segunda é dedicada aos bastidores e aos desdobramentos da investigação. Diferentemente da versão publicada no jornal, estruturada em quatro partes, uma principal e três complementares, o livro apresenta o conteúdo distribuído em dez capítulos, o que indica uma reconfiguração narrativa que amplia e reorganiza a experiência originalmente veiculada no formato impresso.

Outra diferença entre as duas versões diz respeito ao material visual que acompanha a narrativa. A reportagem original contou com fotografias de Vidal Cavalcante, que acompanhou a

jornalista por um período limitado durante os cinco dias em que esteve em situação de rua. Já na versão em livro, além dessas imagens, foram incorporadas fotografias de Daniel Kfoury, cujo trabalho foi reconhecido, em 2021, com o Prêmio VOL de Melhor Reportagem sobre Voluntariado, pela documentação do trabalho do padre Júlio Lancellotti, pároco da Paróquia São Miguel Arcanjo e coordenador da Pastoral do Povo de Rua. Em 2022, Kfoury venceu o Prêmio Militão Augusto de Azevedo ⁵organizado pelo Museu da Cidade de São Paulo na categoria “Moradores de Rua”. Essa ampliação do material imagético contribui para aprofundar a dimensão documental da obra e reforçar o agravamento do problema nos últimos anos.

Imagem III: Fotos de Daniel Kfoury para o livro Viver nas Ruas



⁵ Disponível em: https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/09/Edital-Premio-Militao_pontuacao_resultado-final_rev01.pdf. Acesso em: 14/05/2026.



Fonte: Daniel Kfoury para o livro Viver nas Ruas.

Além dos pontos tratados acima, o livro também conta com um prefácio escrito pelo deputado estadual de São Paulo, Eduardo Matarazzo Suplicy. O político construiu uma trajetória marcada pela defesa de políticas públicas voltadas à redução das desigualdades sociais, tendo atuado como vereador, deputado federal e senador da República ao longo de sua carreira. Sua atuação é especialmente reconhecida pela defesa da renda básica universal, proposta que busca garantir a todos os cidadãos um mínimo de recursos para assegurar condições dignas de existência.

Suplicy foi um dos principais articuladores da institucionalização desse debate no Brasil, sendo autor da Lei nº 10.835/2004, que institui a Renda Básica de Cidadania no país. Ao longo de sua trajetória, o político tem defendido a implementação gradual dessa política como forma de promover justiça social, reduzir a pobreza e ampliar a autonomia dos indivíduos, compreendendo a renda básica como um direito de cidadania. Sua participação no prefácio do livro, portanto, não apenas contextualiza a temática abordada, mas também reforça o diálogo entre a narrativa jornalística e debates mais amplos sobre políticas públicas e inclusão social.

Além dos procedimentos metodológicos já descritos, a pesquisa contou também com a realização de duas entrevistas semiestruturadas com a jornalista Rebeca Kritsch, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre o processo de produção da série *Viver nas Ruas* (1995), bem como sobre as escolhas narrativas e profissionais envolvidas na construção da reportagem. O contato inicial com a autora foi realizado por meio da rede social Instagram, sendo posteriormente transferido para o aplicativo WhatsApp, onde foram alinhados os detalhes da entrevista.

O primeiro encontro foi realizado no dia 22 de dezembro de 2025, por meio da plataforma Google Meet, com duração total de 1h21min41s. A realização ocorreu de forma remota, considerando que a jornalista reside atualmente em Londres, o que não inviabilizou o desenvolvimento da conversa, mas demandou adequações logísticas próprias desse formato. Já a segunda entrevista ocorreu no dia 18 de maio de 2026, novamente pela plataforma Google Meet, com duração total de 1h14min17s. A nova entrevista também foi realizada de forma remota, em razão de a jornalista residir em Londres.

Do ponto de vista metodológico, a entrevista caracterizou-se como semiestruturada, partindo de um roteiro prévio de perguntas elaborado com base nos objetivos deste trabalho. No entanto, o formato adotado permitiu flexibilidade na condução do diálogo, possibilitando a inclusão de novas questões ao longo da conversa, conforme os temas emergiram. Essa abertura contribuiu para a obtenção de respostas mais aprofundadas e reflexivas, permitindo explorar aspectos não previstos inicialmente, especialmente relacionados à experiência subjetiva da repórter, aos bastidores da produção e às reinterpretações posteriores da obra.

Abaixo, encontram-se a lista de perguntas realizadas durante a primeira entrevista:

1. Por que você escolheu ser jornalista?

2. Essa dimensão mais social do seu trabalho surgiu com o tempo ou já era algo que você queria desde o início da carreira?
3. Como você lidou com as questões éticas ao viver temporariamente nas ruas, sabendo que depois voltaria à sua realidade, e com a diferença de comportamento das pessoas ao saberem que você era jornalista?
4. Como você convenceu os editores a aceitarem uma pauta tão arriscada e fora do padrão de um grupo tradicional como o Estadão?
5. Você acredita que reportagens em primeira pessoa, fora do modelo tradicional, ajudam a atrair mais o público para o jornalismo?
6. Quais eram suas expectativas antes de viver a experiência e depois de escrever a reportagem? Houve diferença entre elas?
7. De quem foi a ideia de incluir infográficos e materiais informativos na reportagem?
8. Por que você decidiu pedir emprego em uma boate de strip-tease e o que faria se tivesse sido aceita?
9. Você acha que a denúncia sobre o CETREM teria vindo à tona se você não tivesse vivido essa experiência?
10. Quais eram suas principais preocupações ao viver nas ruas? A polícia era a maior delas? Como você lidava com isso?
11. Você concorda que reportagens como a sua podem gerar empatia no público e pressionar o poder público a agir?
12. Como foram escolhidos os temas das matérias complementares (spin-offs)?
13. Qual a importância do prêmio que você recebeu para essa reportagem e para a sua carreira?
14. O que o “Viver nas ruas” significou para você, profissional e pessoalmente?

Abaixo encontram-se as perguntas feitas durante a segunda entrevista:

1. Como você descreveria o trabalho realizado em 1995? Ele se aproxima mais do jornalismo gonzo, investigativo ou literário?
2. O que levou à retomada da reportagem 30 anos depois, agora em formato de livro?

3. Quais iniciativas jornalísticas, no Brasil e no exterior, você considera próximas dessa abordagem social presente em sua reportagem? Há veículos ou projetos que acompanha atualmente e que dialogam com essa perspectiva?
4. Como você observa a questão de gênero entre pessoas em situação de rua? Esse aspecto esteve presente na construção narrativa do livro?
5. Se fosse realizar essa cobertura atualmente, acredita que ela seria possível nos mesmos moldes? O que mudaria em relação ao anonimato das fontes, à abordagem jornalística, ao uso de termos como “morador de rua” e à presença de tecnologias e dispositivos móveis?
6. Gostaria que comentasse também sobre a experiência de produção do outro livro e os principais desafios envolvidos nesse processo.
7. Quais eram os principais dilemas éticos presentes naquele contexto e o que mudou até os dias de hoje?

3.1 Categorias

Para a análise, foram estabelecidas seis categorias principais: personagens, espaços, instituições, elementos gráficos, dados e marcas de uso da primeira pessoa do discurso e imersão. Todos os dados foram coletados de maneira manual, por meio de uma nova leitura da obra e da catalogação das categorias em planilhas no Google Sheets. Para as categorias personagens, espaços, instituições e dados, foi realizada uma separação com o objetivo de diferenciar os levantamentos referentes à primeira parte, correspondente à reportagem original, e à segunda parte, relativa aos desdobramentos trinta anos depois.

3.1.1 Personagens

A categoria personagens constitui um eixo central para a compreensão dos enquadramentos construídos na narrativa, uma vez que evidencia quem ganha visibilidade, de que forma é representado e quais posições ocupa no relato. Nesse sentido, conforme apontam os estudos sobre enquadramento apresentadas por Mauro Porto (2004), a seleção e a recorrência de determinados sujeitos não são neutras, mas configuram formas específicas de interpretação da realidade, ao definir quais atores sociais serão percebidos como centrais no debate público. Do ponto de vista

quantitativo, o levantamento realizado indica que a primeira parte da obra reúne um total de 41 personagens, considerando a repórter e o fotógrafo.

Deste conjunto, 30 personagens correspondem a pessoas em situação de rua, evidenciando a centralidade desse grupo na construção narrativa. No que se refere à distribuição de gênero, foram identificadas 21 personagens femininas, incluindo a própria Rebeca e duas travestis, aqui contabilizadas como femininas em função do tratamento ser feito com pronomes femininos ao longo da reportagem, e 20 personagens masculinos. Observa-se, ainda, que o fotógrafo Vidal Cavalcante tem seu nome alterado uma única vez ao longo da narrativa, enquanto a repórter aparece sob duas variações de nome.

Abaixo estão algumas descrições de personagens feitas pela repórter:

Quadro 1: Descrição dos Personagens

Nome	Descrição
Jurandir	Morador de rua crônico, deprimente. Foi atropelado, bêbado. Sua perna direita é aleijada. Barbudo, desgranado, banguela, causa pena em todo mundo.
Suzi	Dezenove anos, vestido preto, boca rosa, cabelo curto, jeitosa, esperta, fatura alto com três ou quatro programas por noite.
Maria	Travesti, 26 anos, fazia programas para sobreviver, mas já trabalhou em empresas. Rosto inchado e barba por fazer. Usava um boné sujo e malcheiroso.
Damasceno	Morador de rua crônico, 50 anos, está na rua desde os 9. Já roubou, já matou. Hoje pede esmola e faz pequenos furtos. Negro, cabelo branqueado, é gente boa.

Fonte: elaboração própria.

Do ponto de vista qualitativo, os dados levantados permitem algumas inferências relevantes sobre a construção das vozes na narrativa. A predominância de personagens em situação de rua, aliada à diversidade de suas trajetórias, pode ser compreendida como uma estratégia narrativa que tensiona enquadramentos tradicionais da mídia, frequentemente marcados pela estigmatização ou invisibilização desses sujeitos. Nesse sentido, conforme propõe Resende (2003), o deslocamento do repórter em direção ao campo, à “rua” enquanto espaço concreto de produção de sentido, possibilita o contato com narrativas que escapam às lógicas hegemônicas de comunicação. Essas narrativas, caracterizadas por seu hibridismo, não se organizam prioritariamente segundo a lógica

informativa clássica do jornalismo, mas sim como formas de comunicação baseadas na troca, na relação e no compartilhamento de experiências.

Tal perspectiva tensiona a dicotomia moderna entre informação e comunicação, uma vez que, embora essas narrativas não se orientem, a princípio, pelo dever de informar, elas não deixam de produzir informação. Ao contrário, como sugere a aproximação com o pensamento de Walter Benjamin (1985), o ato de narrar, entendido como transmissão de experiências, carrega em si uma potência informativa que se realiza de maneira distinta daquela presente no jornalismo tradicional. Assim, ao incorporar essas vozes, a reportagem não apenas amplia o repertório de fontes, mas também reconfigura o que se entende como informação jornalística.

Além disso, ao trazer para o centro da narrativa experiências que, segundo Resende (2003), são frequentemente tratadas como “sobras” ou “lixo” pela ordem dos interesses hegemônicos, o texto promove uma inversão de hierarquias simbólicas, conferindo visibilidade a sujeitos e práticas historicamente marginalizados. A rua, nesse contexto, não aparece apenas como cenário, mas como espaço ativo de produção de sentidos, onde se entrelaçam vivências cotidianas que desafiam a lógica produtivista e normativa dominantes no jornalismo. Dessa forma, a narrativa jornalística analisada aproxima-se dessas experiências de resistência ao reconhecer, valorizar e tornar públicas formas de existência que usualmente permanecem à margem do discurso midiático hegemônico.

Outro ponto destacado é em relação ao gênero. Embora haja, no contexto da época, a indicação de que apenas 8% da população em situação de rua era composta por mulheres, dentro de um universo estimado de 4.540 pessoas em situação de rua em 1995 na cidade de São Paulo, a reportagem apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre os gêneros, com 13 mulheres e 17 homens. Essa aproximação numérica sugere uma ampliação deliberada da presença feminina na narrativa, ainda que não seja possível afirmar com precisão suas motivações.

Tal configuração não está relacionada apenas a fatores circunstanciais da apuração, mas também a escolhas conscientes e dinâmicas relacionais construídas durante a imersão. Na entrevista mais recente concedida para esta pesquisa, Rebeca Kritsch afirma que sempre buscou, em sua prática jornalística, contemplar diferentes perspectivas e construir narrativas mais inclusivas. No contexto específico de *Viver nas Ruas* (1995), contudo, a aproximação com mulheres ocorreu também de forma orgânica, tanto pelas condições de inserção no espaço urbano quanto pelas relações de identificação estabelecidas ao longo da experiência. Kritsch relata:

Elas também se aproximavam de mim, porque eu sou mulher, é muito mais fácil. Às vezes elas estavam curiosas sobre o Vidal também, ou sobre mim, perguntavam o que eu estava fazendo ali. [...] Acho que tem a ver com a minha sensibilidade também. Eu olhava as mulheres naquele estado [...] e ficava pensando: ‘gente, como é que essa mulher vive?’. [...] E aí tinha essa coisa também das irmãs terem falado: ‘fica junto das mulheres’. (informação verbal)

Nesse mesmo sentido, a trajetória de Fátima, mulher que vivia há nove anos em situação de rua à época da reportagem, explicita de forma contundente a dimensão da violência de gênero nesses espaços. Durante uma das noites na Praça Roosevelt, a personagem foi atacada por um homem que, diante de sua recusa em manter relações sexuais, a feriu com um objeto de metal enquanto dormia. A inclusão desse episódio na narrativa evidencia como a experiência feminina na rua é atravessada por vulnerabilidades específicas, nas quais a violência sexual ou sua ameaça constante se impõem como elemento estruturante do cotidiano. Assim, mais do que um caso isolado, a situação aponta para uma condição de exposição diferenciada das mulheres, reforçando a necessidade de compreender a vivência na rua a partir de marcadores de gênero que intensificam as desigualdades e os riscos enfrentados.

Acordei com um berro. ‘Sai daqui desgraçado, eu vou te matar’. Era Fátima, que acabava de ser atacada pelo homem que dormia do outro lado da pilastra. ‘Ele veio com o ferro na minha barriga pra me matar’. Gelei. Ainda consegui ver o homem correndo. Não queria acreditar. Todas as pessoas com quem havia conversado disseram ter sofrido algum tipo de violência depois de semanas na rua. No meu segundo dia nessa condição, tentaram assassinar a mulher que dormia ao meu lado, a própria Fátima! Pelo ferimento, ele usava o espeto. Era um buraco perfeitamente quadrado nas bordas. O ferro penetrou mais de um centímetro, apenas na gordura de sua barriga. Em volta, tudo roxo. Até agora não entendi bem o que se passou. Fátima tem surtos nervosos e, como a maioria do povo da rua, não faz muitas concessões à lógica. Eu mesma falei coisas desconexas, primeiro por impulso, já estressada, e algumas vezes de propósito, quando percebi que isso dava mais legitimidade a minha história. O ferro havia perfurado a barriga, mas não a calça. Ao perceber isso quando pedia a ela que mostrasse o ferimento, concluí que provavelmente eles estavam em vias de transar. Ela falara qualquer coisa de ele estar se encostando nela a noite toda. Na manhã seguinte, comentou que quando se recusa a dormir com um homem é logo taxada de ‘sapatão’. (Kritsch, 1995, p. 46 - 47).

A forma como essa experiência é incorporada à narrativa também pode ser compreendida à luz do que Ijuim (2011) propõe como jornalismo humanizado, no qual o repórter não se relaciona com um objeto, mas com sujeitos, buscando compreender suas ações e atribuir sentidos que

ultrapassem a mera descrição factual. Nesse caso, a presença da violência não aparece como dado isolado ou estatístico, mas como experiência situada, articulada à trajetória da personagem, o que contribui para uma leitura mais complexa e menos estigmatizante da condição feminina na rua. Ao narrar esse episódio, a reportagem se afasta de generalizações e permite que o fenômeno seja compreendido a partir da vivência concreta de quem o experimenta.

Outro aspecto que se destaca refere-se às ocupações atribuídas às personagens. A prostituição aparece como uma das alternativas de sobrevivência para mulheres e travestis em situação de rua, sendo mencionada em três casos ao longo da reportagem. Em uma das passagens, a própria repórter cogita trabalhar como stripper em uma casa noturna localizada na região central, o que evidencia não apenas a precariedade das opções disponíveis, mas também o grau de imersão na experiência vivida. Em paralelo, a atividade de catador de material reciclável surge como uma das ocupações mais recorrentes entre os personagens independente de gênero, sendo posteriormente ressaltada na entrevista com a jornalista como uma prática originada pelos próprios moradores de rua em São Paulo, que culminou na criação da Coopamare, Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis. A presença dessa iniciativa na narrativa reforça a dimensão organizativa e produtiva desses sujeitos, contrapondo-se a estereótipos que os associam exclusivamente à marginalidade.

Essa construção também dialoga com a perspectiva de Ijuim (2011) ao destacar que o jornalismo humanizado organiza o que está disperso e estabelece conexões que permitem compreender as ações humanas em sua complexidade. Ao articular dados, experiências e trajetórias individuais, a narrativa não se limita a explicar as condições de vida na rua, mas busca produzir compreensão, evidenciando as estratégias de sobrevivência e as formas de agência desses sujeitos. Nesse sentido, a escolha por destacar determinadas ocupações não apenas informa, mas contribui para reconfigurar os sentidos atribuídos à população em situação de rua.

Por fim, a reportagem também evidencia situações que tensionam a associação direta entre renda e acesso à moradia. O caso de duas mulheres aposentadas que vivem sob o Elevado Presidente João Goulart, também conhecido como Minhocão, ilustra essa complexidade: embora contem com uma fonte de renda regular, o valor recebido não é suficiente para garantir condições habitacionais dignas, ambas as personagens relatam na reportagem que ter uma fonte de renda fixa as transformaram em alvos de assaltantes. Esse dado contribui para ampliar a compreensão sobre a heterogeneidade das trajetórias em situação de rua, indicando que fatores estruturais mais amplos,

para além da ausência total de renda, influenciam a permanência desses sujeitos nesse contexto precário.

3.1.2 Instituições

Na categoria instituições, a primeira parte da reportagem apresenta um total de 10 entidades vinculadas, de diferentes maneiras, ao atendimento da população em situação de rua. Dentre essas, seis possuem caráter religioso, atuando principalmente na oferta de comida, roupas e espaços para higiene, enquanto apenas duas são de natureza pública. Essa distribuição evidencia uma predominância significativa de iniciativas ligadas a organizações religiosas no suporte imediato a esses sujeitos, em contraste com a presença reduzida do poder público. Considerando o contexto da época, com o governo do estado de São Paulo sob responsabilidade de Mário Covas e a prefeitura da capital administrada por Paulo Maluf, a reportagem sugere uma atuação estatal limitada no que diz respeito às políticas de acolhimento e assistência direta à população em situação de rua.

No plano qualitativo, essa configuração permite observar que a rede de apoio retratada na narrativa se estrutura majoritariamente a partir de iniciativas não estatais, o que desloca para a esfera da sociedade civil, especialmente de caráter religioso, a responsabilidade por suprir demandas básicas de sobrevivência. Ao mesmo tempo, a reportagem tensiona a atuação das poucas instituições públicas mencionadas, como no caso da Central de Triagem e Encaminhamento do Estado (CETREN). A partir do relato do personagem Carlos, frequentador recorrente do local, a instituição é apresentada não como um espaço seguro de acolhimento, mas como um ambiente marcado pela ausência de controle e pela exposição a diferentes formas de violência. Segundo o depoimento de Carlos, a falta de segurança durante a noite tornaria recorrentes situações de roubo, conflitos envolvendo usuários de drogas e, de forma ainda mais grave, a ocorrência de violência sexual na ala feminina.

A câmera de Vidal atraiu a atenção de Carlos, habitué da Cetren, que já veio nos intimidando. Convencido pela nossa história, Carlos deu o serviço da área. Aconselhou-nos assumir dali, antes que nos roubassem a câmera. Recomendou que procurássemos outro albergue na cidade, pois ali as filas para homens e mulheres são separadas e cercadas pelos viciados em crack. Segundo ele na ala feminina o estupro é inevitável. (Kritsch, 1995, p. 52 e 53).

Esse tipo de enquadramento contribui para construir uma imagem crítica das instituições públicas, associando-as não apenas à insuficiência estrutural, mas também à incapacidade de garantir condições mínimas de proteção aos usuários. Nesse sentido, o relato apresentado aproxima-se do que Rothberg (2011), ao dialogar com Kuklinski et al. (2001), define como informação de valor diagnóstico, isto é, aquela capaz de oferecer ao público elementos relevantes para avaliar as implicações das políticas públicas e formar julgamentos mais consistentes sobre a atuação do Estado. Ao evidenciar as falhas concretas de uma instituição estatal responsável pelo acolhimento dessa população, a narrativa não apenas descreve uma situação, mas fornece subsídios para que o leitor compreenda os limites dessas políticas e reflita sobre suas consequências práticas.

Além disso, ao trazer à tona experiências que geralmente permanecem invisibilizadas no debate público, a reportagem parte de enquadramentos episódicos, centrados em casos isolados ou em características individuais dos sujeitos, para se aproximar de um enquadramento temático, conforme discutido por Rothberg (2011), ao situar a questão da população em situação de rua dentro de um contexto mais amplo de políticas públicas, responsabilidades institucionais e desigualdades sociais. Esse movimento é fundamental para a formação de uma compreensão mais qualificada por parte do público, uma vez que permite interpretar a situação não como resultado de falhas individuais, mas como expressão de ações estruturais.

Dessa forma, mais do que ampliar o volume de informações disponíveis, a reportagem qualifica o debate público ao apresentar dados e relatos que permitem ponderar os efeitos das ações institucionais, contribuindo para uma leitura mais crítica sobre a capacidade do poder público de responder às demandas dessa população. Esse movimento é fundamental para o fortalecimento do debate democrático, na medida em que desloca a interpretação do problema de explicações individualizantes para uma análise das responsabilidades estruturais e institucionais envolvidas.

Em contraposição, embora as instituições religiosas também não sejam isentas de limitações, elas aparecem majoritariamente vinculadas a práticas de cuidado imediato, o que reforça uma lógica assistencialista e emergencial. Dessa forma, a narrativa evidencia não apenas a fragilidade da atuação estatal no período, mas também a transferência simbólica e prática da responsabilidade pelo cuidado dessa população para outros atores sociais.

3.1.3 Espaços

Já o levantamento dos espaços mencionados na primeira parte da obra permite identificar uma forte concentração espacial na região central da cidade de São Paulo. Dos 28 pontos listados, cerca de 18 situam-se no centro histórico e em áreas imediatamente adjacentes, como Sé, República, Santa Cecília, Consolação, Liberdade e Glicério, além do entorno do Elevado Presidente João Goulart (Minhocão), o que corresponde a aproximadamente 64% do total. Essa predominância evidencia que a experiência narrada pela repórter se desenvolve majoritariamente em territórios historicamente marcados pela intensa circulação de pessoas, pela oferta de serviços, o que atrai a presença mais visível da população em situação de rua.

Quando se considera o eixo da Avenida Paulista como uma extensão dessa centralidade, incorporando locais como a própria avenida, o acesso pela Rebouças, a Praça Amadeu Amaral, o Shopping Paulista e estabelecimentos como o restaurante Spot na Alameda Ministro Rocha Azevedo. Trata-se de uma região que articula não apenas fluxos urbanos intensos, mas também contrastes sociais evidentes, o que contribui para a construção de uma narrativa que privilegia espaços de alta visibilidade.

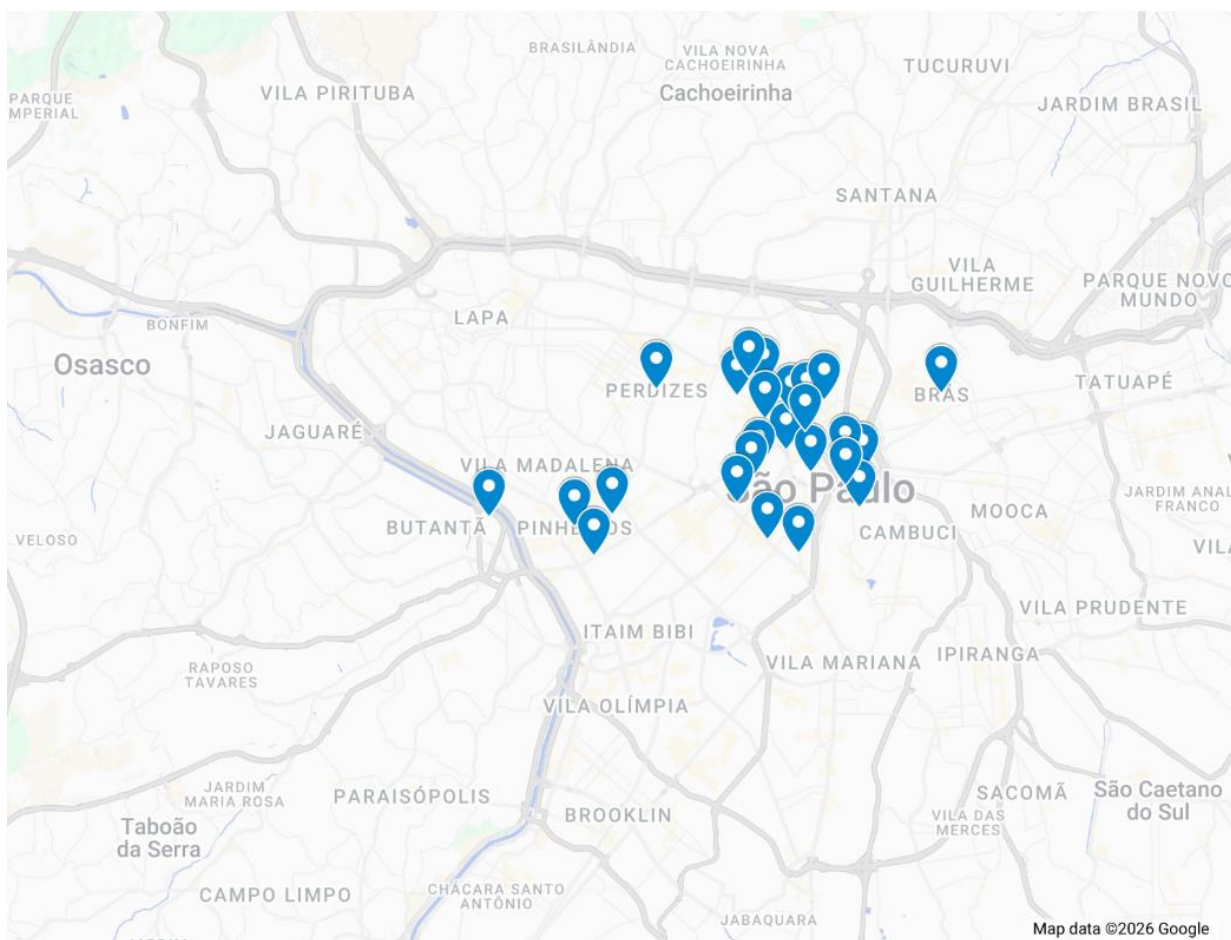
Nas demais regiões, observa-se uma distribuição mais dispersa. A zona oeste aparece com cerca de quatro registros, como Pinheiros, Avenida Rebouças, Teodoro Sampaio e Perdizes. Já a zona leste é representada de forma pontual, com apenas um registro mais claramente identificado no Brás. Não há menções significativas à zona norte, enquanto a zona sul aparece de maneira indireta ou praticamente ausente. Esse recorte espacial reforça a centralidade do eixo centro-oeste na narrativa, ao mesmo tempo em que evidencia a ausência das periferias, que permanecem fora do campo de observação da repórter.

Esse recorte espacial não é apenas descritivo, mas também produz efeitos de sentido importantes no enquadramento da narrativa. Ao privilegiar o centro da cidade como cenário predominante, a reportagem constrói um quadro temático em que a experiência da população em situação de rua é associada a espaços de maior visibilidade pública, circulação e interação social. Nesse contexto, a própria narrativa explicita uma percepção recorrente entre os personagens: a de que o centro seria um território mais “generoso”, onde há maior possibilidade de obter doações e algum tipo de ajuda imediata.

Essa percepção é reforçada por um dado apresentado na reportagem, segundo o qual cerca de 50% dos 4.540 moradores de rua da cidade da época estariam concentrados na região central, conforme informações da Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar. A articulação entre esse

dados quantitativo e a experiência narrada contribui para consolidar o centro como espaço estratégico de sobrevivência, não apenas pela presença de serviços assistenciais, mas também pela maior disponibilidade de interações solidárias, ainda que pontuais e marcadas pela informalidade.

Imagem IV - Espaços da cidade de São Paulo mencionados no livro



Fonte: elaboração própria, com uso do My Maps.

3.1.4 Elementos gráficos

Na categoria elementos gráficos, observa-se uma composição diversificada, porém ainda marcada pela predominância da fotografia como principal recurso visual da narrativa. Ao todo, são identificados 19 elementos gráficos, distribuídos entre fotografias autorais, imagens comparativas e infográficos. Desse total, 17 correspondem a fotografias, enquanto apenas 2 são infográficos. Essa diferença evidencia uma escolha editorial centrada no uso da imagem como forma de aproximação com o real, reforçando o caráter documental da reportagem.

Na primeira parte, há duas fotografias produzidas por Vidal Cavalcante, que acompanham a experiência imersiva da repórter. Já na segunda parte, observa-se uma ampliação significativa do uso de imagens, com quatro comparativos visuais entre registros de Vidal (1995) e Daniel Kfourri (2025), além de uma fotografia de Jurandir feita por Vidal em 1995 para ilustrar um acontecimento a respeito do personagem, uma imagem de uma família atendida pela OAF sem autoria identificada e um ensaio fotográfico de Daniel Kfourri composto por 13 imagens.

Já os infográficos aparecem de forma mais pontual, com dois exemplos: o “Vocabulário básico do morador de rua” e “Regras para ter sucesso ao pedir na rua”. Esses elementos cumprem uma função mais explicativa e organizadora da informação, sintetizando aspectos do cotidiano da população em situação de rua em formatos mais didáticos. Essa distribuição quantitativa indica uma aposta clara na força documental e testemunhal da imagem fotográfica, que contribui para a construção de um efeito de realidade e proximidade com as experiências retratadas. Em contraste, o uso mais restrito de infográficos sugere que a reportagem prioriza a imersão visual, mas não deixa de apresentar informações de forma criativa ao leitor.

Imagem V: Glossário publicado na reportagem original em 3 de setembro de 1995



Fonte: Acervo Estadão.

Assim, do ponto de vista do enquadramento, os elementos gráficos reforçam a centralidade das experiências individuais e do cotidiano vivido, alinhando-se a uma narrativa que privilegia a visibilidade dos sujeitos e de suas condições de existência.

3.1.5 Dados

Na categoria de dados, a comparação entre o material original de 1995 e a atualização de 2025 evidencia transformações significativas tanto no volume quanto na natureza das informações mobilizadas pela narrativa. No conjunto referente a 1995, observa-se uma predominância de dados concretos e cotidianos, fortemente vinculados à experiência imediata da vida nas ruas. Informações como o preço do quilo das latinhas (R\$ 0,35), o custo de uma carroça (R\$ 500,00), o valor da pinga mais barata (R\$ 0,65) ou mesmo o ganho de uma noite de programas (até R\$ 250,00) configuram um tipo de dado que se ancora na materialidade da sobrevivência.

Além disso, os dados de 1995 também incluem algumas informações de caráter mais amplo, como a estimativa de 4.540 pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo e o dado de que 50% dessa população se concentrava na região central, bem como a indicação de que apenas

8% eram mulheres. Ainda assim, mesmo esses números aparecem articulados à narrativa de forma contextual, frequentemente associados às experiências relatadas pela repórter e pelos personagens, o que reforça o caráter imersivo do texto. Nesse sentido, os dados funcionam menos como elementos autônomos de explicação e mais como extensões da vivência narrada, contribuindo para densificar a compreensão do leitor sobre aquela realidade.

Em contraste, o conjunto de dados apresentado na atualização de 2025 assume um caráter mais sistematizado. Informações como o crescimento de mais de 600% da população em situação de rua nas últimas três décadas, os números absolutos que variam entre 32 mil e 36 mil pessoas, ou ainda a distribuição por gênero (84% homens e 16% mulheres) indicam uma ampliação significativa da escala do fenômeno. Da mesma forma, dados sobre perfil demográfico, como a média de idade em torno de 40 anos, a predominância de pessoas negras e pardas (16.167 de 24.602 atendidas) e a presença de 2.603 imigrantes estrangeiros, revelam uma preocupação em traçar um panorama mais abrangente e estruturado da população em situação de rua.

Outro aspecto relevante diz respeito à presença mais marcante de fontes institucionais na produção desses dados, como a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) e os censos recentes. Diferentemente de 1995, em que os números apareciam mais integrados à experiência empírica da repórter, em 2025 eles assumem uma função mais diagnóstica, permitindo não apenas descrever, mas dimensionar o problema em termos de políticas públicas e transformações sociais ao longo do tempo. Informações como o custo de um quarto em pensões precárias, cerca de R\$800,00 mensais, ou a identificação de datas simbólicas, como o Dia Nacional da Luta da População em Situação de Rua, também contribuem para situar a questão em um campo mais amplo de debate público.

Essa mudança no perfil dos dados pode ser interpretada, à luz da análise de enquadramento, como uma transição de um enquadramento centrado na experiência para um enquadramento mais orientado por informação de diagnóstico. Enquanto a reportagem de 1995 privilegia dados que emergem da vivência e ajudam a construir proximidade com o leitor, a atualização de 2025 mobiliza informações que permitem avaliar tendências, dimensionar problemas e compreender implicações estruturais.

Ao mesmo tempo, essa comparação evidencia que os dois conjuntos de dados não são excludentes, mas complementares. Se, por um lado, os dados de 2025 oferecem uma visão mais ampla e sistematizada do fenômeno, por outro, os dados de 1995 permanecem fundamentais para

compreender como essas dinâmicas se materializam no cotidiano dos sujeitos. Assim, a articulação entre essas duas dimensões reforça a complexidade da narrativa, permitindo que o leitor transite entre a escala da experiência individual e a dimensão estrutural do problema, ampliando as possibilidades de interpretação e compreensão da realidade retratada.

3.1.6 Uso da Primeira Pessoa no Discurso e Imersão

Por fim, na categoria dedicada às marcações de primeira pessoa do discurso e imersão da repórter, observa-se que a narrativa é atravessada de maneira consistente pela presença da repórter enquanto sujeito da experiência. O uso da primeira pessoa não se limita a um recurso estilístico, mas constitui um elemento estruturante do enquadramento narrativo, na medida em que posiciona a jornalista não apenas como mediadora, mas como participante direta do contexto retratado. Essa escolha aproxima o relato de uma lógica imersiva, em que a produção de conhecimento jornalístico se dá a partir da vivência, da observação situada e da interação direta com os sujeitos da narrativa.

Ganhei uma calça azul-clara, pena reta, cintura baixa, com manchas amarelas, mas super limpa. Estragou minha fantasia. Tive de me livrar dela mais tarde, pois acabava com meu ar de miserável. Eu me transformara num autêntico morador de rua crônico, que é asseado, se veste com roupas pelo menos limpas e sem rasgos e que poderia ser confundido com um trabalhador pobre, não fosse a falta de emprego e casa. (Kritsch, 1995, p. 49).

Para Boaventura de Sousa Santos (2002), a experiência social é muito mais ampla e diversa do que aquilo que a tradição científica ocidental reconhece como válida ou relevante. Nesse sentido, a inserção da repórter no cotidiano da população em situação de rua pode ser compreendida como uma tentativa de acessar uma dimensão ampliada da experiência social, que tende a ser negligenciada pelos enquadramentos tradicionais do jornalismo.

Ao fazer esse movimento, a narrativa se distância do que o autor chama de “desperdício de experiência”, ou seja, a perda de conhecimentos e perspectivas que não encontram espaço no discurso hegemônico. A adoção da primeira pessoa, portanto, não apenas aproxima o leitor da realidade retratada, mas também tensiona os princípios do jornalismo tradicional que preza pela distância e objetividade narrativa. Ao contrário, a reportagem é construída a partir de relatos que buscam tornar visíveis vivências marginalizadas e atribuir valor e legitimidade à narrativa.

Ainda assim, como o próprio autor sugere, não basta ampliar o repertório de experiências se os critérios de seleção e validação permanecem os mesmos. Nesse sentido, a narrativa imersiva também evidencia suas próprias limitações, na medida em que continua operando a partir de escolhas, recortes e enquadramentos que determinam o que será exposto ou não. Dessa forma, a primeira pessoa funciona simultaneamente como estratégia de ampliação da experiência social narrada e como marca da mediação inevitável das experiências da repórter.

Esse procedimento, no entanto, abre um campo importante de reflexão ética, especialmente pelo fato de a jornalista optar por não se identificar como tal durante a apuração. À luz do Federação Nacional dos Jornalistas, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros ⁶ estabelece que o uso de identidades falsas ou a obtenção de informações por meios não transparentes só se justifica em situações de incontestável interesse público e quando esgotadas outras possibilidades de apuração. Nesse sentido, a estratégia adotada impacta diretamente os limites éticos da prática jornalística: por um lado, há uma possível infração ao princípio da transparência; por outro, pode-se argumentar que a própria natureza do objeto, a vida nas ruas, dificulta o acesso a experiências autênticas quando mediadas pela imprensa.

Na reportagem original, a repórter também apresentou algumas crises éticas que aparecem na narrativa como reflexões pessoais. O trecho abaixo refere-se a uma passagem do livro em que Cláudia, moradora de rua e mãe de três filhos, ao saber que Kritsch era uma jornalista e temendo que ela não conseguisse obter comida como pedinte durante a apuração, ofereceu-lhe um pacote com alimentos e bebida.

Recusei, insisti que guardasse para os filhos, mas ela não aceitou. De novo veio a tristeza. Desde o segundo dia eu começara a ficar deprimida por estar fingindo ser uma moradora de rua. Aquele povo acreditando que eu era igual a eles, repartindo o que conseguiam com uma dificuldade imensa, à custa de humilhação ou de um trabalho mal pago. Vou embora, mas eles ficam sem cama e sem teto. (Kritsch, 1995, p. 59).

A identificação como jornalista, nesse contexto, também produz efeitos de distorção nas interações, ainda que distintos daqueles motivados pela desconfiança. No episódio narrado, ao saber que se tratava de uma repórter, Cláudia modifica sua conduta e passa a protegê-la, oferecendo alimentos por acreditar que ela não conseguiria sobreviver nas mesmas condições. Esse gesto

⁶Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04_codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 14/05/2026.

evidencia como a presença da jornalista reconfigura as relações estabelecidas em campo, introduzindo uma assimetria que interfere diretamente nas experiências observadas. Assim, tanto a identificação quanto a não identificação implicam deslocamentos éticos e metodológicos: enquanto uma pode gerar desconfiança ou adaptação discursiva, a outra pode envolver o pesquisador em relações de solidariedade que tensionam os limites entre observação e participação. Em ambos os casos, torna-se evidente que o acesso ao “real” é sempre mediado pela posição ocupada pelo jornalista na situação investigada.

Do ponto de vista do enquadramento, essa imersão em primeira pessoa também se articula com uma lógica de inclusão e exclusão narrativa. Conforme relatado pela própria jornalista em entrevista, determinadas experiências vividas durante a apuração, como situações relacionadas à intimidade corporal ou à vida sexual dos moradores de rua, foram deliberadamente excluídas do texto final por serem consideradas potencialmente “chocantes” para o público. Essa decisão evidencia que, mesmo em uma proposta imersiva, há um processo de filtragem que orienta o que pode ou não ser mostrado, revelando que o enquadramento não se dá apenas pelo que é narrado, mas também pelo que é silenciado. Kritsch declara:

Agora, por exemplo, o negócio de menstruação. Eu achei que algumas pessoas podiam achar de mau gosto. Então, eu não incluí sexo também [...] Então, eu escolhi essa coisa, as partes menos, que eu achei que não criaria polêmica com ninguém; que é o contrário: a ideia é que as pessoas leiam. (informação verbal)

Esse tipo de exclusão pode ser interpretado de duas maneiras complementares. Por um lado, pode ser visto como um cuidado ético, que orienta o jornalista a evitar conteúdos de caráter mórbido ou sensacionalista. Por outro, também pode contribuir para a construção de uma narrativa que, ao suavizar certos aspectos da realidade, limita a compreensão plena das condições de vida na rua. Assim, a primeira pessoa, ao mesmo tempo em que amplia a sensação de proximidade e autenticidade, também evidencia o papel ativo da jornalista na mediação da experiência, reforçando que toda narrativa jornalística, por mais imersiva que seja, é resultado de escolhas, recortes e enquadramentos.

Por fim, a presença da repórter como personagem tensiona a própria ideia de objetividade jornalística, deslocando o foco de uma pretensa neutralidade para uma perspectiva situada e reflexiva. Nesse sentido, a primeira pessoa não apenas narra a experiência, mas também explicita

o processo de construção do relato, tornando visível ao leitor que o conhecimento produzido ali é fruto de uma interação complexa entre sujeito, campo e contexto.

3.2 Entrevistas

A etapa final deste trabalho volta-se à análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com a jornalista Rebeca Kritsch, em dezembro de 2025 e maio de 2026, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre os processos de produção da série *Viver nas Ruas* (1995), bem como sobre as escolhas narrativas, éticas e metodológicas que orientaram sua construção. Ao incorporar o depoimento da própria autora, busca-se complementar as inferências realizadas a partir da análise do material publicado, articulando os dados empíricos com a reflexão da jornalista sobre sua prática. A partir desse diálogo, torna-se possível avançar para as categorias de análise da entrevista, explorando de que maneira as falas da jornalista confirmam, divergem ou ampliam os resultados anteriormente discutidos.

3.2.1 Trajetória e identidade profissional

Acerca da trajetória profissional e à construção de uma identidade profissional, a entrevista demonstra uma relação antiga entre Rebeca Kritsch com o campo do jornalismo. A jornalista relata que sua decisão de seguir a profissão remonta desde à infância, quando já demonstrava interesse pelo universo jornalístico ao assistir o *Globo* (1972), um programa infantil em formato de telejornal. Ao longo de seu relato, a jornalista reforça que, apesar do seu interesse paralelo por biologia e ciência, a escolha pelo jornalismo se consolidou pela identificação com práticas centrais da profissão, como a escuta, a escrita e o contato direto com diferentes sujeitos sociais.

A entrada precoce no mercado de trabalho, aos 19 anos, também aparece como elemento formador dessa identidade, ao proporcionar experiências que consolidaram sua atuação como repórter. Kritsch relembra:

Como eu queria muito, muito ser repórter, eu acabei entrando na Folha com 19 anos e comecei bem cedo a trabalhar, o que para mim foi uma grande experiência. Eu gostava de tudo em jornalismo, da oportunidade de conversar com as pessoas,

de escrever, de ler, de entrevistar e, principalmente, poder falar com todo mundo. (informação verbal)

Nesse sentido, sua fala evidencia uma concepção de jornalismo ancorada menos em suportes específicos, como a televisão, que ela própria menciona não ter se tornado seu principal campo de atuação, e mais na prática do relato e da interação humana. A valorização do “falar com todo mundo” indica uma compreensão do jornalismo como atividade relacional, centrada na escuta e na circulação de experiências, o que dialoga diretamente com a proposta narrativa que viria a desenvolver posteriormente. Assim, sua trajetória contribui para compreender como sua identidade profissional se constrói a partir de uma combinação entre o interesse pela profissão na infância, inserção rápida no campo e valorização da dimensão humana do fazer jornalístico.

3.2.2 Compromisso do Jornalismo com as pautas sociais

No que diz respeito ao compromisso com o jornalismo social, a fala da jornalista evidencia uma orientação para a abordagem de temas relacionados à desigualdade, exclusão e temas sociais. Kritsch afirma que, desde o início de sua trajetória, esteve voltada para questões sociais, destacando que a desigualdade no Brasil, assim como manifestações de preconceito e racismo, sempre lhe causou incômodo. Essa sensibilidade não aparece como um elemento circunstancial, mas como um eixo estruturante de sua prática profissional, orientando tanto a escolha de pautas quanto a forma de abordagem dos temas. Kritsch conta:

Você deve ter visto no livro essa frase que eu ouvi, que um jornalista profissional é pago para se preocupar com os problemas do mundo. Eu sou assim desde o começo, sempre tive muito interesse nos temas sociais, a desigualdade do Brasil sempre me perturbou demais, o preconceito, o racismo, a maneira que as pessoas eram tratadas, sobretudo as pessoas mais pobres, os funcionários, empregados domésticos. Aquilo, para mim, sempre foi muito difícil. (informação verbal)

A referência à ideia de que o jornalista “é pago para se preocupar com os problemas do mundo” sintetiza uma concepção de jornalismo comprometida com a denúncia e com a visibilização de realidades frequentemente marginalizadas. Nesse sentido, sua atuação se aproxima de uma perspectiva em que o jornalismo não se limita à transmissão de informações, mas assume

também um papel social, ao evidenciar desigualdades e tensionar estruturas que naturalizam a exclusão.

Além disso, a jornalista aponta influências pessoais e familiares na construção desse olhar, especialmente a partir da experiência de seu pai, imigrante austríaco, cujas falas comparativas entre Brasil e Áustria contribuíram para a formação de uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais brasileiras. Esse contraste aparece como um elemento formador de sua sensibilidade, reforçando uma postura de estranhamento diante de práticas naturalizadas no contexto nacional. Dessa forma, sua trajetória revela como o compromisso com o jornalismo social se constitui a partir da combinação entre experiências pessoais, valores e escolhas profissionais, consolidando uma atuação voltada à problematização das condições de vida de grupos vulnerabilizados.

3.2.3 Experimentações no Jornalismo Gonzo

No que se refere à prática do Jornalismo Gonzo, a fala da jornalista revela uma prática consolidada que se aproxima também no jornalismo investigativo, sobretudo no que diz respeito à centralidade da experiência como estratégia de apuração. Desde o início de sua trajetória, Kritsch demonstra inclinação para a investigação aprofundada, buscando estabelecer relações de proximidade com os sujeitos retratados e adotando uma postura que privilegia o diálogo horizontal, em detrimento de uma abordagem distanciada e formal típica de certos modelos tradicionais de reportagem.

A estratégia de “vivência” da pauta aparece como elemento central desse método. Ao relatar que frequentemente se inseria nos contextos que pretendia narrar, muitas vezes sem se identificar imediatamente como jornalista, a repórter evidencia uma tentativa deliberada de acessar dimensões da realidade que dificilmente emergiriam em situações formais de entrevista. Essa prática, segundo ela, permite não apenas ouvir os sujeitos, mas compreender suas experiências a partir de dentro, o que contribui para uma construção narrativa mais densa e situada. Kritsch explica:

Eu já tinha feito várias dessas coisas, e eu obviamente sabia do valor de você se juntar ali sem declarar que você é jornalista e tentar se colocar no lugar daquelas pessoas. Isso eu fiz, aliás, eu sempre fiz isso como repórter, e eu recomendo para todo mundo, porque se a gente não tentar se colocar no lugar do outro, a gente vai

ficar com a nossa visão dele, e não vai ouvir o que as pessoas têm para dizer, talvez não consiga incorporar aquilo no texto, trabalhar aquilo e devolver para o leitor uma coisa bem próxima do que você ouviu. (informação verbal)

O uso de disfarce ou de identidades alternativas, como nos exemplos mencionados, reforça essa perspectiva imersiva e investigativa, ainda que a própria jornalista destaque a necessidade de rigor ético, especialmente quando envolve grupos em situação de vulnerabilidade. Tal cuidado indica uma consciência dos limites e responsabilidades implicados nesse tipo de abordagem, equilibrando a relação entre profundidade investigativa e integridade dos sujeitos retratados.

Além disso, sua referência à obra de George Orwell, *Down and Out in Paris and London* (1933), que descreve a vida do autor como um trabalhador pobre e errante em meio a miséria de Paris e Londres, evidencia influências teóricas que dialogam com tradições de imersão no jornalismo e na literatura. A comparação com práticas tradicionais de reportagem permite compreender que sua atuação se distancia de uma lógica meramente observacional, aproximando-se de uma proposta em que o repórter se torna parte do campo investigado.

3.2.4 Ética no Jornalismo Gonzo

A respeito do tópico ética no jornalismo de imersão, o depoimento da jornalista evidencia um conjunto de dilemas que atravessam esse tipo de prática, especialmente no que diz respeito à não identificação das fontes, ao consentimento e à relação com sujeitos em situação de vulnerabilidade. Ao optar por não se apresentar inicialmente como jornalista, ela reconhece a tensão entre a necessidade de acessar informações mais espontâneas e o compromisso ético com a transparência. Ainda assim, sua fala demonstra uma preocupação constante em mitigar possíveis danos, seja por meio da anonimização de fontes, seja pela busca de consentimento posterior, o que revela uma tentativa de equilibrar profundidade narrativa e responsabilidade profissional.

Os limites da atuação do repórter também aparecem como um ponto central. A jornalista destaca o cuidado em respeitar a vontade dos interlocutores, especialmente daqueles que recusaram a exposição, destacando que a autonomia dos sujeitos foi considerada nas decisões editoriais. Ao mesmo tempo, o apoio de mediadoras como as religiosas mencionadas reforça a importância de redes de confiança na condução ética da apuração, sobretudo em contextos socialmente sensíveis. “E nisso também o trabalho com a irmã Ivete e com a irmã Regina foi muito importante, porque

elas foram fundamentais para me ajudar nisso, para respeitar, e elas obviamente fizeram questão que dessa maneira fosse”. (Kritsch, 2025, entrevista cedida à autora).

A relação entre empatia e exploração surge como um dos aspectos mais delicados dessa abordagem. Ao compartilhar experiências, dividir alimentos e vivenciar o cotidiano das pessoas em situação de rua, a repórter se aproxima afetivamente dos sujeitos retratados. No entanto, ela também reconhece o desconforto gerado por essa proximidade, especialmente diante da consciência de que poderia deixar aquele contexto enquanto os demais permaneceriam nele. Essa tensão evidencia o risco de que a empatia se converta, ainda que involuntariamente, em uma forma de exploração simbólica, caso não seja acompanhada de reflexão crítica. Kritsch comenta:

E quanto ao olhar e falar, eu vou sair, eles não, no final eu questionava, no final eu pensava o seguinte: eu estou aqui fazendo isso para ajudá-los, para expor a situação deles, para ver o que é, para diminuir o preconceito e mostrar que essas pessoas não são todas drogadas, não são todas alcoólatras ou vagabundos. Então, na verdade, esse sentido maior da reportagem, no fim das contas, era a minha decisão final. (informação verbal)

Por fim, o equilíbrio entre distanciamento profissional e envolvimento pessoal se mostra como um dos principais desafios do jornalismo gonzo. A justificativa apresentada, de que a reportagem tinha como objetivo combater estigmas e dar visibilidade a uma realidade invisibilizada, funciona como um norte ético para suas escolhas. Ainda assim, sua fala indica que esse equilíbrio não é estático, mas construído de forma contínua, a partir de decisões situadas e da consciência dos impactos que a prática jornalística pode gerar sobre os indivíduos retratados.

3.2.5 Processos produtivos e rotinas jornalísticas

Sobre os processos produtivos e rotinas jornalísticas para a produção da reportagem, a entrevista evidencia como a construção da reportagem esteve profundamente atravessada por negociações internas e dinâmicas próprias da redação. A aprovação da pauta não foi imediata, mas resultou de um processo de convencimento junto aos editores, no qual a repórter precisou sustentar a viabilidade e a relevância da proposta.

A fala também aponta para o papel decisivo da liderança editorial na criação de um ambiente mais propício à experimentação. Ao mencionar figuras como Aluizio Maranhão e Pedro Cafardo, respectivamente diretor de redação e editor chefe, a jornalista sugere que determinadas gestões favoreceram maior liberdade criativa dentro do jornal, permitindo a realização de pautas menos convencionais.

Outro aspecto relevante diz respeito ao tempo e à natureza do processo de produção. Embora o trecho não detalhe minuciosamente a duração da apuração e da escrita, fica implícito que se trata de um trabalho que demanda planejamento prévio, articulação com fontes, como a Organização do Auxílio Fraternal, e uma execução que foge à lógica acelerada do *hard news*.

Entretanto, a entrevista e a segunda parte do livro revelam que a etapa de escrita da reportagem foi acelerada por conta do curto prazo da entrega do texto. Durante a apuração, o fotógrafo Vidal Cavalcante compartilhou, em uma festa promovida pelo jornal Folha de S. Paulo, informações sobre a reportagem em desenvolvimento, o que levou à mobilização concorrencial do veículo. Diante da possibilidade de publicação de uma matéria semelhante para o domingo, 3 de setembro, a equipe do Estadão precisou antecipar e intensificar o ritmo de produção, reduzindo significativamente o tempo disponível para a redação e edição do texto.

Por fim, o depoimento também permite refletir sobre o caráter coletivo do fazer jornalístico. Ainda que a ideia tenha partido da repórter e sua execução dependa fortemente de sua atuação individual, a concretização da matéria envolve uma rede de atores, editores, fontes institucionais e outros profissionais da redação, que influenciam direta ou indiretamente o resultado.

3.2.6 Narrativa jornalística e inovação de formato

Com relação à narrativa e o formato da matéria, a fala da repórter evidencia que a reportagem rompeu de maneira significativa com os padrões tradicionais do jornalismo diário, tanto no plano da escrita quanto na organização editorial do material. A adoção da primeira pessoa, indicada pela editora assistente do jornal, Márcia Glogowski, aparece como uma decisão construída em diálogo com a redação, o que reforça o papel dos editores no resultado da narrativa.

A utilização da primeira pessoa, combinada a uma escrita descritiva, centrada na observação e na experiência direta, aproxima a reportagem do campo do jornalismo literário. Como a própria jornalista destaca, trata-se de uma narrativa sem julgamentos, baseada na descrição das

cenas, dos personagens e das situações vividas, o que contribui para construir um relato mais imersivo e sensorial. Essa escolha dialoga com uma tradição que valoriza a densidade narrativa, a construção de atmosfera e a subjetividade controlada como formas legítimas de produção de conhecimento jornalístico. Kritsch relata:

Eu sempre fui superfã [de jornalismo literário] e sempre tentei... fazer com que as matérias fossem mais originais, criativas, que tivessem, respirassem, tivessem um pouco de literatura também na descrição dos personagens, isso mesmo quando eu não estava escrevendo em primeira pessoa, era realmente uma característica minha, na minha maneira de escrever, de ser jornalista. Mas acho que atrai muito, e o que você falou, acho que é qualidade, Qualidade não tem erro. As pessoas sabem distinguir o que é uma coisa de qualidade e elas gostam. Quem gosta de ler, quem se dá o trabalho de ler, gosta de um texto de qualidade. (informação verbal)

Outro aspecto relevante diz respeito à estrutura narrativa, que se organiza de maneira fragmentada e seriada, incorporando elementos próximos ao diário de campo. A sucessão de episódios, a reconstrução de cenas e o encadeamento cronológico das experiências reforçam a sensação de acompanhamento contínuo da vivência, aproximando o leitor do cotidiano retratado. Ao mesmo tempo, essa estrutura evidencia o volume de material produzido em campo, que exigiu um processo intenso de seleção e edição, realizado coletivamente na redação.

A reportagem também conta com três matérias menores que complementam a narrativa e foram publicadas em semanas subsequentes à matéria principal. Ao propor os temas dos anexos, a jornalista demonstra uma preocupação em abordar o fenômeno da população em situação de rua em sua totalidade, contemplando dimensões sociais, históricas e econômicas. A inclusão de conteúdos sobre a cooperativa de catadores de material reciclável, saúde mental e o trabalho da Organização do Auxílio Fraterno, por exemplo, evidencia uma tentativa de deslocar o olhar do estigma para a complexidade. Nesse sentido, os recursos complementares deixam de cumprir apenas uma função ilustrativa e passam a atuar como extensões analíticas da narrativa principal, reforçando o caráter interpretativo e socialmente engajado da reportagem.

Por fim, destacam-se os recursos complementares, como glossários, infográficos e boxes informativos, que ampliam as possibilidades de leitura e interpretação do conteúdo. O glossário, em particular, cumpre uma função importante ao traduzir o vocabulário específico dos moradores de rua, operando como uma ponte entre universos sociais distintos. Já os elementos gráficos

contribuem para diversificar a narrativa e oferecer camadas adicionais de informação, equilibrando a dimensão literária do texto com dados e sistematizações típicas do jornalismo informativo.

3.2.7 Representação da população em situação de rua

Sobre a representação da população em situação de rua, a entrevista evidencia um esforço consistente de desconstrução de estereótipos associados a esse grupo. Ao relatar sua experiência, Kritsch destaca elementos que contrariam visões reducionistas, como a ideia de que essas pessoas seriam necessariamente apáticas, violentas ou desprovidas de vínculos sociais, enfatizando aspectos como o humor, o senso de coletividade e o amor-próprio. Episódios como o de Jurandir, que se mobiliza para conseguir um iogurte ao acreditar que a jornalista estava grávida, revelam práticas de solidariedade e cuidado que alteram os enquadramentos estigmatizantes predominantes no senso comum e em parte da cobertura midiática. Kritsch declara:

Isso me lembra uma coisa de que eu gostei muito na reportagem. E não é mérito meu, é das pessoas que participaram comigo, ali na rua, especialmente os outros moradores. Mesmo numa situação tão difícil, eles têm humor. É algo impressionante. Eu ficava sempre pensando: como essas pessoas conseguem, né? Lembro daquela imagem do carroceiro gargalhando... Aquilo me marcou muito. A matéria traz momentos mais leves, apesar de tratar de uma realidade tão pesada. E isso também mostra a complexidade da vida, né? (informação verbal)

Essa perspectiva contribui para a humanização dos sujeitos, ao apresentá-los em sua complexidade, como indivíduos que, apesar das condições adversas, constroem relações, elaboram estratégias de sobrevivência e expressam afetos. Ao mesmo tempo, a fala da jornalista evidencia que essa humanização não se dá pela idealização, mas pela exposição de múltiplas dimensões da vida na rua, incluindo contradições, vulnerabilidades e violências.

Nesse sentido, emergem também temas frequentemente invisibilizados, especialmente aqueles que atravessam a experiência feminina na rua. A menstruação, por exemplo, aparece como um marcador de desigualdade e dignidade, evidenciando dificuldades concretas de acesso a itens básicos e situações de constrangimento e discriminação. Do mesmo modo, a alimentação e as práticas de partilha, como dividir comida ou buscar recursos coletivamente, revelam dinâmicas internas de solidariedade pouco exploradas no discurso público. Kritsch comenta:

Não aconteceu comigo, mas ficar menstruada na rua. Imagina que maravilha ser moradora de rua e ficar menstruada. Coitadas, o que acontece? Elas pegam o dinheiro da esmola e compram absorvente nas farmácias. Porque não tinha um lugar que desse absorvente. E era muito triste, porque elas entravam nas farmácias e já eram discriminadas só de botar o pé na farmácia. E eu tava com uma delas, que não era ninguém do grupo, era aquela moça que dividia os carros comigo pra eu olhar carro, ali na Vergueiro. Ela ganhou dinheiro com os carros e eu entrei na farmácia com ela pra ver, pra acompanhar, pra ver como era o negócio. E ela foi comprar Modess. E eu falei, nossa, como é que você faz? Difícil, tem que entrar nos banheiros pra trocar, né? (informação verbal)

Por outro lado, a entrevista explicita que nem todos esses aspectos foram incorporados à narrativa final. A decisão de não abordar temas como práticas sexuais ou determinadas experiências consideradas “mais duras” indica a existência de limites editoriais e estratégicos na construção da reportagem, evidenciando como certos conteúdos podem ser deliberadamente excluídos para evitar rejeição do público ou controvérsias. Ainda assim, episódios como o de Fátima, vítima de violência cujo episódio foi mencionado anteriormente neste trabalho, apontam para a presença concreta da violência de gênero no cotidiano das mulheres em situação de rua, reforçando a necessidade de considerar essas especificidades na análise.

Por fim, a entrevista permite identificar uma diversidade de perfis entre a população retratada, que inclui trabalhadores informais, pessoas com problemas de saúde mental, usuários de substâncias e indivíduos em trajetórias distintas de ruptura social. Essa heterogeneidade rompe com a ideia de uma categoria homogênea e evidencia que a vida na rua é atravessada por múltiplas experiências e condições. Assim, a representação construída na reportagem, ainda que marcada por escolhas e recortes, contribui para ampliar a compreensão pública sobre essa população, deslocando-a de um lugar de estigma para um campo mais complexo de reconhecimento social.

3.2.8 Impactos da reportagem

A reportagem produziu impactos significativos tanto na percepção do público quanto no campo profissional e social. Um dos efeitos mais evidentes foi a mudança de olhar em relação à população em situação de rua, frequentemente invisibilizada ou desumanizada. Como relata a própria jornalista, à época da publicação, predominava uma visão de indiferença. Nesse sentido, o

trabalho buscou romper com essa lógica ao expor a complexidade dessas vidas e provocar empatia nos leitores. Kritsch declara:

[...] aquilo era uma outra época. Acho que o tipo de consciência que a gente tem hoje, essa coisa de cobrar dos serviços públicos, não era tão forte. E, assim, também cai naquela história do que a minha matéria tentou mudar a respeito, morador de rua realmente não valia nada, sabe? (informação verbal)

Essa transformação pode ser observada nas reações do público, que revelam uma repercussão social e simbólica relevante. A jornalista menciona, por exemplo, o caso de uma mulher que, após ler a matéria, decidiu doar parte de seus pertences por estar sensibilizada com a situação. Ainda que algumas respostas possam parecer pontuais, elas são indícios da capacidade do jornalismo de sensibilizar e mobilizar diferentes camadas da sociedade.

Além disso, a reportagem se insere em uma dimensão política ao buscar chamar atenção para a necessidade de políticas públicas voltadas a essa população. A intenção declarada da autora era justamente “pressionar por políticas públicas” e evidenciar que havia muito mais a ser feito. Embora não se possa medir diretamente seus efeitos concretos nesse campo, o trabalho contribui para ampliar o debate e dar visibilidade a demandas negligenciadas pelo público. No âmbito profissional, a matéria também alcançou reconhecimento significativo, sendo lembrada até hoje e premiada, inclusive com o extinto Prêmio Esso de Jornalismo, em 1995.

Criado em 1955 pela empresa Esso Brasileira de Petróleo, o Prêmio Esso de Jornalismo consolidou-se como uma das mais importantes e prestigiadas premiações do jornalismo brasileiro, frequentemente comparado ao “Pulitzer brasileiro” devido à sua relevância no campo profissional. Ao longo de décadas, reconheceu reportagens de grande impacto social, político e investigativo, premiando jornalistas como Ricardo Kotscho, Renata Lo Prete e Ricardo Boechat. A conquista de Rebeca Kritsch, inicialmente inscrita na categoria regional Sudeste e posteriormente elevada à categoria nacional por articulação do então editor-chefe Pedro Cafardo, demonstra o impacto singular da reportagem no contexto da época. O prêmio foi cancelado em 2016, após mais de seis décadas de existência, com o intuito de reformular a premiação para contemplar as novas formas de fazer jornalismo para além dos veículos tradicionais. Até o presente momento, a empresa responsável pelo prêmio, a multinacional de petróleo e gás ExxonMobil, não retornou com uma nova edição do concurso.

Por fim, destaca-se a permanência da reportagem na memória coletiva, tanto do público quanto da própria autora. Anos depois, ela ainda é reconhecida e comentada por leitores, o que demonstra sua força narrativa e sua capacidade de marcar o imaginário social. Para a jornalista, trata-se de um trabalho que atravessa sua trajetória pessoal e profissional, sendo constantemente retomado como exemplo de um jornalismo sensível, imersivo e socialmente engajado.

3.2.9 Riscos, limites e fronteiras da prática jornalística

Por fim, a experiência de imersão nas ruas evidencia que o jornalismo, especialmente em contextos extremos, envolve não apenas riscos físicos, mas também decisões éticas constantes sobre até onde o repórter deve ir. No caso analisado, a jornalista demonstra uma consciência clara desses limites, estabelecendo fronteiras necessárias entre a vivência observada e a atuação profissional.

No que diz respeito aos perigos físicos, a rotina nas ruas se mostra marcada por situações de vulnerabilidade e violência. A presença da polícia, por exemplo, aparece como um elemento ambíguo e, muitas vezes, ameaçador, sendo associada a abordagens agressivas e até episódios letais, como o Massacre da Praça da Sé, ocorrido em 2004. A necessidade de evitar confrontos, revela estratégias de sobrevivência adotadas tanto pela repórter quanto pelos próprios moradores de rua, evidenciando o grau de risco envolvido na apuração.

Paralelamente, destacam-se os limites éticos que orientam a prática jornalística. A jornalista enfatiza o cuidado em não se envolver com drogas ou atividades ilegais, não apenas por questões legais, mas porque ultrapassar esse limite comprometeria sua posição como observadora. Kritsch afirma:

Isso é muito interessante, Isis, porque muitas ideias, muitas coisas, é uma tentação ali, sabe? Não droga, até porque eu nunca consumi droga. Mas dessa vontade de ir além, de dar um passo a mais. Porque, para ser jornalista, você precisa manter uma certa distância, uma barreira. (informação verbal)

Essa distinção explicita a diferença entre vivência jornalística e experiência pessoal. Embora a imersão permita uma aproximação intensa com o cotidiano retratado, ela não equivale a tornar-se parte integral daquela realidade. O jornalista pode relatar, investigar e compreender, mas

não precisa e, em muitos casos, não deve vivenciar todas as práticas que observa. A recusa em, por exemplo, se inserir no universo da prostituição como forma de apuração demonstra uma postura ética que reconhece os limites da profissão. Segundo Kritsch:

[...] eu tinha muita vontade de fazer mais assim no mundo da prostituição, por exemplo. Aí você dá um passo de falar, também vou, só para saber como é que é. [...] Primeiro que é arriscadíssimo. Segundo, é a mesma coisa, você rompeu aquele negócio. Você não precisa se prostituir para afundar no mundo. Tem uma tentação muito grande, mas... a gente tem que resistir, porque isso é norma geral, isso não é outra coisa. (informação verbal)

Por fim, a experiência suscita uma reflexão mais ampla sobre até onde o repórter deve ir em nome da narrativa. O equilíbrio entre profundidade e responsabilidade emerge como um princípio central: é preciso aproximar-se o suficiente para compreender, mas manter distância suficiente para preservar a integridade física, legal e ética. Nesse sentido, a prática jornalística se configura como um exercício contínuo de negociação entre envolvimento e distanciamento, no qual saber recuar é tão importante quanto saber investigar.

3.2.10 Classificação e identidade da prática jornalística

A segunda entrevista realizada com Rebeca Kritsch contribuiu para aprofundar questões relacionadas à classificação de *Viver nas Ruas* (1995) e à identidade narrativa construída ao longo da reportagem. Ao refletir sobre o trabalho realizado em 1995, a jornalista demonstra que a produção não se encaixa de maneira rígida em apenas um gênero jornalístico, mas apresenta características híbridas que articulam elementos do jornalismo literário, participativo e investigativo.

Ao definir o resultado da reportagem, Kritsch aproxima a obra do jornalismo literário, especialmente pela utilização de recursos narrativos que rompem com os padrões tradicionais do *hard news*. Entre esses recursos estão a narrativa em primeira pessoa, a construção de cenas descritivas e a presença explícita da repórter dentro da própria narrativa. Segundo a repórter, a subjetividade e a construção estética da narrativa são elementos centrais da reportagem. A utilização da primeira pessoa não aparece apenas como recurso estilístico, mas como estratégia para aproximar o leitor da experiência vivida e reforçar a dimensão humana da narrativa. Nesse

sentido, a presença da repórter deixa de ocupar uma posição invisível ou neutra, assumindo papel ativo na construção dos sentidos apresentados ao público. Kritsch afirma:

O texto, eu descrevo como jornalismo literário, porque tem cursos totais do começo ao fim, começando com aquela descrição que eu li lá no lançamento, por exemplo, que eu falo tinha duas mulheres na fila, uma delas era eu, tinha mais uma. Então assim, se referindo a mim e ao Vidal na uma terceira na terceira pessoa, totalmente um recurso literário, né? E outras coisas mais e por ser primeira pessoa já é uma coisa muito diferente do jornalismo tradicional. (informação verbal)

Apesar de reconhecer características investigativas em sua trajetória profissional, Kritsch diferencia *Viver nas Ruas* (1995) de outras reportagens produzidas por ela com finalidade de denúncia. Segundo a jornalista, o jornalismo investigativo estaria mais relacionado a experiências de infiltração voltadas à exposição de ilegalidades, como reportagens realizadas sob disfarce. Kritsch diz:

Agora, em relação à reportagem em si, eu não chamo de investigativo, porque eu fui investigativa praticamente na minha carreira inteira [...] então, algumas pessoas falam em jornalismo participativo, né? E eu não sei se eu teria um *label*, como é que fala, um nome para isso. (informação verbal)

Ainda assim, a própria dinâmica de *Viver nas Ruas* (1995) demonstra a presença de procedimentos investigativos associados à imersão e à observação participante. A jornalista viveu temporariamente como uma pessoa em situação de rua, compartilhando espaços, experiências e interações cotidianas com os personagens retratados. Esse processo aproxima a reportagem de modalidades classificadas como jornalismo participativo, etnográfico ou gonzo, categorias mencionadas durante a entrevista.

Ao ser apresentada ao conceito de jornalismo gonzo utilizado neste trabalho, Rebeca reconhece aproximações entre sua experiência e a definição proposta, especialmente pela valorização da presença do repórter na narrativa e pela centralidade da experiência vivida no processo de construção jornalística. Assim, a reportagem pode ser compreendida como uma produção híbrida, marcada pela combinação entre apuração imersiva, subjetividade narrativa e compromisso social.

3.2.11 Retomada da reportagem 30 anos depois

A retomada da reportagem três décadas após sua publicação revela não apenas a permanência da obra na memória coletiva, mas também a atualização de seus sentidos diante do agravamento da questão da população em situação de rua em São Paulo. Durante a segunda entrevista realizada para esta pesquisa, Rebeca Kritsch afirmou que a decisão de transformar a reportagem em livro surgiu a partir da recorrência com que o trabalho era lembrado por leitores e jornalistas, além do interesse demonstrado por novas gerações que não tiveram acesso ao material original. Segundo a autora, ao longo dos anos, muitas pessoas comentavam espontaneamente sobre a reportagem, solicitavam cópias digitalizadas e incentivavam uma republicação. Esse movimento se intensificou diante do crescimento da população em situação de rua e da ampliação da Cracolândia, fazendo com que a jornalista percebesse a necessidade de recolocar o tema em circulação pública.

A republicação em formato de livro, nesse sentido, não aparece apenas como um exercício de memória, mas como uma forma de atualização política e social da narrativa original. A própria jornalista associa diretamente o relançamento ao agravamento das desigualdades urbanas e à ausência de respostas efetivas do poder público, afirmando que a obra poderia novamente contribuir para “chamar atenção para o assunto”. Ao comentar o processo de decisão, Kritsch destaca:

E aí, as coisas foram piorando muito aí em São Paulo, com relação aos moradores de rua, né? E as pessoas falavam: "Ah, por que você não lança? Por que você não lança? Recupera, tal" [...] São 30 anos e os filhos dos meus amigos, um monte adolescente agora, entrou na faculdade, pediram, né? Falei: "Ah, quer saber? Eu vou fazer os 30 anos, porque também depois não faço mais, né?" E aí, o que aconteceu? Ainda por cima, várias pessoas morreram. Eu queria ter feito com a irmã Ivete e a Regina vivas, né? E a irmã Regina morreu um ano antes, né? Eu fiquei passada assim. Então, quando eu via de São Paulo, que piorou muito a Cracolândia, aquelas coisas todas acontecendo conversando com os meus amigos jornalistas, fotógrafos. E aí comecei a conversar com pessoas que são ligadas a pessoas em situação de rua, né? Falaram: "Nossa, faça, faça para chamar atenção para o assunto de novo". E aí foi isso, assim, foram juntando a fome com a vontade de comer. (informação verbal)

Além da dimensão social, a autora também atribui ao relançamento uma função documental e pedagógica. Durante a entrevista, Kritsch afirmou que um dos principais objetivos da publicação era disponibilizar a reportagem para estudantes de jornalismo e para leitores mais jovens, já que o

material original não circulava amplamente em formato acessível. Essa percepção reforça a permanência da obra como referência de jornalismo imersivo e narrativo, ao mesmo tempo em que evidencia sua transformação em objeto de memória profissional e acadêmica.

3.2.12 Gênero e vulnerabilidade social

A questão de gênero aparece de maneira recorrente em *Viver nas Ruas* (1995), tanto na seleção das personagens quanto nos temas abordados pela narrativa. Embora os dados apresentados pela própria reportagem indiquem que as mulheres correspondiam a uma parcela minoritária da população em situação de rua em São Paulo, cerca de 8% na década de 1990, número posteriormente ampliado para 16% na atualização publicada em 2025, o levantamento realizado nesta pesquisa identificou uma presença relativamente equilibrada entre personagens masculinos e femininos na narrativa. A diferença entre os dois grupos é pequena, com 17 personagens masculinos e 13 femininas, incluindo travestis tratadas no feminino ao longo do texto.

A reportagem também evidencia como a vulnerabilidade feminina nas ruas assume características específicas. Ao longo da narrativa, aparecem relatos relacionados à violência sexual, gravidez, maternidade compulsória, perda da guarda dos filhos, prostituição e dificuldades relacionadas à higiene menstrual. Em entrevista, a jornalista afirmou que a condição das mulheres em situação de rua lhe parecia “muito mais sofrida”, especialmente pela constante exposição ao risco de estupro e pelas responsabilidades associadas ao cuidado e à maternidade. Kritsch conta:

Então, a situação de gênero é difícilimo, é muito sofrida, eu acho que é muito mais sofrida para mulher, a mulher engravida, a mulher tem filho, tira o filho para dar para adoção imediatamente. Assim, tem no meu livro aquela senhora que depois foi buscar, perdeu os filhos, depois foi buscar, conseguiu de volta. Então você imagina, né? Eu vi, uma delas piou, né? De perder ela, todo filho dela foi para a adoção, ela ficou com problemas de saúde mental bem graves assim, ela saiu do ar. Outra da reportagem, por exemplo, ela foi estuprada, ela também teve problemas mentais até hoje, sabe? Problema de saúde mental. Ela nunca saiu da rua. Ela tinha 18 anos, faz as contas 30 anos depois, ela continua na rua. Ela nunca saiu da rua. Então, assim, eu acho que a mulher é tem a situação de vulnerabilidade da mulher que já é forte na sociedade, piora muito na rua, né? (informação verbal)

Outro aspecto relevante é a formação de vínculos afetivos e relações de proteção entre homens e mulheres nas ruas. Durante a entrevista, Kritsch relatou que frequentemente observava casais formados não apenas por vínculos afetivos, mas também como estratégias de segurança e sobrevivência. Segundo a jornalista, a presença de um companheiro alterava a forma como ela própria era percebida naquele espaço, reduzindo abordagens masculinas agressivas e oferecendo uma espécie de proteção simbólica. Essas observações dialogam com os relatos apresentados por Verônica, participante do lançamento do livro, que descreveu como mulheres em situação de rua frequentemente dependem da proximidade com homens para garantir maior segurança diante da violência cotidiana.

Eu lembro que eu fui, logo depois que a Fátima foi atacada, eu até conto, aí fui lá no numa comunidade, um menino veio me cantar, né? Perguntar e tal, não sei o que. Ele falou: "Ah, por que a gente não fica junto? É melhor para você". Eu lembro que eu nem pus na matéria, mas tipo assim, eu posso te proteger, posso te ajudar e tal. E você vê muitos deles como casais, brigam, o tempo todo brigam, estão ali, tá junto, sabe? Assim, você fala até na cara que tem alguma conveniência ali. E a da proteção. É pelo menos para circular junto. Esse negócio, como eu tinha um Vidal também, quando eu tinha um Vidal durante o dia e tal, você vê a primeira hora que eu fiquei sozinha já veio um cara em cima de mim. (informação verbal)

Assim, a representação feminina em *Viver nas Ruas* (1995) amplia o debate sobre população em situação de rua ao destacar questões de gênero frequentemente invisibilizadas nas coberturas jornalísticas tradicionais. Ao enfatizar experiências ligadas ao cuidado, à violência e à sobrevivência cotidiana das mulheres, a reportagem se distancia de uma visão homogênea da pobreza e evidencia como diferentes marcadores sociais atravessam a experiência da rua.

3.2.13 Referências de jornalismo social no Brasil e no exterior

Embora afirme não acompanhar de maneira aprofundada o jornalismo brasileiro contemporâneo, especialmente por estar afastada das redações e vivendo fora do país há muitos anos, a jornalista menciona iniciativas nacionais e internacionais que se aproximam, em diferentes graus, da proposta desenvolvida em *Viver nas Ruas* (1995). Entre os exemplos citados, aparecem reportagens infiltradas sobre tráfico humano, prostituição infantil, pornografia infantil e imigração

clandestina, especialmente produzidas por veículos internacionais como BBC e CNN. Nessas experiências, a estratégia de atuação *undercover*, termo utilizado por ela para designar práticas de infiltração e disfarce, aparece como um recurso recorrente para acessar realidades ocultas e produzir narrativas de forte impacto social.

Para Kritsch, a reportagem de campo permanece fundamental para compreender questões estruturais da sociedade, sendo insuficiente limitar o trabalho jornalístico à apuração mediada por telefone, internet ou reprodução de conteúdo já circulantes. Nesse sentido, sua crítica ao distanciamento crescente entre jornalistas e as ruas reforça a valorização de práticas de reportagem de profundidade, centradas na experiência concreta e no contato direto com os sujeitos retratados. Kritsch destaca:

Eu também acho que não é para todo mundo, sabe? Eu acho que eu já te falei isso, né? A gente não aguenta consumir só uma notícia, são coisas ruins, né? Então, eu acho que tem que ser equilibrado e tal. As ofertas têm que ser equilibrada e não é para todo mundo, mas não pode ser para ninguém também. Eu acho que jornalista tem uma função pública, social. E o que acontece também é isso. A maneira que as pessoas vêm hoje, você entra numa redação, você acha que não é para fazer entrevista pessoalmente, né? Acha que é só ficar lá, eu ouço isso às vezes. De meus amigos da minha época, eles falam assim: "A molecada vem e acha que é ficar sentada lá, na internet ou no telefone". Tem uma preguiça de ir para rua. (informação verbal)

Por fim, as reflexões de Rebeca aproximam a reportagem de iniciativas contemporâneas de jornalismo humanizado e narrativo, especialmente aquelas que procuram abordar desigualdade social, exclusão, violência e vulnerabilidade a partir da experiência concreta dos sujeitos envolvidos.

3.2.14 Possibilidade e limites da reportagem atualmente

Ao refletir sobre a possibilidade de refazer a reportagem atualmente, Kritsch acredita que a experiência ainda seria válida como método jornalístico, mas reconhece que as condições urbanas e sociais transformaram profundamente a dinâmica das ruas. Segundo ela, a presença massiva do crack e do tráfico de drogas alterou completamente o ambiente observado durante a produção original da reportagem, fazendo com que uma nova imersão exigisse maior preparo, proteção e estratégias diferentes de apuração.

A jornalista destaca que, na década de 1990, a epidemia do crack ainda estava em estágio inicial, enquanto atualmente a droga domina grande parte da experiência das pessoas em situação de rua, especialmente na região central de São Paulo. Para ela, uma nova versão da reportagem provavelmente teria como eixo principal justamente a relação entre rua, drogas e violência urbana, já que o cenário contemporâneo é marcado por maiores riscos e por uma presença mais intensa do tráfico nos espaços de circulação e permanência dessa população. Kritsch afirma:

Talvez eu passasse noites naquela Cracolândia assim, entendeu? Mas eu não sei se eu faria as coisas da mesma maneira, precisaria me preparar muito, me proteger muito. Talvez escolhesse um outro lugar, umas outras partes da cidade, não sei, é difícil imaginar, sabe? Eu acho que quem tiver vontade e coragem e quiser fazer, eu acho que é sempre uma coisa válida de se fazer, sabe? (informação verbal)

Mesmo diante dessas mudanças, Kritsch considera que a imersão permanece uma estratégia potente de reportagem. Segundo ela, o anonimato vivido durante a experiência original foi “o pulo do gato” da matéria, pois permitiu que a repórter vivenciasse a realidade das ruas sem ser reconhecida como jornalista, produzindo uma narrativa marcada pela experiência direta. Ainda assim, ela reconhece que hoje os cuidados necessários seriam muito maiores, especialmente devido à violência urbana e ao controle exercido pelo tráfico em determinadas áreas.

A entrevista também evidencia mudanças nas formas de nomear essa população. Enquanto na época da reportagem utilizava-se amplamente o termo “morador de rua”, atualmente a expressão “pessoa em situação de rua” tornou-se mais recorrente por enfatizar a condição social transitória em vez de definir o indivíduo exclusivamente pela rua. Essa transformação terminológica demonstra mudanças sociais, políticas e éticas na forma como o debate público passou a compreender essa população.

3.2.15 Experiência de produção na série Redescobrimdo o Brasil

Alguns anos após a publicação da reportagem *Viver nas Ruas* (1995), Rebeca Kritsch deu início a outro grande projeto jornalístico: *Redescobrimdo o Brasil* (2002). Diferente da experiência de imersão vivida nas ruas de São Paulo, a nova proposta tinha como objetivo percorrer regiões pouco exploradas do país, especialmente cidades do interior e localidades afastadas dos circuitos turísticos tradicionais. O projeto foi desenvolvido como uma extensa reportagem de viagem, em

que a jornalista atravessava diferentes territórios brasileiros em busca de histórias humanas, sociais e culturais invisibilizadas pelos grandes centros urbanos e pela cobertura jornalística convencional.

Ao comparar a série *Redescobrimo o Brasil* (2002) com *Viver nas Ruas* (1995), Kritsch destaca que os dois projetos possuem naturezas distintas, embora compartilhem algumas características relacionadas ao método de apuração e à busca por experiências diretas. Diferentemente de *Viver nas Ruas* (1995), em que atuava de maneira anônima e imersa na realidade investigada, nesse projeto sua identidade como repórter era explícita, inclusive com veículo identificado pelo logotipo do jornal.

Apesar dessa diferença estrutural, Kritsch aponta que ambos os trabalhos compartilhavam uma característica central: a necessidade de convivência direta com as pessoas e os espaços retratados. Em *Redescobrimo o Brasil* (2002), o processo de produção dependia intensamente da observação em campo, das conversas com moradores locais e da descoberta de histórias durante o percurso. Muitas vezes, segundo ela, os locais visitados não possuíam relevância histórica ou turística conhecida, mas revelavam narrativas humanas e sociais significativas a partir da experiência cotidiana das populações encontradas.

A jornalista também enfatiza os desafios físicos e logísticos enfrentados durante a realização do projeto, revelando que diversas situações colocaram sua segurança em risco. Entre os episódios narrados, destaca-se o momento em que seu carro atolou dentro da região do Xingu durante a fuga de presidiários na área. A jornalista descreve a experiência como extremamente perigosa, marcada pelo isolamento, pela presença de onças na mata e pela possibilidade de encontrar criminosos escondidos na região. A situação evidencia como a prática do jornalismo de campo, especialmente em regiões remotas, envolve não apenas dificuldades operacionais, mas também exposição constante a cenários imprevisíveis e potencialmente violentos.

Outro relato apresentado por Rebeca refere-se às dificuldades enfrentadas durante a travessia da Transamazônica, onde ela e o fotógrafo precisaram permanecer a noite inteira isolados em um hotel precário e alagado, em uma região considerada perigosa para jornalistas. A presença do veículo identificado como pertencente ao jornal aumentava os riscos da circulação em determinados locais, especialmente em áreas marcadas por conflitos, criminalidade e resistência à presença da imprensa. Kritsch conta:

Passamos uma noite em claro lá, com as coisas em cima esperando amanhecer. Porque tinha aquele lugar chamado Paragominas que eles chamam de

Paragobalas, né? Eles não queriam ver a gente por perto, né? A gente tava com uma caminhonete também com o logotipo do Estadão, as pessoas falavam: "Não vai ali, não vai ali. Repórter não entra ali, a imprensa não entra ali". E a gente tá bom, né? E eu nem tava procurando nada assim, tava cruzando a Transamazônica só pra reportagem, né? Eu vi de tudo mas foi maravilhoso. (informação verbal)

Assim, embora *Redescobrindo o Brasil* (2002) não tenha sido uma experiência de disfarce como *Viver nas Ruas* (1995), o projeto também se estruturou a partir da presença intensa da repórter no território investigado. A experiência reforça a valorização do jornalismo de campo, da observação direta e da vivência concreta como elementos fundamentais para a construção de narrativas aprofundadas sobre a realidade brasileira.

3.2.16 Dilemas éticos ontem e hoje

Por fim, a última entrevista realizada com a jornalista também permitiu aprofundar a discussão sobre os dilemas éticos presentes na produção de *Viver nas Ruas* (1995), especialmente no que diz respeito à ocultação da identidade profissional, à relação com pessoas em situação de vulnerabilidade e aos impactos emocionais gerados pela experiência de imersão. Ao revisitar a reportagem quase trinta anos depois, a jornalista demonstra que muitas das inquietações éticas percebidas pelo leitor não foram totalmente planejadas antes da apuração, mas surgiram de forma progressiva à medida que ela vivenciava o cotidiano das ruas.

Segundo Kritsch, antes de iniciar a reportagem já existia uma preocupação ética relacionada ao fato de estar se passando por uma moradora de rua para produzir o material. Ainda assim, ela afirma que, naquele momento, acreditava possuir certo controle sobre a situação, estabelecendo limites para sua atuação. A jornalista relata, por exemplo, que evitava competir com pessoas que pediam esmolas e buscava não ocupar espaços que poderiam prejudicar quem dependia financeiramente daquela atividade. Entretanto, conforme a convivência se intensificava, novas questões surgiam de maneira inesperada, principalmente diante da solidariedade demonstrada pelas próprias pessoas em situação de rua. Kritsch conta:

O que acontece é o seguinte, eu já sabia das questões éticas antes de começar e também saberia hoje, mas aquilo que você viu na matéria foi crescendo durante a matéria, sabe? Foi um negócio assim que você tem aquela consciência de tipo não eu não vou me fazer de coitadinha nem de vítima porque obviamente eu estou aqui com um repórter e vou sair daqui eu estou aqui contando uma história e tal.

Então, na minha cabeça, tudo resolvido né. Estaria do mesmo jeito assim tipo tal. O negócio é que eu descobri aquilo durante a matéria, né? (informação verbal)

Um dos episódios mais marcantes relatados por Rebeca envolve Cláudia, uma mulher em situação de rua e mãe de três filhos, que decidiu dividir sua comida com a repórter ao acreditar que ela também passava fome. A situação provocou forte desconforto emocional na jornalista, que passou a sentir culpa por estar ocupando temporariamente uma realidade da qual poderia sair a qualquer momento, enquanto aquelas pessoas continuariam vivendo em condições precárias. A inclusão desse trecho na reportagem revela como o conflito ético se tornou parte essencial da narrativa, transformando a experiência subjetiva da repórter em elemento central para a construção do relato jornalístico.

Durante a entrevista, Kritsch afirma que esses dilemas continuariam existindo caso a reportagem fosse refeita atualmente. Para ela, questões relacionadas à empatia, à culpa e ao desconforto diante da generosidade das pessoas vulneráveis permaneceriam praticamente as mesmas. No entanto, a jornalista destaca que o contexto contemporâneo acrescentaria novos desafios, especialmente relacionados à violência urbana e ao crescimento do consumo de crack nas ruas. Segundo seu relato, já na época da reportagem havia situações envolvendo tráfico e circulação da droga, mas atualmente esse cenário seria muito mais intenso e perigoso, ampliando os riscos da imersão jornalística e os conflitos éticos envolvidos na aproximação com essa realidade.

Mas eu acho esses dilemas com certeza, outros então, sabe o que eu acho? Que seria hoje em dia fazendo que ia ser uma coisa bem difícil, a coisa do crack mesmo. [...] Imagina o perigo. Porque você tá lidando com o viciado, você tá lidando com o traficante, tem a polícia. Quer dizer, é um negócio ilegal, é perigo por todos os lados, né? (informação verbal)

Dessa forma, percebe-se que os dilemas éticos presentes em *Viver nas Ruas* (1995) não se limitam apenas à ocultação da identidade profissional, mas abrangem também os limites da atuação do repórter, os impactos emocionais da experiência imersiva e as tensões existentes entre observação jornalística, participação e responsabilidade social. A permanência dessas questões ao longo do tempo demonstra como a reportagem continua atual ao problematizar os desafios éticos do jornalismo de imersão e a complexidade de representar realidades marcadas pela exclusão social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a reportagem especial *Viver nas Ruas*, publicada por Rebeca Kritsch em 1995 no jornal Estado de São Paulo, a partir da perspectiva do jornalismo gonzo e das práticas de imersão jornalística. Buscou-se compreender de que maneira a presença da repórter na narrativa, associada ao uso da primeira pessoa e à experiência vivida, contribui para a construção de enquadramentos sobre a população em situação de rua e para a percepção do público acerca de temas sociais frequentemente invisibilizados.

Ao longo da pesquisa, verificou-se que os objetivos propostos foram alcançados. A análise demonstrou que a reportagem rompe parcialmente com padrões tradicionais do *hard news* ao privilegiar uma narrativa subjetiva, literária e experiencial, na qual a jornalista se insere diretamente no contexto retratado. Constatou-se que o uso da primeira pessoa aproxima o leitor da experiência vivida, fortalece a dimensão humana da narrativa e favorece a construção de vínculos de empatia com a população em situação de rua, sem que a reportagem deixe de cumprir sua função informativa.

Também foi possível identificar como os enquadramentos presentes na reportagem deslocam o olhar do público de uma perspectiva individualizante para uma compreensão mais ampla das desigualdades sociais e da ausência de políticas públicas voltadas à população em situação de rua. Questões como fome, violência, solidariedade, saúde mental e vulnerabilidade feminina aparecem de maneira concreta e cotidiana, evidenciando que os enquadramentos da reportagem privilegiam sujeitos, experiências e espaços frequentemente marginalizados pelo noticiário tradicional, ampliando a compreensão do leitor sobre as dimensões estruturais da situação de rua.

Além disso, a pesquisa evidenciou a importância dos processos produtivos e das rotinas jornalísticas na construção da reportagem. A atuação dos editores, o espaço concedido para experimentação narrativa e o trabalho coletivo da redação contribuíram diretamente para o formato final da matéria. A análise também permitiu refletir sobre os limites éticos e os riscos envolvidos em práticas de imersão, especialmente no que se refere à relação entre experiência jornalística e envolvimento pessoal do repórter com o universo investigado.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, algumas dificuldades surgiram no processo de pesquisa. Inicialmente, determinadas questões relacionadas à atuação de Rebeca Kritsch, aos

bastidores da produção da reportagem e às escolhas narrativas presentes no texto permaneceram em aberto devido à escassez de registros sobre o tema. No entanto, essas lacunas puderam ser superadas por meio de duas entrevistas semiestruturadas realizadas com a jornalista, que confirmaram aspectos relacionados ao processo de produção da reportagem, às escolhas narrativas adotadas e às condições de realização da experiência imersiva, permitindo aprofundar elementos que não estavam explicitados na matéria original nem em registros anteriores.

A análise também permitiu compreender que a narrativa em primeira pessoa não apenas aproxima o leitor da experiência vivida, mas também reconfigura o papel do repórter dentro da prática jornalística, deslocando-o da posição de observador distante para a de sujeito participante da narrativa. Nesse processo, verificou-se que as escolhas de seleção, ênfase e exclusão presentes na construção textual influenciam diretamente os sentidos produzidos sobre a população em situação de rua, reforçando determinados enquadramentos sociais. Além disso, a reportagem demonstra forte valor público ao oferecer informações contextualizadas, ampliar a compreensão sobre a realidade retratada e estimular reflexões sociais que ultrapassam o caráter meramente informativo da notícia.

Por fim, conclui-se que *Viver nas Ruas* (1995) permanece relevante não apenas como documento jornalístico, mas também como exemplo de uma prática narrativa capaz de provocar reflexão social, sensibilizar leitores e ampliar debates públicos sobre desigualdade e exclusão. Em um contexto contemporâneo marcado pela aceleração da informação e pela predominância de formatos breves, revisitar experiências como essa também significa refletir sobre as possibilidades do jornalismo enquanto espaço de escuta, presença e construção de memória social.

A permanência da relevância dessa reportagem, mesmo após três décadas de sua publicação, demonstra que questões relacionadas à representação da população em situação de rua, à credibilidade do jornalismo e às possibilidades das narrativas imersivas continuam presentes no debate contemporâneo. Em um cenário marcado pela circulação acelerada de informações e pela predominância de conteúdos fragmentados, revisitar *Viver nas Ruas* (1995) permite compreender como formas de reportagem fundamentadas na experiência, na contextualização e na escuta podem contribuir para fortalecer o papel social do jornalismo e estimular uma reflexão mais crítica sobre problemas públicos que permanecem atuais.

Os resultados também evidenciaram que a combinação entre narrativa em primeira pessoa, imersão e enquadramento constitui um elemento central da força comunicativa da reportagem. A

experiência vivida pela jornalista não se limita a um recurso estilístico, mas organiza a construção da narrativa, orienta a seleção dos acontecimentos retratados e amplia a capacidade interpretativa da reportagem sobre a realidade da população em situação de rua. Esses aspectos confirmam a pertinência do diálogo estabelecido entre as contribuições de Mauro Porto (2004) sobre enquadramento e os pressupostos do jornalismo gonzo, fundamentando a interpretação desenvolvida ao longo desta pesquisa.

Espera-se, por fim, que esta pesquisa contribua para ampliar as possibilidades de reflexão acadêmica sobre o jornalismo gonzo e as práticas de imersão no jornalismo brasileiro, incentivando novos estudos sobre narrativas subjetivas, experiências de reportagem e formas alternativas de construção da notícia, especialmente em coberturas voltadas a temas sociais e grupos historicamente invisibilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Brasileira de Letras. **Infodemia**. Nossa Língua – Nova Palavra, Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

Benjamin, Walter. “O narrador - considerações sobre a obra de Nicolai Leskov” in **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Justiça. **Portaria SENAJUS/MJSP nº 116, de 31 de janeiro de 2025**. Aprova o Regimento Interno do Observatório da Violência contra Jornalistas e Comunicadores Sociais. Brasília, DF, 2025.

Entman, Robert. **Framing: toward clarification of a fractured paradigm**. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51-58, autumn 1993.

Capote, Truman. **A sangue frio**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Didion Joan. **Rastejando até Belém**. Tradução de Maria Cecília Brandi. São Paulo: Todavia, 2021.

Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

Fragoso, Mariana Pitasse. “Precisa anotar tudo nesse caderninho?”: reflexões sobre construções textuais no Jornalismo e na Antropologia. *Ambivalências*, v. 12, n. 23, 2024, p. 9–29.

Ijuim, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Trabalho apresentado ao DT 1 – GP Teorias do Jornalismo no XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011.

Kritsch, Rebeca. Entrevista concedida a autora via Google Meet em 22 de dezembro de 2025. São Paulo, 2026. Transcrição disponível no Apêndice A.

Kritsch, Rebeca. Entrevista concedida a autora via Google Meet em 18 de maio de 2026. São Paulo, 2026. Transcrição disponível no Apêndice B.

Kritsch, Rebeca. **Redescobrimo o Brasil**. São Paulo: Panda Books, 2002.

Kritsch, Rebeca. Viver nas ruas. **O Estado de S. Paulo**, Caderno Cidades, 3 set. 1995.

Kuklinski, James H.; Quirk, Paul J.; Jerit, Jennifer; Rich, Robert F. The political environment and citizen competence. *American Journal of Political Science*, v. 45, n. 2, p. 410-424, 2001.

Lago, Cláudia. Ensinaamentos Antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, 2010, p. 164–178.

McCombs, Maxwell; Shaw, Donald Lewis. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer 1972.

Medina, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Matrizes**, vol. 2, núm. 1, 2008, p. 77-96. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil

Porto, Mauro P. Enquadramentos da Mídia e Política. In: **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Universidade de Brasília, 2004. p. 73–104.

Resende, F. **Ausências na Comunicação Social e no jornalismo - a lógica da rua**. Centro de Estudos Sociais. Univ. de Coimbra. Oficina 197. Coimbra, 2003.

Reuters Institute. **Digital News Report 2025: Brazil**. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/brazil?ref=nucleo.jor.br>. Acesso em: 14 de maio de 2026.

Rothberg, Danilo. Jornalismo e informação para democracia: parâmetros de crítica de mídia. In: Christofolletti, Rogério (Org.). **Vitrine e vitraço: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã: Livros LabCom, 2010. p. 21–34.

Santos, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 237–280, out. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>. Acesso em: 9 mar. 2026.

Silva, Luiz Martins da. O jornalismo como teoria democrática. In: Christofolletti, Rogério (Org.). **Vitrine e vitraço: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã: Livros LabCom, 2010. p. 7–20.

Soares, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2009.

Talese, Gay. **O voyeur**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

Thompson, Hunter Stockton. **Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano**. Tradução de Daniel Pellizzari. Rio de Janeiro, L&PM, 2018.

Wolfe, Tom. **Radical chic e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

APÊNDICE A – Entrevista com Rebeca Kritsch em 22/12/2025

Isis Bianco: Eu queria começar com uma pergunta que, na verdade, é uma pergunta que nós, estudantes de jornalismo, escutamos muito no começo da graduação, que é por que você escolheu ser jornalista?

Rebeca Kritsch: Tá bom, mas deixa eu só te falar uma coisinha, de te fazer uma pergunta. Você já leu o livro? Como é que é? Você leu a reportagem?

Isis Bianco: Já. Eu li. Primeiro eu peguei a reportagem no acervo da Folha, só que tem umas partes que não estão muito legíveis, e aí eu estava doida atrás do livro, porque eu precisava do material na íntegra. E porque a gente estava tentando conversar, eu e minha orientadora, antes das férias, mas ele só foi liberado no final de novembro para comprar. Mas eu já li o livro, já li o livro mais de uma vez. As fotos do Daniel Kfoury ficaram muito boas também.

Rebeca Kritsch: Ah, legal. Não, porque assim eu sei... Só pra gente saber o que vocês já sabem e não ficar repetindo. Olha, Isis, eu resolvi ser jornalista quando eu tinha quatro anos de idade. Eu assisti o Globinho e falava “não sei por que eles não têm uma apresentadora mirim”, já que o jornal é para criança. Era a Paula Saldanha que apresentava. Inclusive, mandei uma carta para ela me sugerindo de apresentadora. Embora, é engraçado que depois que entrei em jornalismo, TV nunca foi minha praia. Minha praia sempre foi escrever. Mas, eu não sei. É uma coisa que, pra mim, era... Como eu falei, da primeira vez que eu vi um jornalista, uma coisa de jornalismo, eu falei, é isso que eu quero fazer da minha vida. E sabe que eu sou muito apaixonada por biologia, por ciência também, né? E eu até pensei, será que eu faço biologia ou jornalismo? Aí, não tem como. E eu acabei entrando. Como eu queria muito, muito ser repórter, eu acabei entrando na Folha com 19 anos e comecei bem cedo a trabalhar, o que para mim foi uma grande experiência. Eu gostava de tudo em jornalismo, da oportunidade de conversar com as pessoas, de escrever, de ler, de entrevistar e, principalmente, poder falar com todo mundo.

Isis Bianco: Muito bacana. Essa parte mais social, digamos assim, do seu trabalho, pensando principalmente nessa reportagem, veio com o tempo ou era algo que você gostaria de fazer desde que você começou na profissão?

Rebeca Kritsch: Eu sempre, sempre fui voltada para os temas sociais. Sempre. Desde o começo. Vocês devem ter visto no livro essa frase que eu ouvi, que um jornalista profissional é pago para se preocupar com os problemas do mundo. Eu sou assim desde o começo, sempre tive muito interesse nos temas sociais, a desigualdade do Brasil sempre me perturbou demais, o preconceito, o racismo, a maneira que as pessoas eram tratadas, sobretudo as pessoas mais pobres, os funcionários, empregados domésticos. Aquilo, para mim, sempre foi muito difícil. Sabe, meu pai nasceu em Viena, na Áustria, e ele foi para o Brasil já com uns 20 anos, 20 e poucos anos, na casa dos 20. E acho que tem muito disso, de ter um olhar assim, a gente cresce muito ouvindo como é que o Brasil podia ser assim, sabe? Embora eu seja brasileira, nascida e criada no Brasil, não que meu pai fosse de esquerda ou nada disso, mas a gente sempre teve essa coisa de porque na Áustria não é assim. Era sempre assim, na Áustria não é assim. E, de fato, a Áustria é quase socialista, sabe? A maneira que distribui a renda. Então, isso, desde o começo, os temas sociais sempre foram importantes para mim e são até hoje. Isis?

Isis Bianco: Deu uma travadinha, agora voltou. Agora voltou. Falando um pouco agora do livro, mas, na verdade, dessa coisa de experimentar, passar pelas situações para escrever. Isso é algo que... De onde veio essa sua inclinação para fazer o que a gente chama de jornalismo gonzo, de você passar pela experiência antes de você, de fato, escrever? De onde veio essa, não a ideia para o livro, mas essa sua vontade de passar pelas situações?

Rebeca Kritsch: Então, você leu no livro, quando eu ia para a Folha, eu comecei na Folha, eu sempre contava dos sofrendores de rua, a turma dos sofrendores de rua, e eu observava eles e tal, e sabe, aí eu... Desde o começo, fui muito inclinada a fazer jornalismo investigativo, que foi o que fiz. Nem está no livro, mas fui diretora da Abraji, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Fui durante seis meses, em 2006. Foi um período que passei lá, 2006. Está no meu LinkedIn. Então, esse negócio de você ser investigativo, você está sempre, tipo assim, tentando falar de igual para igual, você não chega lá anunciando que você é repórter, você chega

conversando, convida para tomar um café, paga um café, dependendo da situação, E eu já tinha feito várias dessas coisas, e eu obviamente sabia do valor de você se juntar ali sem declarar que você é jornalista e tentar se colocar no lugar daquelas pessoas. Isso eu fiz, aliás, eu sempre fiz isso como repórter, e eu recomendo para todo mundo, porque se a gente não tentar se colocar no lugar do outro, a gente vai ficar com a nossa visão dele, e não vai ouvir o que as pessoas têm para dizer, mas talvez não consiga incorporar aquilo no texto, trabalhar aquilo e devolver para o leitor uma coisa bem próxima do que você ouviu. Então, eu já fazia isso. E aí tem aquele livro do George Orwell que eu cito na matéria, o *Down and Out in London and Paris*, que eu já tinha visto. Daí, na verdade, a ideia... Já está entrando na reportagem, mas eu muitas vezes fiz, fiz vários outros trabalhos em que me passei por outra pessoa. Por exemplo, fui para o Timor-Leste, quando estava ocupada pela Indonésia, e fui como estudante de português, de literatura portuguesa e da língua portuguesa. e fui para o Timor com a desculpa de que eu ia... Queria saber o que tinha em comum, tinha ficado em comum das duas ex-colônias portuguesas. Isso eu fiz depois dessa reportagem, mas eu fiz muita coisa desse tipo. Acho que agrega um valor imenso ao trabalho e, obviamente, você tem que ter muito cuidado para ser ético, sobretudo em relação a pessoas mais vulneráveis, e ter o cuidado de não as identificar ou, se identificá-las, ter a autorização delas.

Isis Bianco: Eu ia fazer essa pergunta mais pra frente, mas eu vou fazer agora, porque essa questão da ética é uma coisa que a gente discutiu na matéria de pré-TCC, e eu vi no livro também algumas reflexões suas a respeito de, eu estou aqui por cinco dias, passou esses cinco dias eu vou voltar para minha casa, onde eu vou ter a minha comida, meu banho quente, a minha cama, e essas pessoas vão continuar aqui. Então, como você lidava com esses sentimentos mistos e também aquela ideia de quando você se mostra jornalista, talvez a resposta que você recebe em troca não seja passa por um filtro, o que a pessoa te passa, porque ela já tem a impressão de que você é jornalista. De igual pra igual, o filtro é diferente ou não tem filtro. Então, como é que você lidava com essas questões quando você fez essa reportagem?

Rebeca Kritsch: É, total. As pessoas, o comportamento é totalmente diferente, como você tá falando, você tá totalmente certa. O negócio, às vezes, é o seguinte, a primeira preocupação, como eu disse, é não identificar ninguém sem a autorização da pessoa. E nisso eu tomei muito cuidado. E, em relação às fotos, a gente perguntava se eles podiam ser fotografados, não como jornalistas,

mas como porque o Vidal tinha a câmara dele, e aí dava para sentir se a pessoa se incomodava, não se incomodava, e eu até falava às vezes... E se sair publicado no jornal? Não é o ideal, mas foi com muito cuidado que a gente fez as coisas, e as pessoas que saíram, elas foram tratadas com muito respeito, elas foram... Agora, os nomes de quem não quis, trocamos todos, e teve gente que não quis. Sobretudo as pessoas com quem eu convivi mais. Sempre que possível, eu pedi autorização no que foi possível. Sobretudo depois da matéria, voltando a falar com essas pessoas, já elas sabendo que eu era jornalista. Aconteceu isso, tive essa oportunidade, e teve gente que de jeito nenhum. nem foto, nem nome, e totalmente respeitei isso. Então, assim, tem que ter muito cuidado. E nisso também o trabalho com a irmã Ivete e com a irmã Regina foi muito importante, porque elas foram fundamentais para me ajudar nisso, para respeitar, e elas obviamente fizeram questão que dessa maneira fosse. E quanto ao olhar e falar, eu vou sair, eles não, no final eu questionava, no final eu pensava o seguinte, eu estou aqui fazendo isso para ajudá-los, para expor a situação deles, para ver o que é, para diminuir o preconceito e mostrar que essas pessoas não são todas drogadas, não são todas alcoólatras ou vagabundos. Então, na verdade, esse sentido maior da reportagem, no fim das contas, era a minha decisão final. E, obviamente, como eu falei, sempre que eu tinha comida eu dava para eles, eu repartia tudo que eu tinha, como eles fazem, e aquele momento inesquecível, que eu tava bebendo pinga e o cara foi lá pegar um iogurte pra mim, que aquilo me quebrou, assim. Aquilo eu falei, putz, isso é... É isso, isso é difícil.

Isis Bianco: Me lembro da frase, partilhar é regra entre os miseráveis, que inclusive é a chamada de uma das matérias, no caso, uma dessas que tá em destaque no livro e na reportagem original também, que foi uma coisa que também me pegou bastante, porque é uma solidariedade que vem das pessoas que literalmente não têm nada. Então, também ensina a gente, de certa forma, eu acredito. Não só passar por isso, mas ler sobre isso também. Rebeca, uma coisa que eu queria saber, você fala um pouco disso no começo, na parte dois, quando você fala um pouco de bastidores, que é como você convenceu os editores a acatar essa ideia? Eu lembro que um dos editores falou pra você, se você for presa, não me ligue. Como que você convence, primeiro por ser uma ideia um tanto inusitada, com o seu grau de perigo, mas também porque o grupo Estado, ele é um grupo extremamente tradicional, e esse tipo de experimento, talvez, pelo menos na minha visão, não é algo que um grupo tão tradicional permita se dê ao luxo de fazer. Como é que você conseguiu fazer alguma coisa assim?

Rebeca Kritsch: Eu tive muita sorte de estar lá na época do Maranhão e do Pedrinho, que foram um grande respiro grande no jornal. Eles sucederam ao Augusto Nunes, que na época era muito famoso, e a ida do Augusto para o jornal já mudou um pouco o rumo ali, porque a família Mesquita saiu da direção da redação diretamente naquela época, e depois do Augusto veio o Maranhão, e o sub do Maranhão era o Pedrinho. Eu também fiz para eles o Caderno Zap, que se acha que essa matéria é pouco tradicional, você precisava ver o Zap. No Zap, uma das matérias era onde você transa. Uma das capas. A gente fez uma coisa muito legal sobre a direção deles, a gente e os nossos jornalistas lá da casa. Mas é assim, existe... sem querer me vangloriar, modéstia à parte, é uma super ideia. É uma matéria dessa, é uma matéria que todo mundo fala, uau, que ideia legal. Depois até me deram uma outra ideia de uma outra para fazer uma coisa semelhante, que eu também achei genial, mas acabei não fazendo. Mas é o seguinte, todo mundo fala, eu quero publicar uma matéria dessa, porque é uma experiência. Aí o que aconteceu? Aí teve isso, né? Ah, você é mulher, é perigoso, você não vai fazer, a gente não te aconselha, mas se você quiser... Eu falei, aí, gente... Primeiro, você é mulher, então tá, né? Vou fingir que eu não ouvi. Segundo... Eles falaram, a gente não está te pedindo para fazer isso. Eu falei, não, sou eu que estou propondo, ninguém está, não vou. Aí eu fui com conversas, eu expliquei como é que eu ia fazer, que eu ia montar uma história com a Organização do Auxílio Fraterno, eu acho que já tinha conversado com elas uma vez, para me informar melhor, e aí eu fui falar com eles e falei, E eles falaram, ah, então vai. Então vai, já que você tá insistindo tanto, vai.

Isis Bianco: Não tem muito o que fazer. Realmente, a ideia é boa. E o texto, ele parece um diário. Então, ele tira um pouco daquele peso, que agora, em 2025, é muito maior, dessa questão do hard news, as coisas dentro da pirâmide invertida, as informações são exacerbadas para todos nós, em todos os meios de comunicação que a gente acessa. Aí, outra pergunta que eu gostaria de adiantar, pensando neste tópico. Você acredita que fazer matérias dessa maneira como você fez, contando uma história em primeira pessoa, saindo um pouco do tradicional. Isso também atrai o público para ler jornalismo ou para consumir jornalismo de uma maneira, de um veículo confiável, enfim, se a gente consegue trazer mais interesse público, interesse do público para ler matérias ou, enfim, ter acesso ao jornalismo de qualidade.

Rebeca Kritsch: Boa pergunta, e liga com a sua pergunta anterior, o que eu acho que foi realmente não tradicional também na matéria foi o Estadão resolver que ia ser primeira pessoa e publicar páginas e páginas, texto longuíssimo e uma narrativa como aquela. Isso eu achei, foram eles que propuseram. Quando eu dei o retorno, falei, pode ser coisas assim, coisas incríveis. Eu tinha as minhas notas já, ali minhas anotações. E eu acho que isso colaborou muito para a matéria ser o que ela é e ter o sucesso que ela teve, porque é em primeira pessoa e com as minhas impressões totais. Como escreveu o Tiago Ferro, que é o dono da E-Galáxia, da editora, ele escreveu o texto das orelhas sem assinar, mas está ótimo. Ele falou que não tem julgamento, escreve sem julgamento e basicamente descrevendo, descrevendo mesmo como as coisas aconteciam, com muita espontaneidade. Eu acho que isso foi muito diferente e isso realmente atrai as pessoas, eu acho. Porque também foi um texto mais... É engraçado que eles falam tanto de jornalismo, quando se fala de jornalismo literário aí no Brasil, eles nunca falam dessa reportagem. Tudo bem, também não... Mas é jornalismo literário. Eles queiram ou não queiram, é jornalismo literário, né? Que é uma coisa da qual eu sou super fã. Eu sempre fui super fã e sempre tentei fazer com que as matérias fossem mais originais, criativas, que tivessem, respirassem, tivessem um pouco de literatura também na descrição dos personagens, isso mesmo quando eu não estava escrevendo em primeira pessoa, era realmente uma característica minha, na minha maneira de escrever, de ser jornalista. Mas acho que atrai muito, e o que você falou, acho que é qualidade, Qualidade não tem erro. As pessoas sabem distinguir o que é uma coisa de qualidade e elas gostam. Quem gosta de ler, quem se dá o trabalho de ler, gosta de um texto de qualidade. Escrever bem, escrever corretamente é o básico. Hoje em dia não é mais, mas deveria ser o básico de um jornalista. Inclusive, mesmo que seja de TV ou de rádio, tem que saber escrever bem e escrever corretamente. Sobretudo, que hoje em dia está difícil.

Isis Bianco: Com certeza. Isso também é algo que eu queria perguntar. Me pegou muito, quando eu estava lendo a parte 2, que tinha os bastidores, de que a ideia do texto em primeira pessoa foi da Márcia, editora assistente. Não tinha sido algo que você pensou. E quando você... E aí, parece que dá um estalo quando ela fala, e aí você escreve o texto em primeira pessoa. Quais eram as suas expectativas para antes de você passar por tudo e, enfim, voltar para a redação com o seu material e para depois do texto pronto? Eu não sei se você vai se recordar disso especificamente, mas tem algum comparativo?

Rebeca Kritsch: Então, você sabe que eu sabia que ia ser um material longo, uma série, porque eram vários dias, tinha muito material, mas eu não tinha pensado como aquilo ia ser apresentado, até porque os editores é que têm esse poder. Como eu não era editora de nenhum lugar, se fosse no Zap, eu decidia, mas como não ia ser no Zap, eu era editora do Zap, mas não ia ser publicado lá. Você tem que acatar, porque o editor do caderno resolve, pode até sugerir, negociar, mas eu nem precisei, porque quando ela veio com a ideia, eu falei, uau, é isso aí. E aí, outra coisa, eu tive muito pouco tempo para escrever, por causa da passadinha da festa da Folha.

Isis Bianco: Era terça e você tinha que entregar domingo. Foi surreal. Quando eu vi, eu falei, gente, ela fez tudo na velocidade da luz. É, exatamente. Foram três dias. Menos do que isso, porque tem que ajeitar no jornal, né? Antigamente, quando a gente não tinha espaço infinito como temos na internet, as matérias tinham que ser ajeitadas. Gente, que loucura. E foi um corre coletivo, né? Seu, da Márcia, do pessoal da edição.

Rebeca Kritsch: Eles dividiram o material em várias pessoas. Eu lembro... Na verdade, acho que comecei na quarta. O terço, o quarto, eu entreguei. Está no livro, porque eu vi direitinho as datas lá. Sexta, ao meio-dia, na sexta-tarde, eu entreguei. Eles começaram a editar e eu ainda estava finalizando algumas coisas, porque tem os boxes, têm as coisas do vocabulário, não sei o quê. Eu lembro, olha, eu lembro a exaustão, eu não me esqueço daquilo, eu estava absolutamente exausta. Então, assim, ainda bem que tinha uma equipe ali, por não desperdiçar material, porque eu não tive tempo de pensar muito, o que eu acho que favoreceu, por outro lado, porque foi... foi descrever, descrever, descrever, foi... Rolando e aí eles editaram. Eles se dividiram em várias pessoas e aí no final a Márcia leu tudo. Ela leu tudo e às quatro da manhã, três, quatro da manhã e acabou. Mas eu acho que isso foi uma... E aí as outras matérias a gente já fez mais no padrão do jornal. Mas eu não tinha ideia, não pensei, não tive tempo pra pensar. Mas adorei a sugestão deles, talvez se eles tivessem falado, vamos fazer tantos textos, eu tivesse falado, mas não é melhor assim, talvez eu tivesse. Eu nem precisei pensar, vamos colocar, nem precisei.

Isis Bianco: Isso foi, eu acho que o grande trunfo da matéria, além de a experiência em si, é a maneira como ela foi escrita, talvez se fosse algo feito para o hard news tradicional, como a gente vê, talvez, ok, mais uma matéria sobre as pessoas que vivem na rua, que estão em situações de rua.

Rebeca Kritsch: Como foi a da Folha, como foi a da Folha, no domingo, com o Datafolha.

Isis Bianco: É importante falar sobre o tema, mas não tem o toque especial, não tem a empatia junto no texto, e eu acho que é isso que me pegou muito quando eu fui ler as matérias. E uma coisa também que eu gostei muito e que a minha orientadora também adorou, foram os vocabulários, que tinha meio que um quadro informativo com os vocabulários do morador de rua, teve outro quadro com o que esses moradores de rua geralmente levam com eles, tinha um outro gráfico também com enfim, tinha vários materiais, digamos, infográficos no jornal que também faziam essa, digamos, essa mediação, né? E ajudavam a emergir mais o público dentro do tema. De quem foi a ideia desses infográficos, ou pelo menos desses informativos?

Rebeca Kritsch: A ideia do glossário, acho que foi meio mútua, porque todo mundo adora o glossário, aquilo na época era a maior moda. Uma matéria com glossário era uma diversão, porque senão você tinha uma coisa divertida. E aí eu selecionei as palavras que realmente, acho que as mais interessantes estavam lá. O outro gráfico tinha um de dados de população. Acho que tinha uma de dicas de como pedir esmola? Acho que essa foi a minha. O que me lembra de uma coisa que, de que eu gostei muito na reportagem, e não é mérito meu, é mérito daquelas pessoas que fizeram a reportagem ali comigo, na rua, dos outros moradores de rua. Numa situação daquelas, eles têm humor. É uma coisa impressionante. Eu ficava sempre... É que nem ter a foto do carroceiro gargalhando, e eles... Vou falar, gente, como é que essas pessoas sobrevivem, né? Elas têm esse... Isso pra mim foi muito forte também, que é... A matéria tem os lados mais leves, apesar de ser uma coisa tão pesada. Que mostra tudo da vida, né?

Isis Bianco: De certa forma, sim. Tem uma parte que eu acabei gargalhando também. Porque um dos moradores de rua disse que internet era um consórcio, bem no comecinho. E se escrevia, aí ele, tipo, escreveu lá como que era internet. Mas eu falei, gente, dá uma pitadinha de, não vou dizer

alívio cômico, porque a situação toda deles não é algo fácil. Mas é você passar pelas adversidades da vida, no caso.

Rebeca Kritsch: Esse foi o Jurandir, que foi lá esmolar o iogurte. Foi muito interessante, porque tinha um jornal lá, a gente estava sempre em cima dos jornais, aí eu vi a internet e falei pra perguntar se eu tinha ideia do que é esse negócio que a gente já está tanto falando. Sabia, sabia. Sempre tem essa coisa de... Muito legal o amor-próprio deles. E nesse sentido, eu tive muita sorte, Isis. Tive aquela sorte de repórter. Porque essas coisas... Algumas eu procurei. Outras aconteceram do meu lado. Tipo, atacar a mulher do meu lado sem me atacar. Um negócio assim que eu falei, gente, podia ter sido eu. Eu falei, gente, eu tava aqui pra ser testemunha. Foi ao meu lado. E isso, na minha vida de repórter, aconteceu muitas vezes. As coisas aconteceram do meu lado. Podia estar cobrindo a passeata, a polícia batia no cara do meu lado. Eu ficava, gente, no horror, mas assim, tô aqui pra cobrir, né? Agora também é assim, né? Não sei se sou só de, tipo, ser... Eu sempre fiquei circulando, eu sempre falo muito com as pessoas, falava e falo ainda. Mas, realmente, o episódio com a Fátima foi horrível. E eu dei sorte de escapar também, de não ser comigo. E as outras coisas, eu fui expulsa do Cassino do Sesto, mas eu ria.

Isis Bianco: Eu tenho uma pergunta sobre isso, justamente. Porque essa história, essa ideia de as situações acontece com você de maneira aleatória, as situações que você procura. A do castelo do sexo, você procurou. Por que você se colocou numa posição de pedir emprego em uma boate de strip-tease? E eu pergunto, se tivessem lhe aceitado, como que você ia sair dessa situação?

Rebeca Kritsch: Boa pergunta. Mas assim, porque, sabe, eu entrei no personagem mesmo, né? Então, aí já vieram as meninas lá me sugerindo eu me prostituir, né? Aí eu falei, opa, agora tô entrando na coisa pesada aqui, né? E aí já tava lá na zona, tava lá na zona de São Paulo, que é aquela rua Aurora lá, né? Aí eu e Vidal a gente viu o Cassino do Sexo, boate de strip-tease Aí, vamos entrar, vamos entrar e o Vidal babando e falando, vamos entrar, né? E aí, falou, opa, vai ter mulher pelada, porque já estavam os dois ali na história, né? Aí, eu falei, vou pedir emprego então, né? Aí, fui falar com a mulher. E primeiro, assim, vários, eu tava com o cabelo bem curto, eu usei a maior parte da minha vida cabelo curto, e eu tava com uma roupa larga, ninguém sabia se eu era homem ou mulher, sabe? Aí, tipo, a senhora falou assim, mas você é homem ou mulher? Não, sou

mulher. Você se mostrava assim, sou mulher, sou mulher. E aí eu perguntei se tinha emprego lá, porque o emprego é que as pessoas pegam, sabe? É difícil o negócio ali, tem muita... Não tem medida. Você caiu na rua, tá lá, as pessoas acabam fazendo o que podem ali, o que tem chance de fazer para ganhar dinheiro e eventualmente sair. Uma coisa que eu tomei muito cuidado, que também é muito parte disso, é a parte de droga. Chegava um negócio de droga para o meu lado, eu caía fora. Porque se por acaso eu fosse presa com droga na mão, E aí tinha motivo, não interessa ser repórter ou não. Então, nisso eu fui bem cuidadosa.

Isis Bianco: Sim, sim. Inclusive, só fazendo um grande parênteses aqui, tem uma outra reportagem sobre esse mesmo tipo de jornalismo gonzo que o rapaz viveu dentro da Cracolândia.

Rebeca Kritsch: Ah, é? Eu me perguntava “será que ninguém fez isso ainda”? Eu teria feito na hora.

Isis Bianco: Ele fez. E aí eu vou até te passar o *podcast* porque ele tinha um vício em cocaína que tinha sido tratado E quando ele foi pra Cracolândia ele acabou caindo dentro desse vício novamente E aí ele tem um manuscrito do que ele passou lá, mas ele ainda não foi publicado. Porém, essas semanas atrás, na última semana de novembro, ele fez uma entrevista para o Rádio Novela Apresenta, onde ele conta o que passou. Um pouco do que ele passou com a repórter, o episódio se chama Salve-se Quem Puder. Está na segunda parte do episódio, caso você queira conferir. É muito... Quando você falou sobre a questão de drogas, eu lembrei do... Acho que ele chama Gustavo, Gustavo Fioratti. E, enfim, fazendo esse grande parênteses aqui para falar sobre isso, porque realmente é uma... é a realidade deles, mas não é algo que necessariamente precisa emergir tanto. Não precisamos chegar...

Rebeca Kritsch: Eu acho que ele já não foi jornalista. Ele foi viciado mesmo, com todo respeito.

Isis Bianco: Não, com certeza.

Rebeca Kritsch: Mas, é, ainda mais se o evento da Cracolândia, onde começa a consumir cocaína, não dá. Aí você não é uma jornalista, na minha opinião, tá?

Isis Bianco: Sim, não, com certeza.

Rebeca Kritsch: Mas eu acho que é bem diferente.

Isis Bianco: Sim, eu concordo com você. Principalmente porque o seu intuito lá, quando você fez a sua reportagem, era você... Era passar por uma experiência para passar para os outros. não era necessariamente algo que você precisava passar por você, ou em questão de vícios, essas coisas. Então, são dois cenários completamente diferentes, com certeza.

Rebeca Kritsch: Isso é muito interessante, Isis, porque muitas vezes, muitas ideias, muitas coisas, é uma tentação ali, sabe? Você... Não droga, porque eu nunca consumi droga. Mas assim, você ir além, você dá um passo ali e realmente. E se perder, sim, porque para ser jornalista você tem que ter essa separação, essa barreira. Por mais que você esteja imerso ali, porque ele pode contar uma experiência como um drogado da Cracolândia. Não, assim como um jornalista que foi lá. Quer dizer, também como ele é jornalista, ele tem a técnica, tem tudo, ele pode... Não é que ele não pode, ele pode, mas dá para entender a diferença. Por exemplo, nossa, eu tinha muita vontade de fazer mais assim no mundo da prostituição, por exemplo. Aí você dá um passo de falar, também vou, só para saber como é que é. Pelo amor de Deus. Primeiro que é arriscadíssimo. Segundo, é a mesma coisa, você rompeu aquele negócio. Você não precisa se prostituir para afundar no mundo. Tem uma tentação muito grande, mas a gente tem que resistir, porque isso é norma geral, isso não é outra coisa. É uma experiência pessoal, pode mudar, mas.

Isis Bianco: Você tem um dever profissional antes de um dever pessoal, com certeza.

Rebeca Kritsch: Muito bem colocado, muito bem colocado.

Isis Bianco: Rebeca, eu tenho mais duas situações que eu gostaria de debater que aconteceram no livro. A primeira é a denúncia do CETREM. que era um lugar que você ia pra tomar banho, era um albergue E o cara falou pra você, ó, vai embora porque à noite a gente meio que não controla quem entra e sai do dormitório feminino E assim, como assim você... Tem um duplo peso, né,

porque é uma denúncia forte e horrível, mas também implícita que aquelas pessoas que moram na rua não têm valor, então não precisam ser cuidadas e protegidas, enfim. Eu me pergunto se esse tipo de... se essa denúncia teria sido feita se você não tivesse passado por isso, se alguém teria ido lá investigar alguma coisa desse tipo, porque foi horrível, é horrível quando você lê essa parte, eu acho que é uma das partes mais pesadas do livro, além da parte da Fátima, que é você não se sentir cuidado por um órgão público, porque o CETREM era de administração pública.

Rebeca Kritsch: É muito interessante ver o seu olhar sobre ouvir as coisas que te marcaram e tal, porque primeiro, leitora. Segundo, aquilo era uma outra época. Acho que o tipo de consciência que a gente tem hoje, essa coisa de cobrar dos serviços públicos, não era tão forte. E, assim, também cai naquela história do que a minha matéria tentou mudar a respeito, morador de rua realmente não valia nada, sabe? E, assim, você podia ir lá entrevistar, as mulheres falariam, mas estaria no meio de uma reportagem? sei lá, ou nem entraria numa reportagem. Difícil dizer, não sei. Mas é uma coisa que não dava valor mesmo. Morador de rua era que se dane, sabe? E é uma coisa horrível, porque lá dentro é imenso, é muita gente. É apavorante. E você dorme tudo nos colchões, um do lado do outro. Imagina o que é aquilo, né? Que era, não sei nem como é que funciona hoje, mas não mudou, né?

Isis Bianco: O CETREN não existe mais. Pelo menos os albergues existem, de certa forma. Mas o CETREN não existe mais.

Rebeca Kritsch: Ai, que bom, porque ali era um horror mesmo.

Isis Bianco: Foi algo que me marcou muito. E além do CETREN, outra coisa que me marcou muito, mas na verdade tinha a ver com a sua...

Rebeca: Eu não sei se respondi a sua pergunta.

Isis Bianco: Respondeu, com certeza. Outra coisa que me marcou muito, mas aí tinha a ver com a sua integridade física, era quais eram as suas preocupações sobre viver nas ruas? Porque a gente... pelo menos assim. O que a gente espera é que acontecessem coisas parecidas com o que aconteceram com a Fátima, ou que essa fosse a maior preocupação. Mas algo que você falou, e

que depois eu estava lendo o Rota 66 do Caco Barcelos, e eu vi intersecções a respeito, era da violência da polícia. Não necessariamente da rota, no seu caso, mas um medo da polícia militar, que você estava com o crachá do Estadão por dentro da roupa, para caso acontecesse alguma coisa você dizer, eu sou repórter. Então, como é que você... Essa era a sua maior preocupação, se tinha outras, e como você lidava com a polícia militar, digamos assim?

Rebeca Kritsch: Então, a polícia tem lugares onde ela se concentrava mais, né? Principalmente ali na Praça da Sé, lá naquele pedaço tinha muita polícia. Então, o negócio da polícia era a coisa das drogas, e a primeira prevenção, nada de contato com traficante, nada de contato com drogado, até falava, mas já dava área logo em seguida. Eu evitava policiais a todo custo. Se tinha policial, a gente ia pro outro lado. Às vezes, obviamente, cruzava um. Eles podiam chegar, falar com você, te encher, te chutar, podiam fazer o que quisessem. E, nisso, aprendi... Eu ouvia muitos outros moradores de rua também, sabe? Quando chegava a polícia, eu via o que eles faziam e fazia igualzinho. Se era para sair andando, saía, ou às vezes até falava, dispersa, dispersa, vamos andando, porque a polícia está aí. E no centro, nas áreas centrais, muita polícia. E ali na Marquise também, embaixo da Marquise e da Roosevelt, era um perigo com a polícia ali. Porque a polícia, de vez em quando, chegava e chutava todo mundo. Os moradores de rua tinham pavor ou atiravam nas pessoas. Isso foi uma das coisas que me avisaram. Olha, tem o perigo da polícia aqui. Então, fica com a gente, que qualquer coisa a gente já sabe o que fazer. A Fátima, a Conceição e o Paulo ali. Acho que o maior medo era dormindo ali, que eles chegassem atirando ou alguma coisa. Mas, assim, depois eu pensava também. Eu tinha medo, eu sabia que eu estava correndo riscos, mas também não era uma coisa que acontecia toda noite, nem com uma enorme frequência. Realmente, eu falava, eu vou botar o crachá na testa, eu falava pro Vidal, bota o crachá na testa, bota tudo a perder, porque é muito perigoso. E eu tive sorte. Eu tive esses contatos com policiais, policiais passando e tal, mas eu sempre abaixei a cabeça e saí andando, fiquei na minha. Mas aí teve o tal do massacre lá, da Sé. E você sabe que não aparece ali? Acabei não conseguindo colocar no livro, mas depois uma mulher foi morta, porque ela foi testemunha no massacre. Um ano ou dois depois, ela foi morta. Uns meses depois. Nesse caso, o policial foi punido por essa morte dela, mas pelo massacre, ninguém. Tem um outro aspecto que também não está no livro, mas posso te contar, ainda mais que você é mulher, talvez você ache divertido. Não aconteceu comigo, mas ficar menstruada na rua. Imagina que maravilha ser moradora de rua e ficar menstruada. Coitadas, o que

acontece? Elas pegam o dinheiro da esmola e compram absorvente nas farmácias. Porque não tinha um lugar que desse absorvente. E era muito triste, porque elas entravam nas farmácias e já eram discriminadas só de botar o pé na farmácia. E eu tava com uma delas, que não era ninguém do grupo, era aquela moça que dividia os carros comigo pra eu olhar carro, ali na Vergueiro. Ela ganhou dinheiro com os carros e eu entrei na farmácia com ela pra ver, pra acompanhar, pra ver como era o negócio. E ela foi comprar Modess. E eu falei, nossa, como é que você faz? Difícil, tem que entrar nos banheiros pra trocar, né? E essa ainda tinha cabeça pra comprar Modess, porque as mais já doidas... Aí era um horror. Até nisso, a vida pra mulher nova não é mais difícil, porque... e depois, aí elas engravidam também, né? É muito comum elas engravidarem e perderem os filhos pro Estado, o Estado tira os filhos na hora.

Isis Bianco: Isso é uma, na verdade, é algo que eu pretendo explorar na minha monografia, mas eu gostaria de te perguntar. A gente tem um conceito, que eu acredito que você esteja familiarizado, que é o de enquadramento, que é o que você escolhe selecionar, focar e excluir dentro da sua matéria. Quando você faz o viver nas ruas, você seleciona e foca justamente no que a maioria exclui. Ou que a sociedade exclui de certa maneira, porque... Acho que... Tem uma porcentagem de quanto que aumentou a população de rua de 95 a 2025. E sim, exatamente. E é um problema endêmico que não se resolve. Quando você faz uma matéria da maneira como você fez em primeira pessoa, com as experiências suas, você faz a matéria de uma maneira que o enquadramento foque justamente naquilo que ninguém vê, ou que ninguém pensa, ou que ninguém se importa em pensar. E isso faz com que as pessoas, de certa forma, talvez, vejam essas populações com um olhar um pouco mais empático. e, por consequência, no final dessa linha de pensamento que eu estou tentando criar, isso faça com que as pessoas criem uma certa empatia e pressionem o poder público para que as políticas públicas também cheguem a essas populações. Ou pelo menos é isso que eu acredito e que eu pretendo explorar dentro da minha monografia. Eu queria saber se você concorda, porque, por exemplo, questão de absorvente, hoje nós temos, da mesma forma como a gente tem aqueles É como se fossem, tipo, cestas gigantes com camisinha e essas coisas impostos de saúde, agora a gente também tem de absorventes, pelo menos aqui no estado de São Paulo, que é sobre direito menstrual. Então, se você acredita que fazer matérias com certa insensibilidade, como você fez aqui, ajuda o público a não só ter mais empatia, mas pressionar o poder público para que essas populações que estão em situação de vulnerabilidade sejam atendidas também pelo Estado.

Rebeca Kritsch: Totalmente, essa era a minha intenção com certeza, era chamar atenção para isso e realmente pressionar por políticas públicas, também sensibilizar as autoridades para falar, olha, tem muito mais para fazer para essas populações. Nesse sentido total, eu acho que sempre foi pela conscientização, sempre foi um objetivo das minhas reportagens. Agora sim, o que eu acho que foi Porque foi meio que um olhar da classe média sobre a vida na rua. Uma pessoa de classe média caindo pra viver na rua. Como é que você se vira? Que tal? Que delícia que é, sabe? O que tem essas pessoas? Tem essas histórias todas, né? E aí, como você falou, coisas que as pessoas nem se importam em pensar, não querem... Como é que você come? Como é que você transa? Como é que você bebe? O que você bebe? O que você faz com aquele tempo no dia que você tem? Eles tentam arrumar trabalho? Não tentam? Do básico ao mais, vai do básico ao mais, a parte mais do trabalho, mais oficial. E essa realmente foi a ideia. Agora sim, por exemplo, o negócio de menstruação. Eu achei que algumas pessoas podiam achar de mau gosto. Então, eu não incluí sexo também. Como é que um morador de rua transa? Atrás do papelão. Na rua, atrás do papelão. É horrível. É horrível. Não tem outra opção, né? Isso deve estar, assim, lá naquela cracolândia, imagina, então, naquele estado, com aquelas pessoas naquele estado, que horror, né, coitados? Eu nem imagino como seja, mas... Então, eu escolhi essa coisa, as partes menos, que eu achei que eu... Que não criaria polêmica com ninguém, que é o contrário, a ideia é que as pessoas leem assim. Mas você sabe que teve de tudo quanto foi reação, né? Mas eu fui num... Eu tinha um amigo aí no Brasil. Tenho ainda. É muito rico. E aí eu fui convidada para almoçar na casa dele. Uns finais de semana depois da matéria. Um ou dois. E aí veio essa senhora riquíssima. Falei assim... Ai, você que fez aquela reportagem. Quando eu vi a sua matéria, eu fui lá e doeí metade do meu guarda-roupa. Aí eu, tá bom, tá bom, já. Já é um começo minha senhora. Mas houve coisas muito legais, inclusive, pessoas de todas as classes falando, nossa, mudou totalmente a minha visão de morador de rua, essa senhora mesmo, que falou, nossa, não tinha ideia daquilo e tal. Nesse sentido, acho que cumpriu seu destino na reportagem.

Isis Bianco: Eu queria retomar uma coisa que a gente falou um pouquinho mais acima, que a matéria foi escrita naquela matéria grande, onde eu coloco o texto principal, e depois saíram alguns spin-offs, digamos assim, sobre a cooperativa dos catadores de material reciclável, que eu achei muito bacana e que ainda existe até hoje, que eu fui procurar, sobre as freiras que te ajudaram a

fazer a matéria, E falou mais um sobre pessoas com problemas psicológicos que caem na rua Esses spin-offs, digamos assim, essas matérias anexas, como que vocês selecionaram os temas? Porque o da cooperativa é muito bacana, o das freiras eu achei que seria algo esperado, dar uma atenção especial para quem ajudou, eu achei isso muito bacana também, mas o dos problemas psicológicos foi algo que me pegou, pessoas que caem na rua por problemas psicológicos. Como é que foram decididos os temas dos anexos?

Rebeca Kritsch: São sugestões minhas. As freiras são oblatas, que eu chamo de freiras repórteres, porque elas participam do negócio todo. A Ivete, escrevi no material, foi garçonne na rodoviária, elas fazem o trabalho para se colocar realmente e ajudar as pessoas. Eu achava que era tão importante Achei a ordem delas tão incrível, o trabalho delas incrível, que realmente merecia mais destaque. Os catadores... Inclusive, tinha uma questão na época... Deve ter ainda um pouco aí. Eles foram que começaram a reciclagem em São Paulo. Não existia reciclagem. Foram os catadores de papel, moradores de rua, que montaram, que iniciaram a reciclagem na cidade. E aí começaram as pessoas a perceber que, na verdade, primeiro todo mundo reclamava, eles com as carroças, atrapalhando os carros, e aí começaram a falar e a escrever, falaram, olha, vocês reclamam, mas eles aqui estão reciclando, estão fazendo a diferença. E aí a Coopamare se foi criada, e hoje em dia reciclagem é outra história, mas naquela época era bem... Bem no começo. E aí, os loucos de rua, porque eu quis cobrir todos os aspectos, sabe? Como eu sempre gostei de fazer nas minhas reportagens, cercar o assunto como um todo para as pessoas saírem informadas sobre o negócio todo. E eu tinha visto esse estudo da Miriam Schnaiderman e... E esse era o clássico do morador de rua. Eu não sei se você... você chegou a ler sobre isso, alguma coisa, e você também é muito nova, mas morador de rua, antes era maluco, só tinha louco. E aí bêbados também, porque eles acabavam bebendo, eram pessoas, sobretudo com problemas mentais, de saúde mental, que não se adaptavam aos lugares e não tinha essa consciência que tem hoje, não tinha esse tratamento, nem nada. Então, era muito comum você ter os moradores de rua com esse tipo de perfil. E aí ela fez essa... O que eu achei muito legal, cada bairro tem seu louco, que é baseado na poesia Leminski. E tinha, e durante o tempo foi isso, então eu queria mostrar que também aquela impressão de o pessoal que tá na rua é louco, em parte é realidade, mas hoje em dia não é mais assim, aliás, hoje tem abordagens diferentes também, mas tem gente maluca na rua, com certeza tem. Aqui, por exemplo, na Inglaterra, a gente tem um doido aqui no bairro. É um senhor de barba velhinho que

lê o tempo todo. Mora na rua, anda com o carrinho do supermercado, as coisas dele, e lê o dia inteiro. Ele tem problemas de saúde mental. Ele recebe apoio dos serviços de saúde e tal, não quer saber, mora na rua, dorme ali no parque, talvez agora esteja dormindo em algum lugar porque está frio, porque entrou o inverno. E aqui, a maior parte é gente que é consumidora de droga, esse pessoal com problemas de saúde mental, e gente que se desestruturou por alguma razão. Em geral, o cara se divorcia, a mulher põe ele pra fora, é muito comum isso, o cara perde o promo, não sabe o que fazer, cai na rua, fica, depois sai, tem os serviços de apoio e tal. Esse perfil, acho que esse perfil era no passado em São Paulo. Claro, não tanto com drogas, mas mais com álcool, porque naquela época não era tanta droga. Eles fazem parte, eu quis mostrar que, de fato, tinha até um estudo para mostrar, feito por uma pessoa muito competente. Então, é engraçado que nunca mais falei com a Mirian, mesmo depois que saiu a reportagem, nunca mais falei com ela. Eu acho o negócio da Cracolândia chocante. E as fotos do Daniel... Olha, são trapos humanos enrolados em trapos. É um negócio chocante. Não dá pra tratar um ser humano daquele jeito, mas não vou falar de soluções porque não é minha especialidade, vamos dizer assim, mas é uma realidade muito dura.

Isis Bianco: É cruel. Eu concordo que seja cruel. Inclusive, no outro grandes parênteses, o Profissão Repórter fez uma matéria sobre a Cracolândia quando o Tarcísio explodiu ela, porque ela não fica mais concentrada em um canto só. Eles foram espalhados pela cidade. E um dos focos da reportagem, né, porque o Profissão Repórter divide os repórteres para focos diferentes, foi sobre as grávidas da Cracolândia. Quando a Cracolândia explodiu, ela foi procurar essas mulheres pela cidade e acho que eram três, pelo menos uma delas que eu me lembro perdeu o bebê por conta de tudo que estava acontecendo e também por conta delas já serem uma pessoa debilitada por conta do crack. Então, sim, é cruel. É muito cruel. Mas, justamente, quando a gente mostra... O Professor Repórter, eu também coloco dentro do que a gente chama de jornalismo gonzo, que é você viver a experiência. Não necessariamente eles passam dias em algumas reportagens, mas eles se infiltram dentro, que também acho que é uma maneira muito única de fazer um trabalho jornalístico. E volta naquilo que eu disse sobre políticas públicas, porque voltando para as pessoas com problemas psicológicos, essas pessoas precisam de assistência e o Estado precisa dar assistência. Então eu achei muito legal justamente por você, por esse recorte de, sim, temos os loucos de rua, como é popularmente chamado hoje em dia de doidinho do centro, mas essa pessoa também precisa de um tipo de assistência.

Rebeca Kritsch: É verdade. E... Freud, para meu amor. Ok?

Isis Bianco: Freud, que nome bonito.

Rebeca Kritsch: É uma piada com a minha família da Áustria.

Isis Bianco: Rebeca, já se encaminhando pro final, porque já temos mais de uma hora de entrevista e o papo está incrível. Mas eu gostaria de perguntar do Prêmio ESSO. Porque essa reportagem ganhou o Prêmio ESSO em 1995. que também é relatado no livro, que você não foi à premiação, inclusive porque você achava que talvez não ganhasse.

Rebeca Kritsch: Nem eu, nem o Pedrinho, que era o sub do Maranhão, eu nem achei que ia ganhar antes de falar.

Isis Bianco: Sim, e você foi surpreendida por uma ligação dizendo que, na verdade, você ganhou. Eu sei que a sua reportagem é incrível, independente de premiações, mas como você avalia a importância desse reconhecimento, tanto para o tema que você explorou na sua reportagem, mas também para o seu trabalho como jornalista?

Rebeca Kritsch: Então, essa parte dos prêmios, eu acho os prêmios uma coisa muito legal. Infelizmente, o Prêmio Esso já não existe mais. O repórter Esso, tinha o Prêmio Esso e tal. Mas, sabe, eu acho que a gente tem que tomar cuidado com as nossas ambições também. Eu sempre falo isso, mas só te contar um pouquinho do background do negócio, dos bastidores. O meu jornal escreveu o prêmio, escreveu a reportagem no prêmio, eu já não estava no Brasil. E aí, eles inscreveram na categoria Sudeste. E aí, tinha uma reportagem na categoria Sudeste, que acho que foi um escândalo, que derrubou gente, não sei o que lá, Quem estava na... Porque funcionava assim, todo mundo que tivesse com reportagem inscrita ia, uma pessoa do veículo fazia parte dos jurados, das negociações para os prêmios, para a decisão final dos prêmios. E o Pedrinho estava lá, o Pedro Cafardo. Aí a... O Pedro falou, não, realmente essa reportagem do Sudeste, essa de escândalo, sei lá o que foi, uma denúncia, ela é importante, ela merece, mas essa reportagem da Rebeca é um

negócio único, por que a gente não sobe ela para a categoria nacional? E foi assim que eu ganhei. Ele foi lá, negociou, aí as pessoas falaram perfeito, porque essa realmente E eu ganhei o Essão de Jornalismo, que realmente é um jornalismo do jeito que deve ser feito. Isis eu já ganhei vários prêmios na minha vida e eu não recebi nenhum. Nunca fui para uma cerimônia de premiação. Nunca. Nunca fui. Nunca acontece. Os negócios vão acontecer, eu fico sabendo depois. Eu ganhei um prêmio, eu estava no meio da Amazônia, no alto de uma torre. Sem comunicação nenhuma lá. Tinha um rádio lá. Eu já trabalhava pro WWF. Aí eu tava com um fotógrafo que tá da Inglaterra. Aí eu falei, ah, legal, que bacana, legal, obrigada. Aí ele assim, como assim? É assim que você vai reagir? Aí eu falei, olha, tô super feliz com isso que vamos fazer, né? Vamos sair voando aqui da torre, né? Não tem nem como eu ir, né? E é engraçado porque... Agora, o que eu acho mais importante é o seguinte, é que as pessoas... Ah, então, aí tinha o Eduardo Martins na redação, aí ele falava toda hora pra mim, essa matéria vai dar prêmio, vai dar prêmio essa, vai dar prêmio essa... Quem sabe, né? E aí, como eu falei, saí e eles quem inscreveram. Eu acho que o jornalista tem que ter muito cuidado para não fazer matéria para ganhar prêmio. porque isso existe muito, sabe? As pessoas querem o prêmio, não é? Não, não, não. Primeiro você faz a matéria, se ela ficar boa, pode ser que ela vá ganhar um prêmio. Essa nunca foi a minha linha e acho que não é uma linha aconselhável. Quem faz matéria pensando em prêmio não faz a matéria direito, não faz como deveria fazer. Eu tenho muitos colegas que eu vi tentando fazer matérias para ganhar prêmios e que não ganharam. E que, no fim das contas, não ganharam nada. Porque estavam tão preocupados com o prêmio que, às vezes, matérias boas, mas... Sabe, é... Eu acho que o prêmio é um bom reconhecimento, é uma coisa legal, mas não deve ser o guia da vida de ninguém, de nenhuma profissão, eu acho. A gente tem que calçar as sandálias da humildade e fazer um bom trabalho, e isso já é o bastante.

Isis Bianco: Eu concordo. E, Rebeca, o que o viver nas ruas significou para você profissionalmente e pessoalmente?

Rebeca Kritsch: Olha, pessoalmente foi uma experiência inesquecível. Conheci pessoas com quem até hoje eu tenho contato. Assim... Pessoalmente, foi uma lição de vida total, porque todas as coisas que eu vi, que eu descrevo, eu também não sabia que tinha essa solidariedade toda, que tinha pessoas que não tinham nada e tiravam deles para dar para os outros. Então, acho que aprendi

coisas que me acompanham para o resto da vida. E tem uma outra coisa que eu não sei como eu não pus isso no livro, porque eu adoro essa história, esse detalhe. Na festa de despedida, quando eu vim aqui pra Oxford, eles me deram uma plaquinha que diz o seguinte: quando sopram os ventos da mudança, alguns constroem abrigos, outros constroem moinhos. Eu uso essa frase a minha vida toda, o tempo todo. Aquilo foi um dos grandes aprendizados daquelas pessoas da rua. Porque eles escolheram os materiais, eles fizeram com as irmãs, mas fizeram toda uma oficina de moradores de rua e elas perguntaram o que vocês querem dizer para a Rebeca, para ela levar com ela. E assim, essa foi uma das lições, tipo assim, vamos levantar os moinhos aí e vamos em frente. Então, assim, pessoalmente foi, nossa, muitos níveis, muita coisa boa, foi muito bonito, foi uma experiência bárbara e conheci pessoas incríveis também. Na minha carreira de jornalismo, eu vou te falar, é uma matéria que ninguém esquece, né? Pode falar... Às vezes eu tomo táxi em São Paulo, os motoristas são mais velhinhos, eles lembram da reportagem. É... Muitos deles, alguns trabalharam no Estadão, os taxistas ali, principalmente lá perto da Sumaré, Pacaembu, Higienópolis, ali, né? Estadão, na Folha. Eu fico boba, eu falo, gente, como é que lembro? Então, assim, nesse sentido, eu fico muito feliz, porque é uma matéria que as pessoas não esquecem, e por isso que eu queria muito publicar esse ano, porque, nossa, tanta gente que não conhece, né? E não tem acesso. Aí foi bem interessante, porque eu era editora do Caderno Zap, mas meu negócio sempre foi ser repórter. Aí fica assim, ela é boa editora, e tem essa coisa de que bons editores não dão bons repórteres e vice-versa. O que eu acho que não é verdade. Eu acho que depende da vocação da pessoa. Agora... Um bom repórter gosta de rua, não gosta de ficar sentado na redação. Eu queria ser repórter, mas estava difícil ali para eu conseguir. Depois que eu fiz essa reportagem, eu voltei para a Inglaterra e virei repórter especial. Fiquei super feliz, porque falei, nossa, consegui. Aí virei. Aí eles falaram, não, ela sabe fazer reportagem. Então, profissionalmente foi bem bacana. E assim, até hoje é uma história que eu conto, que interessa muito as pessoas. E é um trabalho pelo qual eu tenho muito carinho. Então, eu conto às vezes, quando cabe na conversa. Conto nas entrevistas de trabalho, para as pessoas saberem que eu tenho vários lados. E como eu falei, os problemas sociais sempre foram o meu foco. E com isso eu também mostro que eu fiz muita coisa, inclusive morei na rua.

Isis Bianco: Se você pudesse refazer essa reportagem hoje, você faria algo diferente?

Rebeca Kritsch: Então, essa é a primeira pergunta. Aliás, eu sempre me pergunto se eu faria novamente e o que eu faria. Então, temos a questão da cracolândia, que não existia. Então, eu acho assim, certamente, se eu fosse repórter hoje, eu ia me enfiar na cracolândia. Não tenho dúvida, porque é um problema tão grave, né? É uma coisa tão... Mas eu acho que eu teria feito... Assim... Se eu teria feito algo diferente, talvez, provavelmente, tivesse... Talvez eu... Não sei, eu provavelmente dormiria na Cracolândia. Não fecharia o olho, mas dormiria, entendeu? Ia passar a noite lá acordada, mas ia. Agora, é difícil dizer, porque muita coisa mudou. Então, o que eu ia falar? Agora, sim, Isis, para você fazer uma boa reportagem, você tem que ir atrás, você tem que, às vezes, se enfiar nas situações e tal. Então, acho que, nesse sentido, seria mais guiado pelo meu conceito do que eu acho que é um bom jornalismo e do que eu precisaria para colher histórias e tal. Nesse sentido, provavelmente, eu faria muita coisa parecida. Só pergunto se eu... Talvez eu até me empregasse no stripper. Só pergunto se eu... Eu iria, como eu sempre fiz, eu iria até o último, até o quase, aí eu cairia fora. Ia explorar até como é que é, se eu ia aprender a ter aula de dança, como é que era, se depois você saía com os caras para pegar essas informações mais cabeludas. Provavelmente não faria. Provavelmente não, não faria.

APÊNDICE B - Entrevista com Rebeca Kritsch em 18/05/2026

Isis Bianco: Então, Rebeca, como eu falei para você, eu estou fazendo um estudo de caso sobre a reportagem que você fez, o livro também. E aí nós fizemos uma análise de conteúdo, então foram catalogados todos os personagens, espaços, dados, fotos e instituições que aparecem no livro. Também a gente fez uma análise de enquadramento para mostrar o que você escolheu mostrar dentro da sua reportagem e aí ficou algumas questões em aberto como eu falei para você. Então a primeira pergunta que eu queria fazer é: como é que você descreve o que você fez em 1995? Jornalismo investigativo, jornalismo literário, uma coisa híbrida entre os dois?

Rebeca Kritsch: Olha, o resultado, o texto, eu descrevo como jornalismo literário, porque tem cursos totais do começo ao fim, começando com aquela descrição que eu li lá no lançamento, por exemplo, que eu falo tinha duas mulheres na fila, uma delas era eu, tinha mais uma. Então assim, se referindo a mim e ao Vidal na uma terceira na terceira pessoa, totalmente um recurso literário, né? E outras coisas mais e por ser primeira pessoa já é uma coisa muito diferente do jornalismo tradicional. Agora, em relação à reportagem em si, eu não chamo de investigativo, porque eu fui investigativa praticamente na minha carreira inteira. Algumas pessoas chamam, mas o investigativo em geral que eu fiz foi para denunciar alguma coisa errada, entendeu? É um jornalismo investigativo para denunciar alguma coisa. Como é que fala em português? Para expor, né? Para expor uma ilegalidade, um ato de ilegalidade e tal. Nesse sentido eu fiz várias reportagens me passando por outra pessoa. Uma delas eu parei no fim ali, mas eu articulei a compra de um passaporte falso. Fingi que eu era, que eu tava procurando para um para um gringo. Outra vez eu fui para o Timor Leste como estudante, eu entrei clandestina, clandestina quer dizer, entrei como estudante e na verdade estava fazendo uma reportagem, então assim, isso eu considero mais o meu jornalismo investigativo e fiz um monte de outras coisas. Então, algumas pessoas falam em jornalismo participativo, né? E eu não sei se eu teria um *label*, como é que fala uma, um nome para isso. Eu não sei se eu teria assim. Em inglês tem outras palavras, né? *Undercover*, por exemplo, que descreve bem, que você tá *undercover*, que não é exatamente investigativo, mas você tá, como é que seria em português *undercover*? Disfarçado?

Isis Bianco: Disfarçado, isso. Isso mesmo.

Rebeca Kritsch: E alguns falam de jornalismo participativo, que você vai lá e participa do negócio. Talvez jornalismo participativo, se é que isso ainda faz sentido, se muitas pessoas usam esse termo. Porque, além de eu estar fora do Brasil há muito tempo, eu tô fora do jornalismo há muito tempo também. Assim, do jornalismo diário e das redações. Eu ainda faço algumas coisas, mas fora das redações então já não sei mais os termos que são usados.

Isis Bianco: Entendi. Dentro do que a gente fez no trabalho, a gente está descrevendo essa modalidade como jornalismo gonzo, que é um jornalismo que a pessoa, o jornalista, participa dentro da comunidade que ele escreve junto. Alguns lugares chamam de jornalismo etnográfico também, porque essa participação com o ambiente que você está é muito parecido com a etnografia, mas a gente está usando esse termo para usar dentro do trabalho. Não sei se você conhece, se é familiarizada com esse termo.

Rebeca Kritsch: Sou, digamos, era. Qual é exatamente a definição de jornalismo gonzo? Eu lembro vagamente.

Isis Bianco: Vou até pegar aqui coloquei no trabalho.

Rebeca Kritsch: Há tanto tempo que eu não ouço ou uso a expressão.

Isis Bianco: Estilos de narração de não ficção que abordam práticas que valorizam a presença do repórter na construção da narrativa e a aproximação com a experiência vivida.

Rebeca Kritsch: Hum, é. Uma definição funciona também.

Isis Bianco: Há quantos anos você está fora de uma redação? É desde 2001 mesmo?

Rebeca Kritsch: É. Nos 2000.

Isis Bianco: Então, 25 anos?

Rebeca Kritsch: Já, né? Tá vendo.

Isis Bianco: Nossa, o viver nas ruas tem 30, então faz tanto tempo quanto. Nossa, impressionante. É uma pena porque o seu trabalho é incrível.

Rebeca Kritsch: Obrigada, obrigada. Ah, não era, as pessoas falam, eu decidi que eu queria ser jornalista aos 4 anos de idade. As pessoas falavam: "Não, você realmente escolheu a carreira certa". E acho que escolhi mesmo, é. Fui muito feliz, nossa, conheci muito lugar, o jornalismo me deu coisas maravilhosas, conheci gente espetacular, né? Gente de todos os lados, a todos os níveis, e alguns que até hoje são meus amigos até hoje, então é muito legal. Eu recomendo. Apesar de que hoje tá bem difícil, acho que as pessoas têm que ter uma expectativa clara, que talvez elas tenham que fazer assessoria de imprensa ou de comunicação. Mas dependendo da instituição a qual você trabalha é muito legal.

Isis Bianco: Sim, nós temos aula de assessoria e foi falado justamente isso para gente, que é uma carreira interessante a depender do lugar que você trabalha. Então, tá sendo bem por aí. Inclusive, eu não lembro se você se recorda da dedicatória que você escreveu no meu livro, mas é um negócio que eu fico lendo e eu fico pensando muito que é um novo jornalismo é possível. E esse trabalho ele ronda um pouco sobre isso, de novas maneiras de se fazer jornalismo, mas eu acho que é o caminho que a gente tem que seguir para conseguir sair dessa crise que nós estamos vivendo até hoje.

Rebeca Kritsch: E sabe, eu acho assim também, ah, hoje por um lado tem a crise e tal, mas só por outro lado tem 1.000 canais, né? Com a internet e tal. Eu acho que com criatividade dá para fazer muita coisa única, muita coisa legal. Agora, jornalismo, outra coisa, porque o mundo está cheio de milionários e bilhões hoje, a gente não adianta esperar um retorno financeiro espetacular. A não ser que você seja apresentadora da Globo, né, primeira lista da Globo, mais apresentador, porque ela não vai ganhar dinheiro como ganha uma pessoa do mercado financeiro, um um advogado num

escritório que pegue grandes causas de empresas, por exemplo. Então eu acho que tem muito para mim a expectativa de querer ganhar dinheiro. Jornalismo não é uma profissão para você ganhar dinheiro. Ela pode te dar um nível bom de vida, mas não acho que vai ficar rico não. A não ser que, por exemplo, você escreva um livro e aí comprem os direitos para o cinema, né? Aí aquelas coisas, né? Ou entrar para a TV, a TV dá paga mais, mas é, enfim. Por exemplo, eu nunca fui da TV, eu sempre gostei de escrever. E eu acho que se as coisas tivessem sido diferente, eu talvez não tivesse saído, mas enfim, e depois eu fui fazer, quando eu entrei o meu primeiro emprego foi na WWF, aquela organização de conservação da natureza, né? E eu fiz um filme, logo que eu entrei, que foi premiado no Festival do Cinema, foi Escolha do Público, Festival do Cinema Ambiental de Goiás. Olha só, eu queria fazer um documentário, caiu um no meu colo e prêmio. Então assim, tipo, tem possibilidades. E outra coisa, hoje em dia é muito bom jornalismo é feito em parceria com organizações não-governamentais. Isso é interessante para eu te dizer, não sei se vai entrar, mas por exemplo, e se sabe o que aconteceu também de lá para cá e acho que acontece ainda hoje? Muita organização não-governamental produz material que é usado pelas grandes publicações, inclusive aqui na Europa. Por quê? Porque não tem dinheiro. Então eu lembro da gente fazer coisas na África, eh naquelas comunidades lá no fundo do mundo que é uma grana para você chegar lá, é muito caro, a gente, e não só a gente, *Save the Children*, a *Oxfam*, essas próprias organizações, entregando fotos, histórias, relatos, filmes e eles e as a grande empresa usando a CNN até faz isso. E aí vai lá o crédito. Então, para te dizer, tem muitos canais diferentes. E o que que pega também quem tem emprego nesses lugares, nesses órgãos da grande imprensa, eles têm uma restrição por causa de dinheiro muito grande. Eu não sei se eu te cheguei a te contar, o cara lá do valor me contando que eles têm direito a usar três Ubers pelo por semana, se acabou a cota do Uber, ele não pode mais sair para fazer uma entrevista pessoal. Às vezes até você estando numa organização que tem mais que tá lá no campo tal, é, o, talvez eu tô no campo, no campo que eu digo pode, o campo, eu tô dizendo pode ser a cidade, lá calçada, entendeu? Se você está lá perto, você pode produzir um material e eles usarem. Porque, eles não têm capacidade financeira, não tem pessoal, só faz tudo por Google, por telefone, né?

Isis Bianco: Sim, perdeu-se um pouco do contato pessoal com, no meio do caminho, digamos assim.

Rebeca Kritsch: Muito. E é o que eu falei no lançamento, é, você perde que as palavras não dizem, não revelam, que elas não revelam e tem muita coisa, né?

Isis Bianco: Inclusive, falando do lançamento, foi muito divertido, muito obrigado por me convidar.

Rebeca Kritsch: Gente, foi tão engraçado aquele Suplicy é um maluco.

Isis Bianco: Eu me diverti muito.

Rebeca Kritsch: Que bom.

Isis Bianco: E uma coisa que você falou no lançamento e que eu gostaria de retomar agora, é o porquê que você decidiu lançar o livro com a reportagem 30 anos depois.

Rebeca Kritsch: Ah, tá. Então, é, durante todos esses anos, é, bom, primeiro muita gente lembra dessa reportagem, é muito interessante que eu quando eu tava quando eu vou para o Brasil, eu ia com mais frequência, né? Mas, eu pegava um táxi, aí o cara falava do Estadão, aí às vezes eu mencionava a reportagem. Nossa, você eu lembro, eu lembro. E não só os taxistas, todo mundo lembrava. E aí eu morava na ali, meu apartamento é ali na Higienópolis, né? Numa na Rua Tupi. Eu sei que um foi falando para o outro, eu sei que os taxistas todos lembravam ali, eu morria de rir. E eu assim, e outras pessoas, às vezes eu estava conversando, aí eu mencionava e falava: "Nossa, eu lembro dessa reportagem". E aí os filhos dos meus amigos também começaram a ficar curiosos. Os pais contavam assim: "Ai, mas dá para ler, dá para ler". Eu mandei um monte de PDF, sabe? Eu mandei digitalizar a reportagem há um tempão já, porque ela não estava em um formato digital, né? Foi ainda no ano 2000 e pouco que eu mandei digitar. E aí eu mandava o PDF. E aí, as coisas foram piorando muito aí em São Paulo, com relação aos moradores de rua, né? E as pessoas falavam: "Ah, por que você não lança? Por que você não lança? Recupera, tal". Aí eu pensei em fazer nos 10 anos, não fiz. Nos 20 anos, não fiz. Aí, eu falei: "Bom, vou fazer". São 30 anos e os filhos dos meus amigos, um monte adolescente agora, entrou na faculdade, pediram, né? Falei: "Ah, quer saber? Eu vou fazer os 30 anos, porque também depois não faço mais, né?" E aí, o que

aconteceu? Ainda por cima, várias pessoas morreram. Eu queria ter feito com a irmã Ivete e a Regina vivas, né? E a irmã Regina morreu um ano antes, né? Eu fiquei passada assim. Então, quando eu via de São Paulo, que piorou muito a Cracolândia, aquelas coisas todas acontecendo conversando com os meus amigos jornalistas, fotógrafos. E aí comecei a conversar com pessoas que são ligadas a pessoas em situação de rua, né? Falaram: "Nossa, faça, faça para chamar atenção para o assunto de novo". E aí foi isso, assim, foram juntando a fome com a vontade de comer. As pessoas, encorajando também, falaram: "Ah, então vamos fazer". Porque é uma oportunidade única e piorou muito, né? Como eu falei dos dados, cresceu 600% e a população de São Paulo cresceu 15%. Não dá. É alguma coisa bem errada, né? E tá se tornando uma tá tornando uma coisa muito legal. Tem assim, tem tido uma boa repercussão, tem dado entrevista, falado com várias pessoas. Talvez saia aquele projeto de que eu falei, das escolas, então assim. Eu acho que foi bem um livro, foi uma publicação para trazer o tema à tona, mais que qualquer outra coisa.

Isis Bianco: Inclusive, isso também é uma coisa que eu reparei quando eu tava fazendo o comparativo, porque o tipo de dados que tem na primeira parte, eles são dados imersivos junto com a experiência. Então, o preço de uma carroça, o preço da cerveja, o preço do quilo da latinha. Quando passa para a parte dois, os tipos de dado que tem, eles são dados de contextualização do problema, de novos problemas, como a Cracolândia, os imigrantes que passaram a ficar na rua de São Paulo também. E uma coisa que eu reparei, que eu vou até adiantar essa pergunta, porque acho que é a pergunta mais curiosa para saber, é sobre a questão de gênero. Quando eu fui fazer o levantamento, aparece um dado na primeira parte que fala que de todas as pessoas que estão morando na rua, 8% são mulheres no estado de São Paulo. Na parte 2 fala que duplicou, virou 16%. Eu fiz o levantamento de todos os personagens e aí o que eu tive foi 17 personagens masculinos, moradores de rua e 13 femininas. E aí eu conto também as travestis porque elas são tratadas no feminino, então temos 13 mulheres na reportagem. E me chamou a atenção o número porque não é uma diferença tão grande. É 13 e 17, tá numa média ali. E aí isso me pegou um pouco para saber porque que tinha tantas mulheres, sendo que o dado fala que elas são um número relativamente menor. Então, você procurou essas mulheres? essas mulheres vieram até você? era uma questão de segurança você estar perto de mulheres também para que você se sentisse menos confortável, digamos assim, numa situação diferente e como você vê a questão do gênero presente nas pessoas em situação de rua?

Rebeca Kritsch: Tá bom. É muito boa pergunta, muito boa análise. Mas antes de responder, queria te falar também que o grande objetivo do livro foi disponibilizar o material para as para as gerações para as novas gerações, sobretudo estudantes de jornalismo. Isso também foi uma parte da ideia de lançar, porque ele não tá aí disponível na internet, né? Não tava. Até agora não tinha o material. Ah, assim, de maneira legível, de maneira acessível. Quanto aos dados, o que aconteceu? Eu, por problemas de saúde, eu não pude ir ao Brasil fazer uma atualização como ver de novo o preso da carroça, fazer isso, que seria uma coisa muito, muito legal também, né? E, como você falou, os dados foram mais para situar daquele jeito, embora eu tenha me preocupado em entrar no mérito por que as pessoas hoje caem na rua, nesse sentido, o que mudou, né? Hoje não é tanto desemprego, como era, aquelas coisas todas de que eu falo, né? Mas é bem observado, teria ficado mais divertido até se eu tivesse, né? Mas olha, foi tão difícil encontrar de novo essas pessoas. Eu só consegui encontrar a turma velha da OAF depois que o Suplicy entrou na jogada. Depois que eu entrei em contato com o gabinete de Suplicy. Ele tem uma assessora maravilhosa, a Júlia, que estava lá também. A Júlia, o Suplicy, inclusive, conhece todo mundo também. Eles me deram contato de todo mundo, aí que a coisa começou a rolar mais. Vou te mostrar, só para você ver. Eu comprei um cartão para fazer ligação para telefone fixo no Brasil. Isso daqui foi para eu viver nas ruas. Nunca usei. Os telefones fixos não existem mais, né? Eu não consegui fazer uma ligação com essa porcaria desse cartão. Eu falo daqui no sem-teto, que eu vou fazer com isso, porque ninguém usa mais fixo, eu não tinha o WhatsApp das pessoas. Até o Suplicy, a assessoria do Suplicy salva a minha vida aí, né? Agora em relação às mulheres, o que que acontece? Foi meio instintivo, mas primeiro assim, eu sempre como jornalista tentei fazer uma coisa inclusiva e variada, sabe? E ter ponto de vista dos dois gêneros ou três ou quatro, quantos você queira considerar, dependendo do assunto, claro, quando é pertinente, né? É, de ter vários lados, não só dois lados, mas vários lados. E segundo que eu acho que aconteceu na reportagem, o fato de ter tanta mulher, é porque eu estava tentando me encaixar naquele universo, né? Então, por exemplo, você está falando disso, tá lembrando o papo com as prostitutas lá, que eu abordei, falei: "E aí, tá para arrumar um emprego?" Porque era o que tinha prostituição que tem disponível para mulher na rua, né? Ou olhar carro, né? Mulher puxando carroça tem pouquíssimas, ela foi no lançamento livre ela puxa carroça, né? Em geral, só homem puxa carroça, mas mesmo assim eu puxei carroça também. Com o Lemos que já morreu inclusive. Mas, é, e depois eu acho que, assim, é, teve uma outra coisa da Ah, outra coisa,

elas também se aproximavam de mim, porque eu sou mulher, é muito mais fácil, era muito mais fácil, às vezes elas estavam curiosas sobre o Vidal também, ou sobre mim, o que você está fazendo e tal. Então, elas se aproximavam de mim, elas iam falar primeiro comigo, né? E depois, assim, acho que tem a ver com a minha sensibilidade também. Eu olhava as mulheres naquele estado, tem uma, tem uma foto, eu adoro aquela foto, que eu que vi a mulher com ela com uma porta assim, um negócio lavando roupa, ela é bem gorda assim. Eu e ela cheia de filhos. Eu falei: "Gente, olha essa mulher, como é que ela vive, né?" Ela morava ali na rua com os filhos, né? Assim, as histórias que me tocavam, assim, que eu ficava: "Uau". Os travestis uns fofos, né? As travestis que a gente tem que falar as, as travestis, umas fofas, também vinham. E aí tinha essa coisa de eu também das irmãs terem falado: "Fica junto das mulheres", né? Então, e aí a sua outra pergunta, qual que era? No final das, dessas perguntas tinha um outro ponto.

Isis Bianco: Como você vê a questão de gênero presente nas pessoas em situação de rua?

Rebeca Kritsch: Ah, então, é um desafio, né? Porque a gente tem, a mulher tem o risco do estupro o tempo todo, né? O que o homem nem sempre tem, os homens não têm. Quer dizer, tem menos, quer dizer. As coisas que eu ouvi da moradora de rua no lançamento, foram coisas assim detalhes que eu não sabia, né? Hoje em dia é assim e tal, é, na minha época eu talvez fosse, né? A outra coisa que eu vi foi bebê na rua. Bebê na rua. Coisa assim, horrível de você chorar, sabe? E mesmo depois da reportagem, quando eu vi um bebê na rua, eu ia lá ajudar, eu ia lá levar roupa, comida, porque eu fiquei: "Não, não é possível, que a pessoa teve o bebê", porque em geral eles tiram, né?" Então, a situação de gênero é difícilimo, é muito sofrida, eu acho que é muito mais sofrida para mulher, a mulher engravida, a mulher tem filho, tira o filho para dar para adoção imediatamente. Assim, tem no meu livro aquela senhora que depois foi buscar, perdeu os filhos, depois foi buscar, conseguiu de volta. Então você imagina, né? Eu vi, uma delas pirou, né? De perder ela, todo filho dela foi para a adoção, ela ficou com problemas de saúde mental bem graves assim, ela saiu do ar. Outra da reportagem, por exemplo, ela foi estuprada, ela também teve problemas mentais até hoje, sabe? Problema de saúde mental. Ela nunca saiu da rua. Ela tinha 18 anos, faz as contas 30 anos depois, ela continua na rua. Ela nunca saiu da rua. Então, assim, eu acho que a mulher é tem a situação de vulnerabilidade da mulher que já é forte na sociedade, piora muito na rua, né? Ela é muito mais situação de muito mais exposta, muito mais vulnerável e tem desafios que o homem

não tem, né? Essa coisa de engravidar. Eu estava conversando com o pessoal do Trecheiro que pediu para fazer uma matéria comigo, né? E então eu dei uma entrevista. E a conversa é diferente, né? O Trecheiro é de morador de rua, né? E a gente estava falando de menstruar na rua, por exemplo. Aí falaram: "Ah, então eu falei disso, aí uma amiga minha falou: "Ah, não, mas agora os postos do SUS ou sei lá o quê, UFPs, não sei o quê, UBSs". As UBSs têm, agora de graça, tampão, não sei o quê. Mas falaram para mim: "Tem nada. Tem nada. Tem, mas acabou". É muito difícil conseguir. Eu lembro que eu prestei atenção nisso também, porque quando eu tava eu tava olhando o carro com a Conceição e aí ela pegou o dinheiro, eu acho que eu já te contei isso, né? Ela pegou, não sei. Aí ela pegou o dinheiro e entrou na farmácia para comprar Modess. Eu falei: "Ó, tá gastando o dinheiro que eu gastaria em pinga, ela tá gastando. Tô brincando. O dinheiro que eu tomaria em cerveja, eu tenho que deixar para um Modess, para absorvente, né? Então, eu vejo como uma situação muito triste, é muito difícil a situação de gênero e acho que você teve oportunidade de ouvir da boca de uma delas.

Isis Bianco: Sim, inclusive até ia perguntar, porque algo que a Verônica disse no lançamento do livro, foi algo que ficou na minha cabeça que homens fazem grupo de homens, mulheres não fazem grupo de mulheres. Porque um grupo de mulheres não se protege, não consegue se proteger de um grupo de homens. Então você tem que ser a amiga de alguém, a namorada de alguém para que você tenha pelo menos um tipo de tranquilidade. E outra coisa que também ela falou, que eu fiquei pensando muito nisso, é que a economia do cuidado, que é esse trabalho silencioso de mulheres, de cuidar de idosos, cuidar de filhos, cuidar de pessoas enfermas, ela tá também se estende para a rua. Então, se cai uma pessoa dessas na rua, é você a mulher que vai cuidar, não é o homem, não é uma sensação coletiva de que estamos todos no mesmo barco. Você também presenciou isso quando você fez a sua experiência, você consegue ver essas falas dela já na época que você fez a sua reportagem?

Rebeca Kritsch: Olha, dos casais da proteção, com certeza. Você via muitos deles juntos ali. e você sabe que é interessante, você está falando disso eu to associando agora. Eu lembro que eu fui, logo depois que a Fátima foi atacada, eu até conto, aí fui lá no numa comunidade, um menino veio me cantar, né? Perguntar e tal, não sei o que. Ele falou: "Ah, por que a gente não fica junto? É melhor para você". Eu lembro que eu nem pus na matéria, mas tipo assim, eu posso te proteger,

posso te ajudar e tal. E você vê muitos deles como casais, brigam, o tempo todo brigam, estão ali, tá junto, sabe? Assim, você fala até na cara que tem alguma conveniência ali. E a da proteção. É pelo menos para circular junto. Esse negócio, como eu tinha um Vidal também, quando eu tinha um Vidal durante o dia e tal, você vê a primeira hora que eu fiquei sozinha já veio um cara em cima de mim. E tipo assim, nem sei, vai que se eu não aceito ele não vai forçar a barra, né? É que eu sabia que eu ia sair dali e ia dar um perdido no cara. Nunca mais vi o menino. Mas assim, eu já tinha o Vidal, dá para perceber, pensando nisso agora, eu já tinha um companheiro, eu tava ali, eu já gozava de outro respeito, entendeu? Outra situação estava ali, já era, as pessoas iam falar comigo, iam falar com o Vidal, os homens falavam com o Vidal primeiro, para depois falar comigo. Eu vejo sim. Quanto ao cuidado, quanto ao cuidado eu realmente não presenciei muito assim, porque eu circulei muito, sabe? Eu não fiquei parada num lugar em que tivesse alguém enfermo, precisando de cuidado. As únicas pessoas que eu sabia que precisavam de cuidado eram as que estavam ali junto à comunidade, aí a comunidade cuidava ali a OAF, né? Na nas casinhas lá da OAF. Então isso eu não tive oportunidade, mas é mas é muito interessante, o que ela falou.

Isis Bianco: Sim, chamou muito a minha atenção, eu deixei anotado para ver se eu conseguia colocar em algum lugar do trabalho, porque eu achei muito interessante isso que ela disse. Inclusive, o fato dela ser de Bauru me deixou bastante intrigada com o que ela falou do galpão, né? Não, é o galpão, como eles chamam? Do albergue, perto da rodoviária, que eu sei onde fica esse albergue e o que ela falou assim, me deixou muito, muito assustada com o que acontece lá dentro.

Rebeca Kritsch: Os albergues são difíceis, difíceis. É, albergue, albergue é um perigo, entrar acompanhado num albergue, eles falam: "Fica com as mulheres" e mesmo assim, é assustador.

Isis Bianco: Rebeca, você consegue ver outras iniciativas jornalísticas, tanto do Brasil quanto fora do Brasil, que se aproximam dessa pegada social que você fez na sua reportagem?

Rebeca Kritsch: Olha, o que eu vejo muito assim é bom aí no Brasil foi você que me contou do carinha da Cracolândia.

Isis Bianco: Foi, foi.

Rebeca Kritsch: Então, mas eu vou não é exatamente o exemplo, alguém tentou, né? Tentou, mas infelizmente virou outra coisa, né? Teve aí depois uma reportagem de uma moça do Estadão que foi morar numa favela, mas ela alugou uma casa numa favela com o fotógrafo, mas disse que não foi assim, tão bom, assim, não rendeu muito, vamos dizer, a reportagem. Mas eu não vi, eu não, eu já não trabalhava com jornalismo, alguém me contou. Que eu vejo muitas pessoas fazendo, elas vão aqui elas vão *undercover*, é que eu assisto mais a vejo mais a mídia internacional, né? Agora eu vejo as notícias do Brasil, mas vejo meio por cima. Mas, por exemplo, teve aqui uma série, não sei se foi da BBC ou da ou da CNN que se infiltraram no tráfico de menores. Bom o negócio, bom. E assim, parte do negócio foi tipo assim, tô interessada, entendeu, em traficar. Né? Foi *undercover*, não foi uma pessoa só, é uma equipe né? É produtor, é repórter, principalmente os produtores, eles fazem isso bastante na TV, porque a cara deles não é conhecida, né? Os repórteres. Você faz um Google ali com a foto, você mata na hora quem é a pessoa, né? Mas se infiltram assim, eu vejo bastante também pornografia infantil, muita gente fazendo pela se se fingindo pela internet. A gente não, né? Já vi assim reportagem e agora muitos, muita gente da lei também faz isso. Eu mesmo comecei uma matéria dessas há um tempão, mas eu acabei, porque eu não acabei, eu acabei largando, mas era de pornografia infantil na internet. É, foi bem, foi ainda na década de 2000, que é horrível, era horrível, assim, era muito pior do que a outra, quer dizer, muito pior, não sei, era mais terra de ninguém, né? O negócio. Aí, os pais tinham menos consciência ainda. Tem muitos exemplos, se você olhar sobretudo no ambiente internacional. Eu não sei aí no Brasil como é que que tá, se as pessoas têm feito com tráfico de drogas ou com, sei lá, tráfico de pessoas, prostituição infantil, tinha muito esses problemas que têm muito aí no Brasil, né? Os jornalistas têm feito. Eu não tenho visto, pelo menos nas notícias que eu acompanho. Mas, agora aqui também tem muito com essa imigração clandestina dos botes, sabe? Que muita gente morre aqui no Canal da Mancha. Eu acabei de ver na BBC hoje, eles descobriram uma loja onde os caras recebem dinheiro para passar para os traficantes de pessoas, para os que estão atravessando, sabe? Toda hora tem. E esses assuntos assim, né? É bem, bem grave.

Isis Bianco: Mas o seu contato é mais com a mídia internacional. As iniciativas do Brasil têm um pouco de desfalque.

Rebeca Kritsch: É, eu não vejo muita não. Eu leio o UOL todos os dias. Aí se eu vejo alguma coisa, em geral, se algum outro veículo também dá um furo, eles vão acabar no UOL, né? Acaba lá no UOL. Às vezes, eu também vejo o Instagram, aí alguma coisa que tem, eu vou. Tem o É, e tem outras publicações aí que não que acabariam no UOL, que eu também até acompanho. O Intercept fez agora também um negócio do Vorcaro aí com o Flávio Bolsonaro, né? Eu vejo as coisas deles e tal, mas eu não tenho visto nada. Olha, assim, tá tão sem dinheiro, né? Tá tão sem dinheiro. Por exemplo, a Amazônia, é um prato feito para esse tipo de reportagem. Tem de tudo lá. Só que agora tá tudo muito perigoso por causa dos comandos lá, né? Do PCC, CV, você vê que toma conta de tudo lá em cima, né? Eles fizeram uma rota de tráfico de drogas na Amazônia, né? Chegando lá Belém, Fortaleza, Natal. Tá tudo dominado lá por eles, né? Mas a Amazônia é, nossa, para qualquer coisa. Uma coisa que eu, uma dica para a jornalista. Imagina um problema. Imagina um negócio, fala: "Putz, isso é horrível". Aí você vai lá e olha onde está acontecendo. E aí você vai lá e você acha uma reportagem investigativa para fazer, porque é assim, infelizmente o mundo tá assim, você imagina um problema e ele existe, né? E depois eu trabalhei, por exemplo, na *Plan International*, morei em Recife. Nossa, ali a gente fez muita coisa com prostituição infantil. Muita. Então, por exemplo, se você for lá nas estradas, nos postos de gasolina, ficar no meio da estrada. Onde eu fiz prostituição infantil? Eu fiz, foi uma reportagem? Foi durante a minha série ou foi já quando eu estava na *Plan*? Era muito fácil. Onde foi que eu fiz? Não tô me lembrando, mas eu fiz uma matéria, uma reportagem. E foi assim, a gente teve uma pista e aí saímos da cidade, fomos em um posto e eu lembro de eu atrás do poste esperando o caminhoneiro parar para pegar a menina. E aí a gente se aproximou e aí não pegou a menina. Que isso é uma outra questão, você deixa pegar? Ou você documenta, vai filma e para na hora, né? Não, eu sou da repórter que vai lá parar o negócio. Se der, né? Claro, se não for morrer. Porque eu penso nas coisas do tráfico de droga o tempo todo, que lá você morre mesmo, né? Como morreu o Tim Lopes aí no Brasil, né? Mas é assim, Isis, infelizmente é assim, você imagina, você vai lá, você acha. Tem muita, como eu falei, tem que usar a imaginação e também ter vontade, né? Porque tem muita gente que quer só o nomezinho lá no jornal, e fica lá no Google, e fica no telefone. Tem preguiça

Isis Bianco: Tem que ter estômago também, né? A depender do que você está investigando. O que você fez já teria que ter certo estômago, não só para você passar pelo que você passou, morar na

rua não é fácil, mesmo que fosse por um período curto de tempo. Mas quando você cobre outros tipos de problemas sociais, você tem que ter estômago para fazer.

Rebeca Kritsch: Tem, tem. Eu também acho que não é para todo mundo, sabe? Eu acho que eu já te falei isso, né? A gente não aguenta consumir só uma notícia, são coisas ruins, né? Então, eu acho que tem que ser equilibrado e tal. As ofertas tem que ser equilibrada e não é para todo mundo, mas não pode ser para ninguém também. Eu acho que jornalista tem uma função pública, social. E o que acontece também é isso. A maneira que as pessoas vêm hoje, você entra numa redação, você acha que não é para fazer entrevista pessoalmente, né? Acha que é só ficar lá, eu ouço isso às vezes. De meus amigos da minha época, eles falam assim: "A molecada vem e acha que é ficar sentada lá, na internet ou no telefone". Tem uma preguiça de ir para rua. Na minha época tinham os repórteres com preguiça de ir para rua também. Você tinha que chutar o traseiro dele e falar: "Vai, vai". E na verdade tá perdendo a graça da profissão, que não vai, na minha opinião. Mas não precisa se colocar ainda. Eu não sei se você viu a entrevista que eu dei para a Revista Imprensa.

Isis Bianco: Sim, inclusive a minha orientadora mandou no meu privado.

Rebeca Kritsch: O portal Imprensa, que a gente fala disso, de trauma, de se expor, não se expor. É, acho que eu também o que eu falei ali o que eu penso.

Isis Bianco: Rebeca, pensando na reportagem, primeiro, se você fosse cobrir essa reportagem hoje, você acha que seria possível?

Rebeca Kritsch: Então, pergunta que muita gente me faz. Eu não sei se eu faria da mesma maneira. Por exemplo, eu acho que eu me enfiaria naquela Cracolândia, sem dúvida. Talvez eu passasse noites naquela Cracolândia assim, entendeu? Mas eu não sei se eu faria as coisas da mesma maneira, precisaria me preparar muito, me proteger muito. Talvez escolhesse um outro lugar, umas outras partes da cidade, não sei, é difícil imaginar, sabe? Eu acho que quem tiver vontade e coragem e quiser fazer, eu acho que é sempre uma coisa válida de se fazer, sabe? Porque é, tem muito para mostrar ali que na época não existia, tem muita coisa, né? E deve ter tanta coisa hoje, tráfico de droga metido ali, tantas coisas para denunciar, eu acho que seria uma reportagem diferente. Porque

como eu falo no livro, né? Tá muito dominado pelo crack, a rua. Não era assim. A epidemia de crack estava começando ali. Tava bem no comecinho, e isso é uma grande diferença. Respondendo a sua pergunta, seria muito diferente, porque hoje a droga toma conta da rua, tomou conta da rua. E você viu a ela falando que os traficantes dominam até a moradia precária, as pensões, os pedaços ali.

Isis Bianco: Mudou muito.

Rebeca Kritsch: É, porque seria principalmente com o torno da droga, né? Do crack, eu acho.

Isis Bianco: E pensando na sua atuação, Rebeca, quanto a questão do anonimato, se você manteria uma identidade secreta, digamos assim, a abordagem dos termos. Por exemplo, naquela época a gente falava morador de rua, hoje não é um termo mais usado, falasse ‘pessoas em situação de rua’, se você mudaria esses termos, se você usaria tecnologias mais novas para fazer as suas gravações. Essa questão assim mudaria?

Rebeca Kritsch: Primeiro que essa coisa do anonimato total, porque eu acho que isso é a pegada da matéria, né? É assim, o pulo do gato da matéria, porque você como repórter você dá entrevista o tempo todo, né? Você se sentar lá na calçada e falar: "Eu vivi a vida deles", é o diferencial, né? As tecnologias, total. Porque você sabe que eles todos tem celular e Pix e tudo, né? Eles falam: "Ah, morador de rua tem Pix". Tem. Por causa dessa questão. Eles saem, eles arrumam emprego temporário, arrumam o dinheiro para comprar celular, daí cai na rua e fica com o celular, né? Pede esmola para manter o básico ali. Imagino, né? Ah, das tecnologias, eu usaria tudo o que está à disposição para mim. Agora, não sei até que medida, né? E pela questão do fotógrafo e tal, eu não sei se eles ficam fazendo montes de selfie. Teria que observar, né? Mas até facilitava a minha vida, porque eles têm celular e ficam fazendo selfie. Mas tem sempre, sempre esse perigo. Você vai fazer um selfie na Cracolândia, tem um traficante atrás e ele te toma, né? Os cuidados seriam outros. Eu tenho certeza disso. Seria bem diferente. Eu acho que o ponto principal o jeito principal da matéria seria o crack, a droga, as drogas. Porque a rua hoje ali no principalmente na parte mais central de São Paulo, não só o centro, mas você vai ali na Bela Vista, para Vila Mariana, ali para

os Jardins, aquele pedaço todo, eu estou considerando área central tudo aquilo, Pinheiros, né? É, eu acho que tudo ali é muito dominado pela droga.

Isis Bianco: Inclusive, uma das coisas que a minha orientadora pediu para eu fazer, além de mapear os lugares, era fazer um mapa dos lugares que você passou. Então, o trabalho tem uma mapinha pingando todos os lugares e os estabelecimentos que você passou.

Rebeca Kritsch: Ah, bacana.

Isis Bianco: A região central é realmente uma região muito interessante, por conta que eles se concentram lá e porque tem uma coisa que você fala no livro que diz que as pessoas são mais generosas no centro.

Rebeca Kritsch: São. Quanto mais pobre, mais solidário. Eu vou te mandar, não sei se cabe pôr aí junto do seu mapinha, o lugar onde era o Cassino do Sexo. Eu tenho uma foto de lá, é um estacionamento com um *sex shop*.

Isis Bianco: Eu vou ver se eu consigo, porque ele ficava, não sei se era na Avenida Angélica, Rua Angélica. Rua Aurora, a Rua Aurora tá marcada no mapinha.

Rebeca Kritsch: Porque a Rua Aurora é Rua de bordel, de não sei quê. Eu vou te mandar as a foto que quem fez foi um amigo meu, é do cassino do sexo. Outra é aquela Praça Júlio Mesquita lá na São João, que tem a tem até no livro. Mas que legal.

Isis Bianco: Estamos tentando fazer bastante coisa. Rebeca, eu ainda tenho mais duas perguntas. Sobre a experiência do seu outro livro. Como o Redescobrimdo o Brasil é diferente do Viver nas Ruas e ao mesmo tempo ele tem as suas semelhanças com o Viver nas Ruas?

Rebeca Kritsch: Então, olha, o projeto do Redescobrimdo o Brasil é essencialmente diferente. Eu fui mandada como repórter, para vasculhar os cantões do país, o interior e os lugares não visitados. Então, que não eram pontos turísticos, os lugares bem mais conhecidos. E colher as histórias, né?

Então, primeiro eu era declaradamente repórter, eu fui com o carro identificado, com logotipo do jornal e era uma série de longo prazo, um projeto bem ambicioso, bem grandioso, assim. Que tem de muito semelhante também, muita conversa com as pessoas, eu tinha que descobrir as reportagens, as histórias, né? Eu fazia umas pesquisas históricas, mas às vezes não tinha nada no lugar, né? Mas tinha uma história, digo nada de histórico, mas tinha outras histórias super legais e tal, né? E eu acho que uma coisa que foi semelhante é que eu corri perigo em alguns lugares. Nossa, teve lugar muito punk, muito punk. Inclusive, acho que uma das coisas mais punk que aconteceram ali foi que o meu carro atolou dentro do Xingu, da reserva do Xingu. Da reserva indígena e tinha tido uma fuga da penitenciária e os bandidos estavam na mata. Era bandido, onça e índio. Índio não tem problema, do índio eu não tinha medo, mas entre bandido e onça, eu não sei o que eu prefiro. E foi um horror, tá a história no livro. Nossa, eu acabei com o carro, tentando desatolar. Porque era assim, eu estava esperando consertar um ferry para passar no Rio Xingu e no fim da tarde quando a balsa não estava consertada a gente voltava para a cidade. E na volta, já às 6 horas da tarde, eles fechavam o portão para sair da terra indígena. Do parque do Xingu. E eu atolei bem antes de chegar no portão, no meio, voltando. Acabou, ninguém passava, não tinha mais nada. Eu tentei desatolar o carro com todas as minhas forças, só piorei, só acabei destruindo o carro. Aí eu falei: "Quer saber? Eu tô tranquei as portas, tomei um calmante. Porque eu pensei assim, imagina se alguém, se um índio vem aqui bater para me ajudar. Eu vou ter um treco, né? Imagina se um bandido vem. Eu vou ter um treco, ou uma onça. Então que eu pelo menos esteja dormindo, que nem ouça. Pelo menos tô dormindo, vou apagar aqui e amanhã que seja o que Deus quiser, né? Eu acordei no dia seguinte cheia de pegadas de onça em volta e eu pensei "Ai meu deus eu passei". Aí abriu de novo o parque, veio um caminhoneiro que ele chegou e disse: "Moça, o que aconteceu? O que você tá fazendo aí?". Aí a mulher dele: "Nossa, você quer um café"? Aí eu desabei para chorar. Foi um negócio assim punk. Gente do céu, imagina eu com o carro com adesivo do jornal. Se eu fosse um bandido, eu faria qualquer coisa para entrar naquele carro e sair. Quem vai parar o carro do Estadão? Que polícia que vai parar o carro do jornal, né? Ainda bem que eles deviam estar bem também escondidos das onças. Deviam estar todo mundo escondido das onças e tchau. E outras coisas também. Nossa, quando a gente entrou lá no Pará, eu já estava com o fotógrafo. A gente dormiu num hotel, na beira da Transamazônica, um lugar perigosíssimo e não tinha nem cama para todo mundo, tinha uma cama e uma rede. O fotógrafo se deitou na rede e eu me deitei na cama. E o cara falou: "Eu vou fechar a porta, vocês não abram essa porta para

ninguém". Aí começou a chover e inundou o quarto. Aí a gente com o equipamento. Nossa, o que que a gente vai fazer aqui? Ele falou: "Putz, não pode abrir a porta, não pode, a gente não pode fazer nada, vamos ficar aqui no banheiro, Bequinha. Bequinha, vamos ficar aqui até amanhecer, né?" Tudo molhado, cama molhada, tudo molhado, não tinha onde dormir. Passamos uma noite em claro lá, com as coisas em cima esperando amanhecer. Porque tinha aquele lugar chamado Paragominas que eles chamam de Paragobalas, né? Eles não queriam ver a gente por perto, né? A gente tava com uma caminhonete também com o logotipo do Estadão, as pessoas falavam: "Não vai ali, não vai ali. Repórter não entra ali, a imprensa não entra ali". E a gente tá bom, né? E eu nem tava procurando nada assim, tava cruzando a Transamazônica só pra reportagem, né? Eu vi de tudo mas foi maravilhoso.

Isis Bianco: Nossa, que experiência.

Rebeca Kritsch: Uma experiência, o redescobrimo, inesquecível, única na vida.

Isis Bianco: Rebeca, para a gente finalizar, a última pergunta é uma coisa que eu perguntei na outra entrevista, mas eu não perguntei se agora teriam alguma mudança. Que é com relação ao dilema ético que aparece em alguns, inclusive alguns trechos da reportagem de estou me fingindo ser uma pessoa morando na rua, estou me fingindo para se aproximar dessas pessoas para conseguir fazer uma reportagem mesmo que para ajudá-las, mas eu vou embora e eles continuam aqui. Hoje em dia, você teria pensamentos similares? Os seus dilemas hoje são outros? Como você vê essa parte agora, 30 anos depois?

Rebeca Kritsch: Então, você está me perguntando como eu olhando para trás a minha reportagem ou se eu fosse refazer a reportagem hoje?

Isis Bianco: Hoje. Como você se sentiria com relação a essas questões éticas hoje?

Rebeca Kritsch: O que acontece é o seguinte, eu já sabia das questões éticas antes de começar e saberia hoje, mas aquilo que você viu na matéria foi crescendo durante a matéria, sabe? Foi um negócio assim que você tem aquela consciência de tipo não eu não vou me fazer de coitadinha nem

de vítima porque obviamente eu estou aqui com um repórter e vou sair daqui eu estou aqui contando uma história e tal. Então, na minha cabeça, tudo resolvido né. Estaria do mesmo jeito assim tipo tal. O negócio é que eu descobri aquilo durante a matéria, né? Então eu tinha cuidado, por exemplo, se tinha uma pessoa pedindo esmola ali, eu não ia concorrer com aquela pessoa, sabe? Eu ia para outro canto, né? Mas, por exemplo, a coisa de olhar carro, tem que pedir autorização para eu olhar carro. Então, eu sabia que eu estava autorizado, então eu não tava tirando ali, né? Porque a pessoa que estava lá e na verdade até ela levava uma porcentagem dos meus ganhos, né? Então, nessas situações assim, tudo bem, tá justo aí, né? O negócio tá justo o jogo aí. Mas essas coisas assim não sei se dá para chamar de um constrangimento, mas aquela angústia ali de ver aquilo surgiu durante a matéria. Eu não sabia antes, eu acho que não saberia hoje também antes, sabe?

Isis Bianco: Desculpa te interromper. Tem um trecho que eu até coloquei no trabalho que é quando a Cláudia, não sei se você vai se recordar, que era moradora de rua, mãe de três filhos, ao saber que Rebeca era uma jornalista e temendo que ela não conseguisse obter comida como pedinte, durante a apuração, ofereceu-lhe um pacote de alimentos e bebida. Aí eu coloquei o trecho: "Recusei, insisti que guardasse para os filhos, mas ela não aceitou. De novo veio a tristeza. Desde o segundo dia eu comecei a ficar deprimida por estar fingindo ser uma moradora de rua. Aquele povo acreditando que eu era igual a eles, repartindo que conseguiam com uma dificuldade imensa a custa de humilhação ou de um trabalho mal pago. Vou embora, mas eles ficam sem cama e sem teto. Isso me pegou muito.

Rebeca Kritsch: Eu tô assim, com você lendo. Eu lembro da cena perfeitamente. Aí eu fui lá e dei um monte de coisa para ela depois também, porque eu tive que pegar o sanduíche dela. Não teve jeito. Mas você vê, ser humano, né?

Isis Bianco: Isso foi surgindo conforme o que você falou. Por mais que tivesse uma coisa pré-determinada antes de não competir, não pegar comida, não se fazer de miserável, né? Fazer o seu trabalho como uma sombra, digamos assim, tem coisas que são inevitáveis e eu acho que essa situação me marcou tanto que eu falei: "Não, isso aqui vai para o trabalho, não tem como".

Rebeca Kritsch: Que bom, que legal. Eu acho que por essas coisas que essa matéria também é importante as pessoas não esquecem, porque também não estou ali só. Eu acho que deu para eu acho que as pessoas conseguem se colocar no meu lugar. Falar: "Putz, acho que eu ia ficar assim do mesmo jeito".

Isis Bianco: Hoje em dia seria do mesmo jeito?

Rebeca Kritsch: Não, eu acho que assim as pessoas, provavelmente, com certeza, mas eu digo, acho que até o leitor consegue se colocar ali, né? A mulher com três filhos, dividindo a comida dela, porque ela tá achando que eu não vou ter comida. Que eu não vou conseguir como repórter. É demais, né? É demais.

Isis Bianco: Mas esses dilemas hoje em dia, se você fosse refazer hoje, eles seriam os mesmos, teriam novos?

Rebeca Kritsch: Esses deles me darem comida, ainda mais essa moça que ficou sabendo que eu era repórter, tipo assim, né? É, uau. a bondade dela, né? A generosidade dela. Eu acho que com certeza teria os mesmos dilemas. E que eu fazia também, principalmente depois que eu comecei ali, eu também repartia o que eu tinha, né? Ai, muita comida que eu ganhava dava para todo mundo, assim, porque eu como pouco e aí eu ganhava um monte de comida. Porque eu falava que eu estava grávida, né? Nossa, as pessoas me enchiam de comida. Aí eu dava também, que me fazia sentir melhor, porque tá bom, eles tão repartindo comigo, eu também vou repartindo com eles. Mas eu acho esses dilemas com certeza, outros então, sabe o que eu acho? Que seria hoje em dia fazendo que ia ser uma coisa bem difícil, a coisa do crack mesmo. Porque, na época, já tinha um pouquinho e eu já via as pessoas querendo me passar crack, me pedindo para carregar crack, para elas, pedra de crack, imagine hoje ia ser impossível não se envolver com aquilo, né? Imagina o perigo. Porque você tá lidando com o viciado, você tá lidando com o traficante, tem a polícia. Quer dizer, e é um negócio ilegal, é perigo por todos os lados, né? Aquela coisa do crack. Tentando imaginar, eu acho que seria diferente, mas eu acho que em termos de dilemas teria muitos outros que eu na época não existia, né?